

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LEONARDO CRISTIAN MARTINS

**O DISCO VOADOR DO MORENÃO:
UFOLOGIA, IDENTIDADE E CULTURA EM MATO GROSSO DO SUL**

Campo Grande-MS, 2024

LEONARDO CRISTIAN MARTINS

**O DISCO VOADOR DO MORENÃO:
UFOLOGIA, IDENTIDADE E CULTURA EM MATO GROSSO DO SUL**

Texto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme R. Passamani

Campo Grande-MS, 2024

BANCA EXAMINADORA

Arguidores,

Prof. Dr. Guilherme Rodrigues Passamani, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGAS)

Prof. Dr. Asher Grochowalski Brum Pereira, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGAS)

Prof. Dra. Dilza Pôrto Gonçalves, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/História)

Campo Grande-MS, 2024

RESUMO

No ano de 1982, durante uma partida de futebol entre Operário-MS e Vasco da Gama-RJ pela “Taça Ouro”, um objeto voador não identificado (OVNI) sobrevoou os céus de Campo Grande e foi visto por milhares de torcedores no estádio Pedro Pedrossian, o Moreirão. Tal evento é tratado pelos ufólogos brasileiros como um dos maiores avistamentos coletivos de disco voador do mundo. Sendo assim, esta dissertação explora a interseção entre ufologia, representação cultural e identidade em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Este trabalho tem como objetivo compreender como se deu o “Caso Moreirão” e quais desdobramentos desse evento para a cidade de Campo Grande. Para tal, analisa o aparecimento do Disco Voador no estádio Moreirão tendo como referência as características dos avistamentos de óvnis aceitos pela comunidade ufológica, além de discutir a relação entre o avistamento e a memória coletiva. Durante o trabalho de campo, foram realizadas interlocuções com nove pessoas, sendo dois ufólogos de Alto Paraíso de Goiás, que contribuíram para o entendimento de como se estrutura a ufologia nacional, e sete moradores de Campo Grande, que presenciaram o evento de dentro e fora do estádio. Deste modo, constatou-se que o evento ocorrido no Moreirão possui aspectos que o qualificam perante a ufologia na categoria de avistamento coletivo de disco voador e que o acontecimento influencia o imaginário campo-grandense até os dias atuais.

Palavras-chave: Disco Voador. Moreirão. Ufologia. Identidade. Memória Coletiva. Cultura Popular.

ABSTRACT

In 1982, during a football match between Operário-MS and Vasco da Gama-RJ for the "Taça Ouro," an unidentified flying object (UFO) flew over the skies of Campo Grande and was witnessed by thousands of spectators at the Pedro Pedrossian stadium, known as Moreirão. This event is regarded by Brazilian ufologists as one of the world's largest collective sightings of flying saucers. Therefore, this dissertation explores the intersection of ufology, cultural representation, and identity in Campo Grande, the capital of Mato Grosso do Sul. The study aims to understand the "Caso Moreirão" and its implications for the city of Campo Grande. It examines the appearance of the Flying Saucer at the Moreirão stadium in the context of accepted UFO sighting characteristics within the ufology community, and discusses the relationship between the sighting and collective memory. During fieldwork, dialogues were conducted with nine individuals, including two ufologists from Alto Paraíso de Goiás, contributing to the understanding of national ufology structure, and seven residents of Campo Grande who witnessed the event both inside and outside the stadium. It was found that the Moreirão event possesses attributes that categorize it within ufology as a collective sighting of a flying saucer, and that the incident continues to influence the imagination of Campo Grande residents to this day.

Keywords: Flying Saucer. Moreirão. Ufology. Identity. Collective Memory. Popular Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pórtico da cidade de Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal.....	34
Figura 2 – Tabacaria em Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal	35
Figura 3 – Grafite em Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal.....	37
Figura 4 – Produtos das lojas de Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal	38
Figura 5 – Pirâmide para meditação em Nova Gê. Fonte: arquivo pessoal.	40
Figura 6 – Extraterrestre em uma cúpula. Fonte: arquivo pessoal.	40
Figura 7 - Ingresso para a palestra sobre Exobiologia. Fonte: arquivo pessoal	43
Figura 8 - Incensário Alien com pedra de Quartzo Rosa. Fonte: arquivo pessoal.....	46
Figura 9 – Ata descrevendo o avistamento, assinada por José Maravieski	55
Figura 10 – Capa do Correio do Estado do dia 08/03/1982	63
Figura 11 – Reportagem do Correio do Estado do dia 09/03/1982	64
Figura 12 – Matéria do Jornal Lance, sobre os 40 anos do avistamento	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Formação identitária em Mato Grosso do Sul	13
Metodologia e desenvolvimento da pesquisa	16
A RELAÇÃO ENTRE UFOLOGIA E REPRESENTAÇÃO	27
MORENÃO, FUTEBOL E CRIAÇÃO DO ESTADO	50
2.1 O estádio Morenã.....	50
2.2 O Futebol em Mato Grosso do Sul	57
2.3 A criação do Mato Grosso do Sul.....	65
O ESQUECIMENTO COMO UM PROJETO	76
3.1 O projeto de Campo Grande: capital do Mato Grosso do Sul	77
3.2 O apagamento do Disco Voador	82
3.3 O reaparecimento do Disco Voador	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

Na noite de 6 de março de 1982, durante a partida de futebol pela segunda fase da *Taça de Ouro*, campeonato que equivalia ao Brasileirão, entre Operário-MS e Vasco da Gama-RJ, um acontecimento concedeu fama à cidade de Campo Grande e ao estádio Pedro Pedrossian, popularmente conhecido como Moreirão. O evento, posteriormente chamado “caso do óvni do Estádio Moreirão”, é considerado o maior avistamento coletivo de óvni¹ do Brasil e quiçá o maior do mundo. Segundo dados da *Placar Magazine* a partida teve cerca de 25.000 pessoas pagantes², mas esses dados não são conclusivos, visto que o jornal *Correio do Estado* registrou um público de 24.000 pessoas³. Somam-se a esse número habitantes que relatam ter visto luzes e um ou mais objetos não identificados de fora da arena, em outras partes da cidade e em outras localidades do estado de Mato Grosso do Sul.

Essa aparição influenciou a criação da revista *UFO*, o único periódico de Ufologia do país e a maior e mais antiga revista ufológica do mundo ainda em circulação. Ademar Gerværde, fundador da *UFO*, era professor de Química no Paraná e ao saber do caso se mudou para Campo Grande afim de pesquisar sobre o avistamento⁴. A *UFO* começou a ser publicada em 1985 e é recordista em longevidade e tiragem, não tendo sido descontinuada nenhuma vez em toda sua existência. Gerværde também é fundador do “Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores”, que completa 40 anos em 2023.⁵ O ufólogo faleceu em dezembro 2022.

¹ Originalmente uma sigla para Objeto Voador Não Identificado, essa palavra se tornou um substantivo masculino em 2009 de acordo com o registro oficial da língua portuguesa no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Utilizaremos o termo óvni como sinônimo de “Disco Voador”, uma vez que, no campo da Ufologia ambos costumam se referir à mesma coisa: uma aeronave de origem extraterrestre.

² O acervo da *Placar Magazine* se encontra disponível no *Google Books*, a edição a que me refiro é a de 12 de março de 1982, página 12. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=qKUYbDcW_xEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false. Acesso em 26, maio, 2023.

³ UM óvni, espetáculo na capital. **Correio do Estado**, Campo Grande, n. 8673, p. 7, 8 mar. 1982.

⁴ AVISTAMENTO de UFO sobre estádio em 1982 é tema de documentário. In: GERVAERD, Ademar José (ed.). **UFO**. [S. l.], 26 mar. 2014. Disponível em: <https://ufo.com.br/avistamento-de-ufo-sobre-estadio-em-1982-e-tema-de-documentario/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

⁵ GERVAERD, Ademar José (ed.). **UFO**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://ufo.com.br/gevaerd/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

Além disso, o evento colocou Mato Grosso do Sul como um polo da Ufologia nacional, onde ainda se destacam outros casos, como a reportagem protagonizada pela aparição do ET Bilu, veiculada pelo *Domingo Espetacular* na rede *Record* em 2010⁶. Durante a reportagem, foram apresentados os membros do *Projeto Portal* e a comunidade Zigurats, liderados por Urandir Fernandes de Oliveira. Urandir é um ufólogo descreditado na comunidade nacional, por conta de uma série de controvérsias ligadas ao seu nome, como a teoria da terra convexa e o próprio ET Bilu, que posteriormente foi revelado como um falso caso de contato extraterrestre.⁷

Outro nome de relevância nacional é Lúcio Barbosa, ufólogo sul-mato-grossense que teve uma série de encontros com extraterrestres. Lúcio é uma das pessoas que afirmam ter tido contato com Ashtar Sheran, um ser que costuma aparecer para "escolhidos" desde o século XIX, trazendo orientações para a humanidade. Na década de 1990, Lúcio avistou um objeto luminoso no Morro Canastrão, próximo da região de Sidrolândia. Desse objeto, surgiu Ashtar, que conversou com Lúcio sobre uma catástrofe iminente cuja principal causa seria a ganância humana.⁸

O presente trabalho propõe uma investigação minuciosa do incidente do óvni no estádio Moreirão, visando compreender suas implicações e influências na sociedade sul-mato-grossense. Ao abordar aspectos como as reações da comunidade local, possíveis mudanças culturais e repercussões sociais buscam-se não apenas desvendar o evento em si, mas também contextualizar suas ramificações mais amplas no tecido social da região. O objetivo central é fornecer uma análise abrangente e aprofundada, lançando luz sobre as dinâmicas sociais moldadas pelo encontro entre o fenômeno ufológico e a comunidade sul-mato-grossense no contexto específico do estádio Moreirão.

O aparecimento de uma série de luzes se deu acima do estádio Moreirão durante o jogo entre o Operário, time de Campo Grande, e o Vasco da Gama. Essa foi uma partida importantíssima dentro da *Taça Ouro* e resultou em uma das melhores campanhas do Operário em competições nacionais. Apesar de haver algumas

⁶ STYCER, Mauricio. Bilu, o ET de Corguinho, questiona a Record. In: **UOL**. [S. l.], 18 out. 2010. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2010/10/18/bilu-o-et-de-corguinho-questiona-a-record/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

⁷ COMUNIDADE Ufológica Brasileira repudia condecoração ao pai do ET Bilú. In: GERVAERD, Ademar José et al, (ed.). **UFO**. [S. l.], 20 ago. 2019. Disponível em: <https://ufo.com.br/comunidade-ufologica-brasileira-repudia-condecoracao-ao-pai-do-et-bilu/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

⁸ LÚCIO Barbosa e seus contatos com ETs. In: GERVAERD, Ademar José (ed.). **UFO**. [S. l.], 1 jun. 1998. Disponível em: <https://ufo.com.br/lucio-barbosa-e-seus-contatos-com-ets/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

divergências quanto a formato e tamanho, podemos afirmar que o “Disco Voador” possui as características usualmente comuns à aparições verificados pela comunidade ufológica, como trajeto errático, ausência de barulho e luzes fortes. Segundo interlocutores, só foi possível ver o objeto da parte descoberta da arena, uma vez que ele surgiu vindo da direção contrária dos lugares cobertos. No dia seguinte ao jogo, a revista *Placar* noticiou a grande vitória do Operário por 2 a 0, mas não houve qualquer menção do aparecimento pela grande mídia.⁹

Os óvnis são um dos mitos mais populares da atualidade. Em uma notícia de 2015 publicada no site oficial do Ministério da Justiça, atual Ministério da Justiça e Segurança Pública, foi anunciado que o acervo sobre óvnis é um dos mais visitados no Arquivo Nacional¹⁰. Desde a década de 1950, há um grande interesse da população geral sobre o mito e, portanto, busco nesse trabalho antropológico compreender o que o “Caso Morenã” trouxe de mudanças no imaginário e na cultura popular de Campo Grande e região. Durante esse texto tomarei emprestado um dos pressupostos da Ufologia que é a utilização dos termos óvni e “Disco Voador” como sinônimos. Para os ufólogos o Objeto Voador é muito identificado e possui origem extraterrestre, sendo comumente chamado de “Disco Voador”. Vale lembrar também que o termo “Disco Voador” indica mais sobre sua essência alienígena do que sobre seu formato, visto que existem naves cilíndricas, piramidais, entre outras.

Apesar de ter relação com outras narrativas de sociedades distintas, o mito do “Disco Voador” difundido hoje em dia é de origem estadunidense¹¹. No Brasil, o óvni experimenta uma série de ressignificações, uma vez que passa por condições históricas globais e locais¹², tomando para si algumas características e relações que o diferem do seu mito gerador. Ainda assim, esse mito não se torna outra coisa totalmente distante do original, uma vez que mantém a sua partícula essencial, o mesmo mitema.

⁹ ANDRADE, Silvio de. Jones: O homem-demolidor. **Placar Magazine**, [S. l.], n. 616, p. 12, 12 mar. 1982. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=qKUYbDcW_xEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 1 jun. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/acervo-sobre-ovnis-e-um-dos-mais-visitados-no-arquivo-nacional>, acesso em: 06, abril 2023.

¹¹ Diversos autores afirmam que a difusão do “Disco Voador” como conhecemos é fruto do livro “*Flying Saucers from Outer Space*” de Donald Keyhoe, publicado em 1953. Este livro foi adaptado para o cinema em 1956, no clássico “A Invasão dos Discos Voadores”.

¹² Walter Mignolo (2003) trabalha o conceito de condições históricas planetárias e locais em *Histórias Locais\Projetos Globais*. Nesse livro o autor discute a ideia de que a construção do imaginário se dá por um duplo movimento a partir do interior e do exterior de um sistema.

Claude Lévi-Strauss (2008) define o mito como um todo composto por unidades constitutivas, sendo que a mais complexa delas é o mitema. Podemos compreender que o mitema é, portanto, uma partícula essencial do mito e que a sua ausência o desconfiguraria, transformando-o em algo distinto. Esses elementos podem ser concretos (um local ou período, por exemplo) ou abstratos (a sedução, a ganância, ou outra característica). Quando aplicamos essa perspectiva à análise das narrativas rotuladas como "Disco Voador", torna-se evidente que muitas características são compartilhadas, mas entre elas, destaca-se uma que se torna inextricavelmente ligada ao mito: a origem extraterrestre. Nesse contexto, a presença desse elemento não apenas confere uma característica distintiva às narrativas, mas também funciona como o mitema central que unifica as diferentes manifestações do mito do "Disco Voador". Assim, a compreensão do mitema extraterrestre torna-se crucial para desvendar a complexidade e a coesão por trás dessas narrativas mitológicas contemporâneas.

Mesmo tendo esse ponto em comum, a maneira como vemos o "Disco Voador" é modificada de acordo com a sociedade na qual estamos incluídos. A partir do momento que o óvni surge nos céus de Campo Grande, uma série de significados se entrelaça com o "Disco Voador", alterando seu voo. Esta teia aprende e apreende, uma vez que ela se constitui de uma série de conceitos que dizem respeito à memória coletiva e à vida social dos envolvidos. É o entrelaçamento desses sistemas simbólicos que Clifford Geertz (2008) dá o nome de cultura, ou seja, uma teia de significados em que cada indivíduo realiza uma interação recíproca¹³.

Dessa forma, é possível perceber que em uma determinada sociedade, os símbolos e significados são compartilhados pelos membros desse sistema cultural. As culturas, portanto, são uma *relação entre* indivíduos e não *estão nos* indivíduos. Não são sistemas privados. De acordo com Roque Laraia (2006), estudar a cultura é analisar esse código de símbolos que são divididos entre os membros dessa cultura.

A análise do avistamento do disco voador no Estádio Moreirão e sua relação com a construção da identidade campo-grandense pode ser compreendida à luz do conceito de "evento" de Marshall Sahlins (2003). Em sua obra "Cultura e Razão Prática", Sahlins destaca a importância dos eventos como momentos que possuem significados específicos para uma comunidade, moldando suas percepções e

¹³ O conceito de cultura como teia de significados é discutido por Clifford Geertz (2008) em "Interpretação das Culturas".

compreensões coletivas. Sendo assim, o avistamento do disco voador no Morenã pode ser considerado um evento significativo, que desencadeou uma série de reações e interpretações na comunidade campo-grandense. Esse evento não apenas impactou a esfera individual daqueles que testemunharam ou ouviram falar, mas também influenciou a narrativa coletiva sobre a cidade. A forma como a população local respondeu e interpretou esse avistamento contribuiu para a construção de uma identidade singular para Campo Grande.

É importante frisar que o aparecimento de objetos voadores e pontos luminosos no céu tem sido discutido por diversas sociedades no decorrer da história desde antes do surgimento da Ufologia. Entretanto, após a década de 1940 o mito toma a forma que reconhecemos hoje em dia nos Estados Unidos, graças a produções culturais de lá, como filmes e quadrinhos, durante a “Guerra Fria” e o desenvolvimento da indústria cultural estadunidense¹⁴. No Brasil a década de 1980 foi crucial para a formação e popularização da Ufologia brasileira, tendo como marco a criação da revista *UFO*. Hoje a maior revista de Ufologia do mundo, a *UFO* trouxe uma série de conceitos estadunidenses, como disco voador e alienígena, traduzindo e adaptando-os para o Brasil.

O evento do disco voador pode ter desencadeado reflexões sobre a relação da cidade com o desconhecido, suas crenças, mitos e valores culturais. A maneira como a comunidade absorveu e incorporou esse evento extraordinário pode ter gerado uma narrativa específica que, por sua vez, moldou a percepção da identidade campo-grandense. A cidade, a partir desse episódio, poderia se ver não apenas como um local geográfico, mas como um espaço que compartilha uma experiência única, tornando-se um elemento central na construção da identidade local. A análise do evento do disco voador à luz do conceito de Sahlins permite uma compreensão mais profunda de como experiências singulares podem desempenhar um papel crucial na construção da identidade cultural. As narrativas que emergem desses eventos extraordinários se tornam parte integrante do imaginário coletivo, contribuindo para a formação de uma identidade cultural única e distintiva para a comunidade campo-grandense. Em vista disso, busco evidenciar alguns elementos que permeiam o

¹⁴ Para compreender melhor o papel das mídias como arma ideológica, política e cultural durante o período de Guerra Fria, sugiro o artigo de Hugo Ramos, disponível em: https://www.academia.edu/3875619/A_Guerra_Fria_Cultural_Como_a_Cortina_de_Celul%C3%B3ide_Contribuiu_para_Derrubar_a_Cortina_de_Ferro. Acesso em: 19 abril 2023.

avistamento do Disco Voador no Morenã, com a intenção de compreender como a sociedade campo-grandense reagiu ao caso e seus motivos para tal.

Formação identitária em Mato Grosso do Sul

O primeiro ponto relevante a ser considerado é a criação do estado de Mato Grosso do Sul, que se tornou independente de Mato Grosso em 1977. As duas porções do antigo Mato Grosso se desenvolveram de forma distinta a partir do fim da guerra com o Paraguai. Tanto é que, desde a década de 1930, já surgiam panfletos divisionistas. De acordo com Daniel Attianesi e Guilherme Passamani (2018), a formação da Liga Sul-Mato-Grossense em 1932 deflagra um sentimento divisionista que já estava presente na sociedade campo-grandense. Um dos manifestos feitos pela liga, que era majoritariamente formada por universitários de Campo Grande, chegou a incluir um abaixo-assinado com milhares de assinaturas dos habitantes do sul de Mato Grosso.

O Norte possuía uma identificação com a Amazônia, enquanto o Sul se aproximava do oeste paulista, do Rio Grande do Sul e do Paraguai. Além disso, existia uma rixa entre as elites econômicas, uma vez que os impostos do Sul eram pagos para o governo cuiabano e redistribuídos de forma desigual, privilegiando Cuiabá e as cidades do Norte. Essa relação "distante" da porção sul do Mato Grosso com a administração central em Cuiabá acabou gerando uma série de pressões políticas e sociais que culminaram na divisão do estado no período da ditadura civil-militar.¹⁵

Muito se discutiu entre as décadas de 1970 e 1980 sobre a identidade sul-mato-grossense, especialmente no que diz respeito à desvinculação de Mato Grosso no cenário nacional. Dentro desse contexto, o futebol de Mato Grosso do Sul e representações artísticas como o cantor Almir Sater e a novela Pantanal foram bastante relevantes, tendo em vista que foram essas representações que chegaram à grande mídia. O Mato Grosso do Sul é um estado formado por diversos grupos distintos, de origens pantaneiras, paraguaias, japonesas, indígenas, paulistas, entre outros.¹⁶

¹⁵ Marisa Bittar (1999) discute os tensionamentos que levaram à divisão do estado em 1979 no artigo *Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso*.

¹⁶ Essa formação multiétnica é evidenciada desde o início do século por Carlos Amarilha (2006) e consta em panfletos veiculados por grupos divisionistas do sul de Mato Grosso. Disponível em:

Essa multiplicidade identitária se espalha pelas onze microrregiões do estado¹⁷, cada uma com condições histórico-geográficas próprias. A região central, formada por Campo Grande e cidades vizinhas, possui uma identidade que difere das demais regiões do estado, uma vez que os contextos de formação identitária e de criação da cidade são distintos. Um exemplo que demonstra essa relação é o fato de que a capital do Mato Grosso do Sul esteve ligada a São Paulo desde 1914, por meio da estrada de ferro Noroeste do Brasil, e posteriormente por uma estrada asfaltada, que interligou Campo Grande ao sudeste antes mesmo de conectar a cidade a Cuiabá. Ressalto aqui que Campo Grande, intitulada capital do Pantanal, está a centenas de quilômetros do mesmo e possui pouca relação com as questões fronteiriças que marcam outras regiões, como Corumbá ou Ponta Porã.

O Morenã, arena em que ocorreu o avistamento, foi um dos estádios construídos no governo Médici durante a ditadura militar. Por muitos anos o Morenã foi o maior estádio universitário da América Latina e é até hoje o maior do Brasil em sua categoria. Por meio do estádio, há uma busca por representação¹⁸ dentro do cenário nacional e as formas de exaltação do Morenã não são feitas de forma neutra. Discursos como esse surgem para reafirmar a cidade como capital do Mato Grosso do Sul, um estado que busca se desvincular de Mato Grosso desde sua criação.

A fundação do estádio Pedro Pedrossian, apelidado de Morenã, ocorreu em 1971 em um processo que visava demonstrar o alinhamento da política mato-grossense com o governo federal. Durante a década de 1970, vários estádios foram construídos pelo país, como o Serra Dourada em Goiânia e o José Fragelli em Cuiabá, e podemos dizer que os representantes locais do sul de Mato Grosso também “surfaram na onda” da euforia pelo tricampeonato mundial da *Seleção Canarinho*¹⁹. O que diferencia o Morenã desses e outros estádios criados no período é a relação dele com a universidade federal. Isso se deve ao próprio Pedro Pedrossian, na época

<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/320/1/CarlosMagnoMieresAmarilha.pdf>. Acesso em: 19 abril 2023.

¹⁷ As onze microrregiões do estado são: Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Coxim, Jardim, Dourados, Naviraí, Nova Andradina, Ponta Porã, Paranaíba e Três Lagoas

¹⁸ Representação é um conceito discutido por Roger Chartier (1988) que afirma que por meio dessas percepções da vida social existem diversos discursos que buscam consolidar algum tipo de posicionamento. Tais representações concorrem entre si, lutando para ter suas condutas legitimadas.

¹⁹ A seleção brasileira de futebol passou a ser chamada de seleção canarinho após a realização de um concurso para a troca do uniforme oficial da equipe em 1953. A justificativa para a troca de uniforme foi que a camisa branca não representava as cores da bandeira nacional, sendo substituída pela camisa amarela com detalhes verdes, criada por Aldyr Garcia Schlee que permanece até hoje. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/DQWBCilxN2jqKQ?hl=pt-br>. Acesso em: 19 jun. 2023.

governador de Mato Grosso, que considerou a localização para que o estádio pudesse ser utilizado pelo curso de Educação Física e treinamentos militares de soldados do exército.²⁰

As décadas de 1970 e 1980 em Mato Grosso do Sul são marcadas por uma grande paixão pelo futebol local, que se refletem nas médias de público e no crescimento dos dois principais times do estado, Operário e Comercial. Em 1978 o estádio Pedro Pedrossian teve o maior público de sua história, com 38122 pessoas pagantes, na partida entre Operário e Palmeiras²¹. No ano anterior, o Operário teve o melhor desempenho da história do estado em competições nacionais, alcançando o terceiro lugar no *Campeonato Brasileiro*²². Os clássicos entre Operário e Comercial, apelidados de “Comerário”, eram realizados com portões abertos durante a *Taça Campo Grande* e batiam recordes de público.²³ Os dois clubes venceram todas as edições do *Campeonato Mato-grossense* entre 1974 e 1978²⁴ e mantiveram sua superioridade no eixo regional após a criação do Mato Grosso do Sul e do campeonato Sul-Mato-Grossense.

Esse apego pelo esporte nas décadas em que ocorre o processo de fundação do estado também carrega um orgulho de ser sul-mato-grossense. Tais questões identitárias remetem ao conceito de cultura popular²⁵, discutido por Antônio Arantes (1990), ou seja, as maneiras de ser, viver e pensar de Campo Grande dizem respeito não somente ao contexto político, econômico e social da época, mas também da própria noção do que é ser campo-grandense, em um cenário de elevação da cidade à capital do estado recém-criado. O bom desempenho dos times de Mato Grosso do

²⁰ Essas discussões sobre a criação do Morenã se encontram no artigo de João Fernando Pelho Ferreira, disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856591_ce3e41fb0ab50915352389578e3a8797.pdf

²¹ Os principais dados do estádio Morenã foram compilados por Gabriel Sato (2021). Disponível em: <https://www.dci.com.br/esporte/conheca-a-historia-do-estadio-morenao-numeros-e-curiosidades/110446/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

²² O site oficial do Operário traz informações dos maiores feitos do clube, incluindo essa colocação no Brasileiro e o título da *President's Cup*, campeonato Mundialito em 1982. Disponível em <https://operario.com.br/historia>. Acesso em: 19 jun. 2023.

²³ Rafael Ribeiro (2018) fala da relação entre os clubes, o estádio e o aniversário de Campo Grande, no artigo “Morenã: palco de todos os corações de Campo Grande”. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/morenao-palco-de-todos-br-os-coracoes-de-campo-grande/335029/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

²⁴ O registro de vencedores do *Campeonato Mato-Grossense* se encontra no site “Campeões do Futebol”. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/mato_grosso.html. Acesso em 19 jun. 2023.

²⁵ Antônio Arantes (1990) discute que o processo de construção da cultura popular passa por uma “ilusão necessária” de homogeneidade social em contraponto à realidade heterogênea. Apesar de sermos seres totalmente únicos, há um esforço para se criar uma identidade que nos aproxime, tornando-nos parte de um grupo ou povo, que compartilha os mesmos costumes e práticas culturais.

Sul, especialmente o Operário e o Comercial, significava para muitos a consolidação de Mato Grosso do Sul perante a perspectiva nacional, uma vez que o futebol é o esporte mais popular do país.

Metodologia e desenvolvimento da pesquisa

Na condução do trabalho de campo, a metodologia adotada fundamentou-se na perspectiva teórico-metodológica de narrativas antropológicas, especialmente alinhadas às ideias de Kofes e Manica (2015). Essa abordagem foi central para compreender e interpretar a riqueza das experiências e práticas culturais dos participantes, indo além da mera coleta de informações. A pesquisa buscou destacar a importância das narrativas como instrumentos de expressão e construção do conhecimento, especialmente quando se trata de temas intrinsecamente ligados à cultura e identidade. A metodologia baseada nas narrativas propôs a realização de entrevistas que transcendiam a busca por informações isoladas. Essas conversas foram concebidas como espaços para a expressão das vivências e percepções dos participantes, permitindo a análise das práticas culturais presentes em suas narrativas de vida. A ênfase na interação e na escuta sensível foi crucial para captar nuances, significados e elementos simbólicos que compõem as experiências individuais.

Além das entrevistas, a pesquisa contemplou a observação participante como uma estratégia metodológica relevante, alinhada à proposta de Kofes e Manica. Para tal, foi utilizada uma perspectiva que se alinha com os posicionamentos de Goffman (1959), que considera a observação participante como uma forma de imersão no "palco" social em que os indivíduos se encontram. Ao participar ativamente do grupo ou da situação que está sendo estudada, o pesquisador se torna um "ator" que interage com os outros e observa os papéis e as dinâmicas sociais de dentro. Isso permite uma compreensão mais profunda das "performances" diárias e das estratégias que os indivíduos utilizam para gerenciar suas identidades e interações sociais.

Essa imersão no ambiente me possibilitou compreender as práticas culturais de maneira mais holística, observando não apenas o que era verbalizado, mas também os elementos não verbais que enriquecem as narrativas e revelam aspectos mais sutis e profundos das experiências compartilhadas. Foi necessário buscar compreender, ainda que de maneira modesta, os contextos sociais e de vivência de cada um dos

interlocutores para vislumbrar suas relações com o avistamento. Ao adotar essa abordagem, tive a intenção de transcender uma visão meramente objetiva, considerando a subjetividade e a complexidade das narrativas individuais.

Por meio das entrevistas, busquei entrar em contato com pessoas de diferentes grupos sociais, de modo a demonstrar que o evento em si não foi limitado a apenas uma parte da sociedade campo-grandense. Também é possível perceber que o próprio ocorrido não é visto igualmente pelas pessoas, gerando diferentes perspectivas de acordo com a vivência de cada colaborador. Durante o processo de entrevista também inclui perguntas que se referem ao desenvolvimento da cidade de Campo Grande após a criação do Mato Grosso do Sul, a trajetória de vida do colaborador e a sua percepção acerca do estado nos dias atuais. Tais perguntas contribuem para o melhor entendimento do ponto de vista do colaborador, bem como a importância que ele dá ou não ao avistamento do estádio Moreirão enquanto formador da identidade local. Essas perguntas também contribuem para o processo de estruturação da narrativa, uma vez que a memória se constrói por meio de pontos de referência.

A memória, apesar de ser baseada nas nossas vivências individuais, se desenvolve de forma coletiva. Maurice Halbwachs (1990) discute que os processos de criação de uma memória se desenvolvem no meio social e o enaltecimento de um ou outro ponto de vista indica muito dos valores da sociedade em que se está inserido. Em Campo Grande, as luzes vistas pelos interlocutores da minha pesquisa só foram identificadas como “Disco Voador” porque ocorreram em uma cidade que reconhece e relaciona o aparecimento como pertencente a essa categoria simbólica. A memória coletiva da sociedade campo-grandense permite que essa narrativa seja transmitida ou esquecida, com base nos entrelaces simbólicos que permeiam a cidade. Compreendo então que o exercício de lembrar um momento como esse passa por uma série de lembranças paralelas, como os arredores do estádio, a cidade, as pessoas que estavam com o colaborador, entre outras. Da mesma forma, o silenciamento de alguns nuances considerados não importantes é parte da formação da memória.

Segundo Michael Pollak (1989), a memória é construída por duas operações diferentes, a lembrança e o esquecimento. As memórias são construídas coletivamente e, portanto, situações do passado que não são estimuladas a serem lembradas pelo espaço social costumam ser silenciadas. Durante minhas conversas

sobre meu tema de pesquisa na universidade, percebi que muitos acadêmicos mais jovens não tinham conhecimento do “Caso Morenã”, o que pode indicar que essa narrativa não vem sendo contada para as gerações mais novas. Outro ponto que contribui para o esquecimento do “Caso Morenã” é a ausência de uma comunidade ufológica bem estruturada em Campo Grande.

Diante da ausência de uma comunidade campo-grandense, surgiu a necessidade de aprofundar meu entendimento sobre a ufologia e o desenvolvimento dessa área no Brasil. Durante o processo de investigação, deparei-me com a existência de diversos polos ufológicos no país, sendo o mais proeminente localizado em Alto Paraíso de Goiás. Guiado pelo meu campo, direcionei-me a essa cidade, onde realizei uma análise abrangente dos diferentes ramos da ufologia, buscando uma compreensão mais profunda dessa disciplina como área de estudo. Para embasar minha pesquisa, lancei mão das ideias apresentadas por Daniel Carlos (2007).

Em Alto Paraíso de Goiás, constatei a presença marcante da ufologia nos espaços sociais locais. A cidade tornou-se um verdadeiro epicentro para estudiosos e entusiastas do fenômeno ufológico, congregando eventos, palestras e grupos de estudo sobre o tema. Nesse contexto, observei a distinção estabelecida por Daniel Carlos (2007) entre a ufologia mística e científica, delineando claramente as diferentes abordagens e perspectivas dentro dessa disciplina. A ufologia mística muitas vezes se fundamenta em experiências pessoais, crenças espirituais e interpretações metafísicas, enquanto a ufologia científica busca uma abordagem mais objetiva, apoiando-se em métodos de pesquisa, análises científicas e evidências empíricas. A presença dessas duas correntes evidencia a complexidade e diversidade de abordagens dentro do campo ufológico em Alto Paraíso, revelando uma dinâmica rica e multifacetada no estudo dos fenômenos relacionados a objetos voadores não identificados. Em síntese, a imersão em Alto Paraíso de Goiás proporcionou uma compreensão aprofundada do desenvolvimento da ufologia brasileira, estabelecendo uma base crucial para analisar as distintas nuances nas relações de Campo Grande com o caso Morenã.

No processo de formação do meu campo notei a ausência de mulheres, isso provavelmente se deve a um aspecto machista que era muito presente no futebol no período, considerando que a própria prática do esporte era proibida às mulheres até

o final da década de 1970²⁶. De acordo com Fábio Franzini (2005), a história das mulheres torcedoras do século XX se deu em espaços reservados a elas, em uma espécie de “gueto da torcida”. Devido ao tamanho do jogo e ao número de presentes, é possível que houvesse mulheres no estádio Morenã durante o incidente do Disco Voador, mas durante a pesquisa de campo, não consegui estabelecer contato com nenhuma delas.

Durante o processo seletivo para o mestrado, fui questionado sobre a formação do meu campo. Apesar da grande quantidade de pessoas presentes na partida entre Operário e Vasco, o evento já estava prestes a completar 40 anos, o que poderia dificultar minha busca por pessoas que presenciaram o ocorrido. De fato, inicialmente não considerei que enfrentaria dificuldades para entrar em contato com essas pessoas, com base nos vários relatos que ouvi de amigos cujos parentes mais velhos “estavam lá”. No entanto, posteriormente percebi que meu campo era formado por pessoas mais idosas e que para encontrar esses indivíduos precisaria de uma conexão prévia com alguém conhecido por eles.

Eu percebi isso porque quando tentei contatar pessoas que fizeram postagens e comentários pelas redes sociais afirmando ter presenciado o “Disco Voador do Morenã” não obtive resposta. Essa falta de resposta ocorre porque as solicitações de mensagens feitas por pessoas desconhecidas não são notificadas pelos aplicativos, indo parar em uma área própria para solicitações e *spam*, passando despercebido aos usuários. Buscando uma alternativa à essa problemática, tentei solicitar amizade nas redes de algumas pessoas, mas também não obtive sucesso. Eles não me conheciam, então não tinham motivo para permitir que eu acessasse suas vidas *online*.

No decorrer do trabalho de campo, eu mantive contato com nove interlocutores, sendo dois ufólogos de Alto Paraíso de Goiás e sete moradores de Campo Grande, que estiveram presentes no estádio no dia do aparecimento do óvni. Durante as conversas com os interlocutores surgiram diferentes questionamentos, não apenas sobre o caso em si, mas também sobre as trajetórias e experiências pessoais de cada um, de modo a compreender um pouco a perspectiva do colaborador. Compreende-se aqui que presenciar um evento de qualquer tipo não é uma relação passiva, pois o ato de observar é alterado pelas lentes de nossas experiências vividas.

²⁶ A discussão sobre a história do futebol feminino pode ser encontrada em Rebeca Vedove (2021), disponível em <http://hdl.handle.net/11449/214199>, acesso em 19 abril 2023.

A escolha do tema do disco voador no Estádio Morenã surgiu de uma conversa casual no Escobar, um bar frequentado por estudantes universitários próximo à faculdade. A narrativa do avistamento despertou meu interesse não apenas pela curiosidade sobre o fenômeno em si, mas também pela forma como ele se entrelaçava com a identidade coletiva da cidade. Ao refletir sobre esse evento extraordinário, percebi como ele se tornou parte da mitologia urbana de Campo Grande, alimentando não apenas a imaginação das pessoas, mas também influenciando sua percepção de si mesmas e de sua comunidade. Essa relação entre mitologia e identidade se manifesta na forma como histórias como essa permeiam o tecido social, moldando as crenças e valores compartilhados, e afetando profundamente a forma como os indivíduos se relacionam com o lugar que chamam de lar. Com o crescimento urbano e os processos migratórios em Campo Grande, tais narrativas costumam perder espaço em meio à diversas vivências externas à cidade. Eu mesmo só fui saber sobre o avistamento após anos vivendo na capital.

Nesse sentido, eu enquanto pesquisador, não estive isento dessa mudança de perspectiva e percepção. A imersão no campo de estudo teve um impacto profundo em minha abordagem, ecoando as ideias de Favret-Saada (2005). A etnógrafa francesa destaca a importância de reconhecer as dimensões emocionais e afetivas presentes nos campos etnográficos. Em vista disso, percebi que meu envolvimento com o fenômeno ufológico no estádio Morenã transcendeu as análises objetivas, refletindo a complexidade das relações entre os participantes e o contexto social. A abordagem sensível proposta por Favret-Saada proporcionou uma compreensão mais profunda das dinâmicas subjacentes, permitindo a exploração das camadas emocionais que permearam a experiência no campo.

Essa experiência no campo também se relaciona à perspectiva de Marcio Goldman (2003) e sua análise dos tambores dos vivos e dos mortos, visto que o campo se tornou um espaço onde as fronteiras entre o racional e o emocional, o tangível e o simbólico, se entrelaçam. Assim como os tambores ressoam em diferentes esferas da existência, minha experiência no campo foi permeada por nuances emocionais e simbólicas. Permitir-me ser afetado pelo objeto de pesquisa proporcionou uma exploração mais aprofundada das dimensões simbólicas presentes no fenômeno ufológico no estádio Morenã, destacando a importância de considerar

as narrativas culturais e as expressões simbólicas na análise etnográfica e enriquecendo a compreensão do contexto estudado.

Durante o processo de construção da rede de interlocutores, tive a oportunidade de me envolver com indivíduos provenientes de diversos grupos sociais. Essa ampla diversidade de colaboradores na pesquisa engloba pessoas de diferentes faixas etárias, cores de pele e ocupações profissionais. É importante ressaltar que, a fim de proteger a privacidade e preservar a confidencialidade das identidades dos interlocutores, optei por utilizar pseudônimos ao mencioná-los e, em certos casos, omitir detalhes específicos sobre os locais envolvidos. Assim sendo, segue abaixo uma apresentação breve de cada um desses indivíduos.

Os dois primeiros colaboradores que tive contato são moradores de Alto Paraíso de Goiás. Realizei uma viagem para essa cidade em julho de 2022 e tinha o objetivo de entender um pouco de como se construiu a Ufologia nacional. A cidade é um dos polos de Ufo Turismo do país e dialoguei sobre o assunto com várias pessoas lá, das quais se destacam Marcos e Felipe.

Marcos é dono de uma pousada, aqui nomeada Nova Ge, um ambiente no meio da estrada onde os viajantes podem *descansar seus corpos e espíritos*. Seu interesse por objetos voadores surgiu por conta de seu pai, que era caminhoneiro e contava histórias de dois avistamentos de luzes estranhas na estrada que ele presenciou. Por conta dessa fascinação, Marcos começou a viajar e ir em locais de interesse ufológico, pesquisar e tentar encontrar uma indicação para que se estabelecesse em algum local. Após viajar para região de Alto Paraíso de Goiás, ele avistou um sinal dos céus e resolveu que ali era onde iria fundar sua pousada. Marcos criou esse espaço como um lugar de repouso, acreditando nas conexões entre todos os seres vivos e na energia que flui por todos nós. Nova Ge é, portanto, um local onde há uma sensação de conforto e tranquilidade, onde o diálogo sobre o místico e o científico se mesclam. Posteriormente, por conta das minhas pesquisas, percebi que Marcos se enquadra em uma categoria da “Ufologia Mística”, que é mais conectada ao movimento Neo-Esotérico.

A “Ufologia Mística” é uma ramificação da Ufologia que relaciona o “Fenômeno UFO”²⁷ ao neo-esoterismo. O termo “neo-esotérico” foi explicado por José Magnani (1999) como uma alusão a ritos ou elementos doutrinários que anteriormente eram

²⁷ O Fenômeno UFO, ou o aparecimento de corpos celestes, é o objeto de estudo da Ufologia.

relativos a um grupo seletivo, mas que hoje se vinculam a uma multiplicidade de produtos e serviços. Esse fenômeno é heterodoxo em sua essência, uma vez que conecta uma série de crenças diversas sob um mesmo ponto de confluência. Na Ufologia Mística, há uma aproximação dos óvnis a explicações de caráter *Mágico-Mítico-Religioso*, interpretando-se, em sua maioria, os contatos com seres extraterrestres como um auxílio que esses seres *espiritualmente* mais evoluídos oferecem à raça humana.

Felipe, por outro lado, é professor de física e dono de uma loja especializada em artigos com temática alienígena no centro da cidade, que chamarei de ETstore. A região central possui uma série de lojas com essa temática, mas o estabelecimento de Felipe se destaca por conta de palestras e encontros que ele realiza semanalmente para discutir o fenômeno UFO e realizar observações do céu com uso de um telescópio. Felipe e sua esposa acabaram chegando à região da Chapada dos Veadeiros após um período trabalhando com política em Brasília, que ele chamou de “prostituição intelectual”. Saindo da capital, eles resolveram fazer um concurso e se mudaram para Alto Paraíso de Goiás, onde dividem o tempo entre a loja, aulas de física no interior, pesquisas e palestras. Apesar do interesse mais comercial, a Etstore se tornou um espaço de discussão e análises fundamentadas sobre fenômenos ufológicos e abduções. Felipe se aproxima mais da “Ufologia Científica”, que busca conectar a Ufologia com as ciências “duras”.

A “Ufologia Científica” é uma ramificação da Ufologia que relaciona o “Fenômeno UFO” às ciências naturais e exatas, apelidadas ciências “duras”. Para tal, buscam-se evidências e comprovações da existência dos extraterrestres, por meio de práticas metodológicas e um rigor científico. Sendo assim, esse ramo aproxima os óvnis a explicações de caráter *Lógico-Científico-Racionais*, interpretando-se, em sua maioria, os contatos extraterrestres como um auxílio que esses seres *tecnologicamente* mais evoluídos oferecem à raça humana.

Após esse contato com pessoas da área da Ufologia, iniciei uma outra etapa do trabalho de campo com pessoas que estiveram presentes no dia do aparecimento do óvni no estádio Moreirão. Meu primeiro encontro se deu graças a conhecidos da UFMS, que me apresentaram a Armando, funcionário da UFMS que estava presente no dia do aparecimento do “Disco Voador”. Armando trabalha desde 1979 no Estádio Pedro Pedrossian e acompanhou vários momentos do estádio. Conversamos sobre a importância do Moreirão e as diferentes atividades que ocorreram lá, como bingos

beneficentes, jogos de futebol marcantes, shows e outros eventos. Conversei com ele no próprio estádio, o que permitiu a Armando me mostrar como ele presenciou o evento, de onde as luzes vieram, para onde foram e a reação das pessoas que lá estavam.

Meu segundo encontro em Campo Grande foi com Eduardo, que tem uma relação afetiva muito forte com o Operário/MS. Eduardo trabalha com uma empresa de seguros e faz parte diretoria do Novo/MS, um clube de futebol que surgiu após uma dissidência entre parte da diretoria do Operário e os torcedores. Eduardo estava do lado de fora do Moreirão no dia do jogo e conseguiu ver o Disco vindo de uma perspectiva mais ampla que os torcedores que estavam no estádio.

Um dos meus companheiros do curso de Antropologia me recomendou falar com Ítalo. Professor de história de um colégio particular há décadas, Ítalo é apaixonado pela arte de educar. Durante uma de nossas conversas, em frente à escola que ele leciona, fomos interrompidos por uma ex-aluna de Ítalo, que nos viu e pediu para tirar uma foto, emocionada. Além de lecionar, ele é um entusiasta do futebol e torcedor do Santos/SP. No dia do evento, Ítalo não se importava muito com o resultado do jogo Operário x Vasco e estava lá apenas para apreciar a partida. Com relação ao avistamento, para ele o caso do Moreirão é algo enigmático e que até hoje não houve explicação plausível.

Ainda por intermédio de uma pessoa do curso de Antropologia, fui levado a conhecer Lázaro. Professor de direito em uma faculdade, Lázaro é um aficionado por coisas antigas e sua casa, onde nos encontramos para conversar, é um espetáculo à parte, cheia de objetos antigos, restaurados ou com estética retrô. Nascido em Aquidauana e torcedor do Palmeiras, Lázaro afirma não acreditar em fenômenos sobrenaturais, mas que o caso do Moreirão é algo que ele não consegue refutar, pois estava lá e viu. O pai dele foi narrador esportivo e, por conta disso, ele acompanhava os jogos com frequência. Para ele, o caso do Moreirão é um dos acontecimentos que, mesmo que brevemente, “colocou Mato Grosso do Sul no mapa” e gerou um sentimento de identidade regional e comunidade.

Conversando brevemente sobre meu trabalho em um dos blocos da universidade, eu acabei descobrindo que o pai de uma das minhas ouvintes, que eu não conhecia, mas estava com uma amiga em comum, viu as “estranhas luzes” no mesmo dia do jogo, mas não do estádio Moreirão. Esse encontro inusitado me levou a conversar com João, que avistou o óvni no centro de Campo Grande, enquanto

caminhava pela cidade. João também me apresentou uma perspectiva de como a capital era nos seus primeiros anos após a divisão do Mato Grosso, o que me trouxe um entendimento do crescimento que Campo Grande e o estado de Mato Grosso do Sul tiveram como um todo. Para analisar os desdobramentos e as influências que o “Caso Morenã” teve na formação cultural de Campo Grande, é necessário considerar o crescimento populacional e urbano que a cidade vivenciou nas últimas quatro décadas.

Gerson foi uma das primeiras pessoas que considerei para colaborar na construção do campo, mas acabou sendo um dos últimos interlocutores a participar da minha pesquisa. Isso ocorreu devido a uma série de desencontros entre mim e a pessoa que deveria fazer a conexão para que eu pudesse conhecê-lo, uma das amizades mais antigas que tenho na universidade e costumava me falar sobre Gerson sempre que eu mencionava o projeto. Ele presenciou não um, mas dois eventos de óvni na UFMS, sendo o segundo no teatro Glauce Rocha alguns anos depois do caso Morenã. Apesar de descrever os avistamentos e afirmar que eles foram vistos por parentes de outra cidade no mesmo dia e horário, Gerson ressalta que não considera esses eventos como importantes na identidade do estado, classificando-os como “coisa que passa e não fica registrado para muitas pessoas”.

Nesse ponto da pesquisa eu já havia começado a escrever um esboço da dissertação, uma vez que estávamos próximos do início do último ano de mestrado e era o momento de eu colocar minhas ideias no papel, terminar as transcrições e escrever a dissertação em si. Entretanto, surgiu uma oportunidade de conversar com mais uma pessoa. Considerei que esse último encontro poderia contribuir em alguns aspectos da pesquisa e conheci Alan.

Alan é escritor de ficção e cronista. Durante nossa conversa, discutimos questões relacionadas à História Regional de Mato Grosso do Sul, como a Guerra do Paraguai, a formação do estado e a ausência relativa de pontos turísticos em Campo Grande, bem como o desperdício das potencialidades da região. Além disso, abordamos suas obras escritas e o tema do “Disco Voador” e seu posterior “apagamento”. Alan especulou sobre os possíveis motivos para o desaparecimento dessa narrativa no âmbito popular da cidade. Através dessa conversa, pude traçar alguns caminhos metodológicos e definir certos pontos que pretendia abordar em minha dissertação, considerando o progresso da pesquisa até então.

Além do diálogo com essas pessoas, durante o campo também realizei uma revisão bibliográfica sobre o assunto. Dentre os materiais que tive acesso cabe destacar dois documentos específicos, que tratam do “Caso Morenã.”

O primeiro foi a transcrição de um documentário chamado “O que era Aquilo”, realizado por dois acadêmicos de jornalismo da UFMS, que contava com entrevistas de ex-jogadores e outros profissionais do esporte. O trabalho desses acadêmicos visava analisar o declínio do futebol sul-mato-grossense, mas ainda assim, a leitura me permitiu reunir algumas informações relevantes.

O outro material que consegui obter foram as fotos do jornal *Correio do Estado*. Foram realizadas duas reportagens falando do “Disco Voador” do Morenã, nos dias oito e nove de março de 1982, mas elas não possuem autoria. O *Correio do Estado* realizou posteriormente algumas postagens lembrando o evento e referenciando essas páginas, entretanto, mesmo no site oficial não havia acesso aberto a elas em boa qualidade. Obtive-as graças a uma colaboradora e pude analisar os textos originais.

No decorrer da etnografia, realizei um esboço do que pretendia discutir em cada um dos capítulos. Esse rascunho inicial sofreu mudanças, graças aos imponderáveis que surgiram no campo. Durante o processo surgiram alguns problemas, tais como o falecimento de Gervard, que vivia recluso desde a perda de sua esposa de forma que não pude contatá-lo, pessoas que não respondiam minhas tentativas de contato por meio de mensagens, a indisponibilidade de documentação regional dos anos 1980 *online* e escassez de pesquisas acadêmicas sobre o aparecimento do Disco Voador no Morenã. Todas essas situações suscitaram novos questionamentos e me levaram a buscar abordagens metodológicas diferentes para a escrita deste trabalho. Sendo assim, nesse momento passarei a fazer uma breve descrição do que será abordado em cada um dos capítulos.

No primeiro capítulo, abordo a interseção entre Ufologia e representação, explorando a relação intrínseca entre ambas. Este capítulo compreende uma análise aprofundada das bases da Ufologia brasileira, que se bifurca entre Ufologia científica e mística, como definido por Daniel Carlos (2007). Ressalto que, como parte dessa investigação, realizei uma visita a Alto Paraíso de Goiás, com o objetivo de aprimorar a compreensão das fundamentações da ufologia brasileira. Busco, ao longo deste capítulo, aprofundar a discussão sobre o campo ufológico e suas principais bases de

sustentação, a fim de evidenciar como o caso Moreirão se configura como um fenômeno típico de "Disco Voador" para a comunidade ufológica.

No segundo capítulo, parto para alguns símbolos que delineiam o contexto em que o "Caso Moreirão" ocorreu, que são: o estádio, o futebol, a UFMS e a formação do Mato Grosso do Sul. Nesse momento da dissertação constam questões acerca da identidade regional, as diferentes perspectivas do que é ser campo-grandense, algumas das mudanças que ocorreram na capital de 1978 até 2023, a relevância da UFMS e a importância dada ao futebol estadual na memória coletiva.

No terceiro capítulo, analiso a questão do apagamento da narrativa do "Disco Voador" em Campo Grande. Durante a pesquisa percebi que há um silenciamento acerca desse tema de tal maneira que ele não é mencionado entre os campo-grandenses e raramente surge no cenário nacional, mesmo em páginas e grupos de Ufologia. Sendo assim, nesse capítulo busco entender por que ocorre esse esquecimento e se há um interesse em esquecer.

CAPÍTULO I

A RELAÇÃO ENTRE UFOLOGIA E REPRESENTAÇÃO

A Ufologia é uma área que analisa o fenômeno UFO, investigando os surgimentos dos óvnis e outros eventos relacionados à possível interação de seres extraterrestres com a humanidade. O termo *UFOlogy* foi criado na década de 1950 e geralmente é atribuído à Ivan T. Sanderson (1957), que escreveu um artigo introdutório na revista *Fantastic Universe* em 1957. No entanto, a criação de uma palavra vai além do momento em que ela é escrita pela primeira vez. O processo de neologismo envolve questões filosóficas e sociais, uma vez que a palavra surge para dar sentido a uma situação na vida social que anteriormente não ocorria ou não era considerada importante.

Em 1947, Kenneth Arnold foi o primeiro piloto a declarar oficialmente e documentar um avistamento de óvnis. De acordo com Sutherly (2009), essa revelação deu a Arnold um *status* de celebridade indesejado e gerou uma “onda de avistamentos” pelos Estados Unidos. Em 1952 Arnold, em parceria com Raymond Palmer, escreve *The Coming of the Saucers* (A chegada dos discos, em tradução livre). O livro reúne artigos que foram escritos pelos dois autores em revistas no final da década de 1940, descreve o avistamento de Arnold e adiciona mais elementos ao folclore UFO, como a primeira aparição de um “Homem de Preto.”²⁸ Embora a existência dos Homens de Preto nunca tenha sido confirmada, entre 1952 e 53 o governo estadunidense começou uma campanha de desmistificação dos óvnis, liderada por H. P. Robertson, físico e funcionário da CIA.

Apesar dos esforços para a desmistificação, os avistamentos de óvnis continuaram a intrigar bastante até os anos 1950. No fim do verão e outono de 1957, um segundo susto dramático envolveu a nação. A agitação persistiu até 1958, mas, ao final do ano, grande parte já se dirigira ao exterior, e relatos apareciam na França, América do Sul, Grã-Bretanha e Escandinávia (Sutherly, 2009, p. 23).

²⁸ Lenda urbana relacionada à Ufologia, os Homens de Preto (*Men in Black*, ou MIB) são agentes do governo que procuram ocultar evidências da existência dos extraterrestres. “A partir desta perspectiva pode-se dizer que MIB são formas-pensamento materializadas e estabilizadas pelo medo coletivo – do “Grande Irmão”, do terrorismo e violência, dos sequestros, de todas as formas de intimidação pessoal.” (Peter Rojcewicz, 1987, p. 6, tradução nossa).

A partir de 1950, o fenômeno UFO passa a se popularizar não só nos Estados Unidos, como também em outros países. De 1950 em diante, os Discos Voadores e contatos com extraterrestres acabam se transformando em produto da Indústria Cultural²⁹ e surgem diversas mídias que retratam o tema. A exportação estadunidense de filmes hollywoodianos, histórias em quadrinhos de super-heróis e séries televisivas é um dos elementos responsáveis pela introdução dos Discos Voadores no imaginário popular. A representação dos Discos Voadores nas mídias não se pauta apenas por uma relação comercial. É necessário considerar o contexto histórico, político e social estadunidense e as relações com os outros países.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1988, p. 17).

A construção do mito do Disco Voador e sua expansão nas mais diversas formas de arte e representação revela um interesse estadunidense em exportar o “modo de pensar” dos Estados Unidos, que passava por um conflito ideológico contra os comunistas da União Soviética, entretanto, essa exportação da narrativa mitológica para outros países altera o próprio mito, que passa a receber novos elementos por conta de uma série de questões locais e significados próprios de cada região.

A transformação do mito vai ao encontro do surgimento da Ufologia, uma vez que um dos pressupostos da área é que o fenômeno UFO ocorre desde o início da humanidade, tendo surgido em diferentes sociedades e momentos da história. Para a Ufologia Científica, o avanço tecnológico das sociedades atuais é o que nos permitiu identificar as “luzes misteriosas” pelo que “realmente são”: aeronaves de origem extraterrestre. Por consequência, o que determina a existência dos óvnis é a mudança de percepção da sociedade contemporânea sobre os fenômenos.

[...]. Somos os percebedores. Somos uma consciência; não somos objetos; não temos solidez. Somos ilimitáveis. O mundo dos objetos e solidez é um modo de tornar cômoda nossa passagem pela Terra. É apenas uma descrição que foi criada para nos ajudar. Nós, ou antes, nossa razão, nos esquecemos de que a descrição é apenas uma

²⁹ O conceito de Indústria Cultural é discutido por Theodor Adorno e Max Horkheimer em “Indústria Cultural e Sociedade” (2002). Trata-se de um processo de standardização e produção em série da cultura, gerado pelo interesse capitalista, que a transforma em produto.

descrição e assim encerramos a totalidade de nós num círculo vicioso do qual raramente emergimos em nossa vida. [...]

- Somos percebedores - prosseguiu. - O mundo que percebemos, porém, é uma ilusão. Foi criado por uma descrição que nos foi contada desde o momento em que nascemos (Castañeda, 1974, p. 90).

As fronteiras entre a ficção e a realidade são frequentemente nebulosas, especialmente quando consideramos a noção de que a percepção da realidade é moldada por práticas e crenças individuais e culturais, de modo que o que entendemos como real pode ser profundamente influenciado por nossas experiências e interpretações subjetivas. Em suas obras, Castañeda descreve como os xamãs e outros seres percebedores têm a capacidade de acessar e interpretar dimensões alternativas da realidade, frequentemente desafiando as concepções convencionais de fato e ficção. Para esses percebedores, a linha entre o mundo físico e o mundo metafísico torna-se fluida, permitindo que a realidade e a ficção se interpenetrem e se influenciem mutuamente. Esse conceito destaca que a nossa compreensão da realidade pode ser uma construção complexa e dinâmica, onde as experiências pessoais e culturais moldam o que consideramos como verdade, tornando as fronteiras entre ficção e realidade tênues, flexíveis e contextualmente variáveis.

Tendo como base essa ideia de níveis de percepção de mundo diferentes, compreende-se que o mesmo evento pode ser percebido de maneira distinta de pessoa para pessoa. Utilizando a perspectiva de Castañeda, de que o ser humano é um indivíduo percebedor em sua essência, é possível analisar os contatos com seres sobrenaturais e outras situações que fogem do padrão da realidade corriqueira, uma vez que o próprio indivíduo tem em si a capacidade de superar as barreiras impostas pela realidade. Tais experiências paranormais não são, portanto, meras alucinações ou ilusões sensoriais, uma vez que elas são reais para o indivíduo que as vivencia. A própria Ufologia se embasa em noções semelhantes, dando ênfase ao relato das pessoas que alegam ter contato com seres extraterrestres.

Nas décadas de 1960 a 1980 a Ufologia se desenvolveu enquanto área de pesquisa sobre óvnis, em meio a eventos marcantes, como os casos de Vilas-Boas

(1957)³⁰, “Lonnie Zamora” (1964)³¹ e “Travis Walton” (1975)³². Com essa expansão do interesse pelos casos ufológicos surgem diversas convenções, periódicos e programas de TV com a temática. Cabia aos ufólogos, o grupo de especialistas no assunto, analisar a veracidade dos avistamentos e provar a existência dos Discos Voadores para a sociedade em geral. Relacionando esses eventos às perspectivas teóricas de Walter Mignolo (2003), podemos considerar que as condições históricas globais, marcadas pela disseminação de informações e práticas culturais, influenciaram a inserção e desenvolvimento da Ufologia em diversos contextos locais, inclusive no Brasil.

No Brasil, a Ufologia desenvolveu-se de maneira tardia, encontrando seu impulso significativo apenas a partir dos anos 1980 com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV) e da revista UFO, ambos iniciados por Ademar Gerværød. Essa fase marcou não apenas o crescimento da Ufologia no país, mas também a sua padronização, delineando claramente o que constituía a disciplina e, de igual importância, o que não a representava. A revista UFO, ao ser estabelecida como um meio de validação de avistamentos, tornou-se instrumental para os ufólogos, fornecendo-lhes um meio para corroborar ou contestar a autenticidade de eventos ufológicos. O processo de padronização e validação dos avistamentos pela *UFO* destaca a presença recorrente do mitema da vida extraterrestre, evidenciando sua disseminação como um elemento distintivo que integra a narrativa ufológica brasileira. Esse mitema, por sua vez, compõe parte do conjunto simbólico que confere significado às experiências relacionadas a avistamentos de óvnis no Brasil.

A formação tardia de uma comunidade ufológica coesa não significa que não ocorriam eventos ufológicos no país. Como mencionado anteriormente, o primeiro caso de abdução que se tem notícia, a abdução de Vilas-Boas em 1957, ocorreu em Minas Gerais. Outros eventos marcantes, que foram analisados posteriormente pelo

³⁰ Antônio Vilas-Boas, agricultor de Minas Gerais, é dono do primeiro relato de abdução da história da Ufologia a ser amplamente divulgado. A vítima afirma ter sido levada por seres alienígenas para uma nave, onde foi completamente despido, analisado e forçado a ter relações sexuais com uma fêmea da espécie extraterrestre.

³¹ O policial Lonnie Zamora estava em uma perseguição policial quando viu um rastro de luz no céu, indo em direção ao deserto. O policial abortou a operação, foi em direção à luz e viu um objeto de forma elíptica sendo analisado por dois seres de baixa estatura vestidos de branco. Os seres desapareceram do campo de visão de Lonnie assim que o viram e, momentos depois, o objeto ascendeu aos céus zunindo e chiando.

³² Travis Walton relatou que trabalhava nas Florestas Nacionais Apache-Sitgreaves quando foi abduzido. Walton ficou desaparecido por cerca de cinco dias e seis horas e foi encontrado há aproximadamente 50 quilômetros de distância do local do desaparecimento.

CBPDV e a *UFO* foram a “Operação Prato” (1977), os contatos de Lúcio Barbosa com Ashtar Sheeran e o aparecimento do Disco Voador do Morenã (1982).

De acordo com Daniel Carlos (2007), o campo ufológico possui um sistema simbólico próprio que se estrutura em dois eixos: mágico-místico-religioso e Técnico-Científico-Racional. Essa subdivisão ufológica, que costuma ser denominada Ufologia Científica e Ufologia Mística, apresenta estilos narrativos e metodologias diferentes. Ainda assim, ambas têm como propósito a busca da “Verdade”. Dessa forma, os principais objetivos da Ufologia são: comprovar a “Verdade”, ou seja, a existência de naves espaciais alienígenas pilotadas por seres inteligentes que frequentam a Terra com frequência, analisar o fenômeno UFO e descobrir quais as intenções dos seres extraterrestres em nos visitar.

A Ufologia Científica se aproxima mais das ciências formais, por utilizar um método cientificista e explicar os avistamentos de maneira racional, partindo do pressuposto que o fenômeno UFO é mensurável, passível de análise e com existência física objetiva. Uma das suas bases de apoio são evidências históricas de aparecimentos de luzes no céu e seres humanoides, que demonstram que o fenômeno UFO ocorre desde os tempos mais remotos. Ademais, a Ufologia Científica é crítica quanto ao próprio campo ufológico, desmascarando “charlatões” e “avistamentos falsos”. Isso acaba por dar uma legitimidade a própria área. Algumas das principais fontes utilizadas para a pesquisa são fotos, filmes, testemunhos e marcas de naves no solo. Nessa ramificação da ufologia, a busca pela “Verdade” é, portanto, provar a existência dos extraterrestres e a superioridade tecnológica deles em relação à nossa sociedade.

A Ufologia Mística, por outro lado, se aproxima mais do Neo-esoterismo, analisando o fenômeno UFO por uma ótica espiritualista. Nesse ramo são mais comuns casos “inexplicáveis”, como transes, viagens astrais e contatos com seres de luz. Para a Ufologia Mística, há um “Grande Plano” dos extraterrestres ao se aproximar dos seres humanos, que consiste em nos ensinar a *verdadeira* prática da fraternidade, união, paz e amor. As fontes de pesquisa mais utilizadas são mensagens telepáticas, psicografias, viagens astrais e o uso pleno de habilidades parapsicológicas. Nessa ramificação, a busca pela “Verdade” é, portanto, a revelação dos grandes enigmas da humanidade: de onde viemos, para onde vamos, quem somos e quem é Deus. Na Ufologia Mística há uma proposição de revisão dos atuais dogmas científicos,

filosóficos e religiosos, para que possamos compreender o fenômeno UFO e integrarmos a seres de outros planetas.

Ainda segundo Daniel Carlos (2007), mesmo que exista uma oposição entre esses dois eixos de pensamento, na Ufologia elas são reunidas de forma harmônica. Desta maneira, percebemos que a divisão entre Ufologia Científica e Mística não significa a total separação entre as duas. Apesar de suas diferenças, é possível perceber que alguns elementos se encontram presentes em ambas e que as duas ramificações colaboram entre si. Ana Batista (2006) chega a propor a existência de uma terceira ramificação, que mescla os elementos científicos e místicos, denominada Ufologia Holística. De acordo com essa “terceira via”, apenas uma visão ampla e livre de preconceitos seria capaz de chegar a um entendimento do que é a “Verdade”.

Para aprofundar minha compreensão sobre a Ufologia enquanto campo de pesquisa empreendi uma viagem para Alto Paraíso de Goiás, situada no norte do estado de Goiás, na região do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Esta cidade se destaca não apenas pelo seu atrativo turístico, composto por deslumbrantes cachoeiras e formações rochosas, mas também pela singularidade de ser reconhecida como um polo de referência na comunidade ufológica brasileira. Alto Paraíso de Goiás se destaca, em particular, pelo fenômeno do Ufoturismo, evidenciando-se como um espaço onde entusiastas e estudiosos da Ufologia convergem em busca de experiências e conhecimentos relacionados à avistamentos de objetos voadores não identificados.

Turismo Ufológico, ou Ufo Turismo, refere-se a um segmento turístico que explora regiões nas quais há criações humanas que sugerem a ocorrência do fenômeno óvni ou, mesmo, indícios da presença ou avistamento de ufos. Tais indícios podem ser monumentos, construções, desenhos, manifestações energéticas, ou qualquer outra espécie de sinal de origem desconhecida que fascine as pessoas em busca de tais peculiaridades (Batista, 2006, p. 49).

A escolha estratégica de realizar minha pesquisa nesse contexto não apenas enriqueceu minha compreensão sobre as bases da Ufologia brasileira, mas também permitiu uma imersão direta no universo ufológico. Ao absorver a atmosfera peculiar de Alto Paraíso, pude entender de forma mais profunda as nuances da Ufologia, suas vertentes científicas e místicas, além de captar a dinâmica das interações sociais nesse ambiente. Esta experiência foi fundamental para a posterior aplicação desses conhecimentos no entendimento do caso Morenã, em Campo Grande,

estabelecendo uma conexão entre as diferentes manifestações do fenômeno ufológico em distintos contextos regionais.

Em Alto Paraíso de Goiás há uma centralização de diversas correntes esotéricas e místicas que se baseiam na crença da existência dos seres extraterrestres. A cidade se encontra no Paralelo 14, círculo de latitude que também corta a cidade de Machu Picchu e que, segundo os Ufólogos, possui regiões que são polos de visitas de seres extraterrestres. Além disso, Alto Paraíso de Goiás é considerada por místicos o “centro cardíaco do planeta” por estar localizada sobre uma enorme placa de quartzo com extensão aproximada de quatro mil metros quadrados e emite uma imensa luminosidade. O Grupo de Pesquisas Ufológicas *Ufogênese* considera a cidade um dos quatro principais destinos ufológicos do país.

Sendo assim, realizei minha viagem para Goiás no mês de julho de 2022, me hospedando em Alto Paraíso por duas semanas. Posteriormente retornei à cidade, no ano de 2023, para conversar com meus interlocutores sobre o andamento da pesquisa. Meu interesse inicial era perceber como os espaços urbanos se constroem para abarcar o Ufoturismo e turismo esotérico. Em Alto Paraíso de Goiás, há uma série de construções, esculturas e monumentos que aludem ao fenômeno UFO e a presença de seres extraterrestres na região.



Figura 1 – Pórtico da cidade de Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal

Na entrada da cidade, há um portal em formato de disco voador. O Pórtico de Alto Paraíso de Goiás, que era completamente branco, recebeu uma restauração e pintura, acrescentando o slogan da cidade, "Capital da Chapada dos Veadeiros", e desenhos da fauna local. Essa estrutura não apenas adiciona um toque de singularidade à entrada da cidade, mas também simboliza os dois elementos basilares do turismo na região.

Em primeiro lugar, a temática extraterrestre, que é uma característica marcante de Alto Paraíso de Goiás, está presente no design do portal em forma de disco voador, evocando a misteriosa conexão com o cosmos. Em segundo lugar, a presença dos desenhos retratando a fauna local, que ressalta a importância do meio ambiente da Chapada dos Veadeiros. Esse ecossistema diverso é parte da riqueza natural não apenas para a cidade, mas também para toda a região. A união desses dois elementos no Pórtico representa a interação entre o "outro" e o "aqui", entre o desconhecido e o conhecido, que é característica deste local.



Figura 2 – Tabacaria em Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal

Casas e estabelecimentos comerciais, como essa tabacaria, também apresentam elementos da mitologia extraterrestre. Há diversos relatos de quedas de discos voadores, como no “Caso Roswell”³³, ou de pousos forçados das naves para reparos, como no “Caso Lonnie Zamora”. A loja retratada aproveita esse componente comum nas narrativas míticas e o integra à sua arquitetura, proporcionando uma imersão na cultura ufológica e na fascinação pelo desconhecido.

Outra característica presente na narrativa ufológica, que é representada na cidade, é a relação dos alienígenas com a civilização egípcia. Muitos ufólogos, como Giorgio Tsoukalos³⁴, afirmam que raças alienígenas tiveram interações com as populações da região do Egito, auxiliando na construção das esfinges e pirâmides, além do desenvolvimento da sociedade egípcia como um todo. Esses espaços físicos

³³ O Caso Roswell refere-se a um evento ocorrido em julho de 1947, quando um objeto não identificado caiu perto da cidade de Roswell, no estado do Novo México, nos Estados Unidos. Inicialmente, o Exército dos EUA anunciou que havia recuperado os restos de um “disco voador”. No entanto, logo depois, o Exército retraiu sua declaração, afirmando que os destroços eram, na verdade, de um balão meteorológico experimental.

³⁴ Giorgio Tsoukalos é um ufólogo, escritor, apresentador e produtor que se tornou famoso por apresentar o programa “Alienígenas do Passado” no *History Channel*. Ele é um dos principais defensores da hipótese de que os extraterrestres estiveram presentes em diversos momentos da história da humanidade.

servem de chamariz para os turistas que visitam a região e destacam a cidade, diferenciando-a dos outros municípios próximos a ela com potencial turístico semelhante. Considerando a ideia de Bronislaw Baczko, o imaginário social é constituído a partir de diversos agentes.

Graças a sua estrutura complexa e, em especial, graças ao seu tecido simbólico, o imaginário social intervém a diversos níveis da vida coletiva, realizando simultaneamente várias funções em relação aos agentes sociais. O seu trabalho opera através de séries de oposições que estruturam as forças afetivas que agem sobre a vida coletiva, unindo-as, por meio de uma rede de significações, as dimensões intelectuais da vida coletiva (Baczko, 1985, p. 312).

Nesse contexto, as reflexões de Bronislaw Baczko sobre o Imaginário Social se revelam pertinentes ao examinar como as representações coletivas influenciam a compreensão de uma comunidade. O imaginário, sob a ótica de Baczko, desempenha diversas funções na relação com os indivíduos, moldando a percepção e interpretação de situações específicas. No caso de Alto Paraíso de Goiás, a presença de extraterrestres transcende a esfera física, exercendo influência significativa nas relações sociais entre habitantes locais e turistas que exploram a cidade. Essa memória coletiva, intrinsecamente ligada ao imaginário ufológico, desenvolve-se ao longo de gerações, transmitida por meio da tradição oral e adaptando-se aos diferentes contextos sociais ao longo do tempo. A compreensão desse imaginário social se torna essencial para contextualizar as percepções e interpretações do fenômeno ufológico em Alto Paraíso, fornecendo uma perspectiva mais abrangente sobre a complexidade das interações sociais influenciadas por essas representações compartilhadas. Além das esculturas, existem diversos outros tipos de manifestações artísticas espalhadas por Alto Paraíso de Goiás, como grafites, palestras e apresentações, das quais destaco a *Batalha do ET*, que reúne *rappers* e poetas semanalmente na “Praça do CAT”, ao lado do Centro de Atendimento ao Turista da cidade.



Figura 3 – Grafite em Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal.

A junção entre manifestações culturais urbanas, como o rap e o grafite, e elementos da Ufologia é um aspecto marcante da cidade. É possível perceber que a Ufologia e o misticismo estão inseridos no cotidiano dos moradores de Alto Paraíso e nas relações interpessoais. O comércio local, vital para a sustentabilidade dos residentes, reflete essa estreita ligação com o fenômeno UFO, adicionando uma camada adicional de diversidade e respeito às diferenças humanas. Essa característica é emblemática do neo-esoterismo, revelando-se como uma expressão não apenas de crenças individuais, mas também como um fator integrador que fortalece os laços comunitários. Assim, a singularidade de Alto Paraíso transcende a esfera das crenças pessoais, manifestando-se em uma teia complexa de expressões culturais que enriquecem a experiência urbana, consolidando a cidade como um ponto de convergência entre a modernidade urbana e o enraizamento espiritual e ufológico de sua população.



Figura 4 – Produtos das lojas de Alto Paraíso de Goiás. Fonte: arquivo pessoal

As lojas de Alto Paraíso de Goiás comercializam produtos que incorporam aspectos da vivência humana ao imaginário dos alienígenas. Essa interação entre Ufologia, misticismo e a vida cotidiana cria um ambiente onde o encontro entre o desconhecido e o espiritual se entrelaçam sobremaneira. O comércio local não apenas reflete essa ligação, mas também a fortalece, oferecendo uma ampla gama de produtos e serviços que abarcam tanto as crenças ufológicas quanto as espirituais. Há, portanto, uma convivência entre diferentes perspectivas, que parece enriquecer a atmosfera da região, fomentando a compreensão mútua e a celebração da diversidade, valores centrais no contexto do neo-esoterismo que permeia a comunidade. Isso se aplica tanto no respeito às diferentes crenças e símbolos, quanto no que tange a populações vistas como minorias sociais, como mulheres, indígenas e LGBTQIAPN+.

A relação mercadológica entre Ufologia, misticismo, arte e natureza tornam o comércio de Alto Paraíso de Goiás único, de modo a atrair a atenção dos turistas. Isso também contribui para a diversidade de pessoas que visitam a cidade, uma vez que nela se reúnem categorias do turismo ecológico, místico, de aventura e ufológico. Durante a construção do campo, consegui conversar com algumas pessoas que me

proporcionaram um entendimento de como o Ufoturismo se relaciona com diversidade, ecologia e espiritualidade.

Para alcançar esse objetivo, há uma mescla de discursos religiosos, filosóficos e da área da saúde, com o intuito de valorizar a existência. O respeito à natureza e a valorização da diversidade em Alto Paraíso de Goiás refletem uma heterogeneidade de discursos místicos, religiosos, ecológicos e políticos, mas com um ponto em comum: a sacralidade da vida. No decorrer desses quinze dias que passei em Alto Paraíso de Goiás, pude conhecer Marcos, que me foi apresentado por uma moradora da região. Ele é dono da pousada “Nova Gê”, onde nos encontramos pela primeira vez. Além da pousada, Marcos realiza encontros onde discute sobre diversos assuntos relacionados à espiritualidade, vida extraterrestre, misticismo e religiosidade. Marcos afirma que recebeu um sinal dos céus para construir sua pousada e quatro anos depois adquiriu o local escolhido.

Eu vim para cá em 2005, a passeio, mas com um amigo que a gente rodava o Brasil para encontrar discos voadores. E esse lugar era um lugar que se dizia ser um lugar de grandes aparições. Nós ficamos aqui nove dias e nós não vimos nada. No oitavo dia, numa trilha comecei a conversar com Deus e falei: “Cara, é aqui o lugar. Aqui é o lugar onde eu tenho que viver a minha vida. Mas eu preciso de um sinal.” Aí a gente olhou para o céu, fui fechar a porta do carro e aí eu filmei uma seta em forma de nuvem... gigantesca. Eu tenho esse filme se você quiser eu posso te mostrar. Você vai ver minha filha de 7 anos falando “o que que é isso” e eu contando da seta. Eu não acho que fizeram a seta para mim, eu acho que a seta “tava” no céu. Eu pedi um sinal, vi o sinal e acreditei no sinal. Quando eu cheguei aqui, eu parei o carro aqui na frente. E filmei a montanha e filmei o terreno. Quatro anos depois... que eu vi o vídeo, é um outro vídeo que eu tenho, eu vi o vídeo do terreno, do terreno que eu filmei quando eu cheguei foi o primeiro carro, no primeiro momento em que eu parei, foi o terreno que eu vim a comprar quatro anos depois... é muita coincidência (Marcos, entrevista 18/07/2022).

A pousada Nova Gê é designada por Marcos como um local para receber os remanescentes da população humana após o cataclisma que está para ocorrer. “Quando a terceira guerra estourar, quando dois terços da população caírem, quando nós vivermos na escassez” será o momento em que espaços como Nova Gê serão necessários. Por conta disso, a pousada é descrita como um local sagrado, onde a conexão e o respeito à natureza é prioritário, há espaços de meditação, socialização e imersão espiritual.



Figura 5 – Pirâmide para meditação em Nova Gê. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 6 – Extraterrestre em uma cúpula. Fonte: arquivo pessoal.

A crença de Marcos se baseia principalmente na Ufologia Mística. De acordo com ele, os seres extraterrestres nos visitam desde a antiguidade e obedecem a uma Lei Universal, de respeito ao livre arbítrio. Ainda assim, os alienígenas buscam nos ajudar a evoluir, no sentido de alcançar um equilíbrio com a natureza, mas não realizam uma interferência plena. Por conta disso, a maioria dos contatos é feito por meio de energias, sonhos e visões. Durante nossas conversas, Marcos mencionou

textos da Bíblia, de Chico Xavier, o mapa de Piri Reis, entre outros, mesclando essas crenças religiosas com o fenômeno ufológico.

Da mesma forma que existe a história de Jesus, existe de Buda, existe a história de grandes líderes na Índia, existe os vimaalas nos textos indianos antiquíssimos, que falam de naves que voavam e que elas levavam seus povos 'pras' cidades douradas. Então se você buscar nos escritos antigos você vai encontrar muitos relatos que vão falar "Pera um pouquinho, cara, como é que você explica isso?" Como é que você explica num templo egípcio ter uma figura esculpida que se assemelha a um submarino, a um helicóptero e a um avião. Há milhares de anos atrás. Como é que você explica isso? Então tem coisa que não tem explicação, é simplesmente negação. A humanidade vive... uma parte... uma grande parte da humanidade nega. Não aceita (Marcos, entrevista 18/07/2022).

Essa junção de diversas crenças e o questionamento à estrutura científico-religiosa vigente é crucial para a Ufologia Mística, uma vez que ela propõe uma reformulação da maneira como compreendemos o mundo. Nesse ramo da Ufologia, tal mudança de paradigma é necessária para evitar o fim da humanidade e alcançar um novo nível de evolução. Ainda assim, é possível perceber algumas similaridades entre a Ufologia Mística e a religião, uma característica comum dos movimentos Neo-esotéricos. Sobre essas categorias comuns ao pensamento religioso, Émile Durkheim afirma:

Na raiz dos nossos julgamentos existe certo número de noções essenciais que dominam toda a nossa vida intelectual; é as que os filósofos, desde Aristóteles, denominam de categorias do intelecto: noções de tempo, de espaço, de gênero, de número, de causa, de substância, de personalidade etc. Elas correspondem às propriedades mais universais das coisas. São como que as molduras sólidas que engastam o pensamento que parece não poder desvencilhar-se delas sem se destruir; pois não parece que possamos pensar objetos que não estejam no tempo ou no espaço, que não sejam contáveis etc) As outras noções são contingentes e móveis; acreditamos que possam faltar a um homem, a uma sociedade, a uma época; aquelas nos parecem quase inseparáveis do funcionamento normal do espírito. São como que ossatura da inteligência. Ora, quando analisamos metodicamente as crenças religiosas primitivas, encontramos, naturalmente, as principais dessas categorias. Nasceram na religião e da religião são produto do pensamento religioso (Durkheim, 2003, p. 38).

Sendo assim, percebemos que há a presença de algumas estruturas-base que permeiam as formas de vida religiosa. Elas surgem de acordo com nossas noções de tempo, espaço e questionamentos sobre a existência. O mito do fim do mundo, por exemplo, faz parte do imaginário de diversas culturas. Os movimentos de neo-esoterismo se apropriaram de algumas narrativas mais comuns e as ressignificaram, propondo que o caminho para evitar o extermínio da humanidade é a *evolução espiritual*. Existe uma série de publicações ufológicas que descrevem o apocalipse e as possibilidades de salvação, como “Hercólobus ou Planeta Vermelho” de V.M. Rabolú.

Quando Hercólobus se aproximar mais da Terra, que se ponha ao lado do Sol, começarão as epidemias mortíferas a expandirem-se por todo o planeta e os médicos ou ciência oficial não conhecerão que classe de enfermidades são e com o que se curam; ficarão “de mãos para cima” ante as epidemias. Começará a desaparecer a vida no nosso planeta e aí é onde a Humanidade terá que comer cadáveres de seus semelhantes, pela fome devastadora e o calor insuportável (Rabolú, 2005, p. 7).

Essa visão apocalíptica foi revelada a Rabolú por viagens ao plano astral, também chamado de Quinta Dimensão. O autor, indígena e boliviano foi coordenador do Movimento Gnóstico Cristão Universal. Em seus escritos, ele se posiciona contra os cientistas, que desfiguram a verdade e iludem a humanidade. Lúcio Barbosa afirma que, apesar do potencial destrutivo, a humanidade é destinada a evoluir por ter sido gerada pelo Criador.

O ser humano é o único ser programado para evoluir espiritualmente e chegar à casa da perfeição da criação: um ser racional e espiritual que foi colocado neste planeta pelos seres de mundos evoluídos, e programado pelo Criador deste Universo. [...] Os extraterrestres estão presentes nesse processo, pois foram designados para preservar a vida neste planeta, o equilíbrio deste em sua órbita, bem como a estrutura evolutiva e o crescimento de seres universais. Tudo isso é regido por uma hierarquia de seres criadores, de uma dimensão de luz de um determinado ponto do Universo (Barbosa, 2011, p. 124).

Justamente por sermos destinados à grandeza, os Ufólogos ligados ao movimento neo-esotérico buscam conscientizar os seres humanos, divulgando seus escritos e espalhando uma mensagem de “paz e amor” entre os indivíduos. Em

minhas conversas com Marcos, percebi que a ufologia Mística busca um diálogo agregador, respeitando opiniões divergentes e assimilando crenças distintas.

A avenida principal de Alto Paraíso de Goiás reúne uma série de lojas com temáticas ufológicas, esotéricas e de moda *hippie*. Durante meu passeio pela cidade conheci a ETstore, loja gerida por Felipe. Me interessei pela loja por conta de alguns produtos que se diferenciavam dos de outros estabelecimentos da cidade e ao conversar com a esposa de Felipe, que estava como atendente, descobri que a loja realizava palestras semanalmente sobre exobiologia e avistamentos de óvnis.

A exobiologia, ou astrobiologia, é um ramo das ciências naturais que tem como base a investigação sobre a existência de vida fora do planeta Terra, além da busca pela origem da vida, sua evolução e distribuição pelo universo³⁵. No campo da Ufologia, as interações com exobiologia são enfocadas nos contatos com seres extraterrestres e a comparação desses seres com espécies existentes em nosso planeta, de modo a deduzir o funcionamento desses indivíduos. Fiquei curioso acerca dessa abordagem e resolvi assistir a palestra de Felipe.



Figura 7 - Ingresso para a palestra sobre Exobiologia. Fonte: arquivo pessoal

Durante a exposição, Felipe discutiu sobre o *Book of Alien Race*³⁶, um suposto livro secreto russo sobre as espécies alienígenas. Ele analisou os diferentes seres da publicação, mas fez uma ressalva, afirmando que essas informações eram questionáveis, uma vez que não era possível confirmar a veracidade dos dados reunidos pelo autor Gil Carlson. Após a palestra, marquei um encontro com Felipe

³⁵ O campo da astrobiologia é analisado por Jonas Souza (2013), em sua dissertação "Astrobiologia: obstáculos e possibilidades, a (re)ligação com o Cosmos e o Ensino de Ciências"

³⁶ CARLSON, Gil. **Book of Alien Race**: Secret Russian KGB Book of Alien Species. Hampton: Blue Planet Project, 2017.

para conversar sobre sua vinda para Alto Paraíso de Goiás e sua percepção acerca da Ufologia.

Eu estudo, acompanho as notícias e tudo mais sobre a ufologia, sempre gostei muito, estudei muito. E... depois que eu fiz a faculdade de física, eu resolvi pegar todo meu conhecimento, principalmente de metodologia científica e levar esse conhecimento para o Ufologia, e começar a aplicar a metodologia científica dentro da ufologia. Claro que não sou... não sou pioneiro nisso né, já tem muitos ufólogos muito mais antigos do que eu que fazem isso, mas eu achei assim... essa... é... juntar a ciência e a ufologia uma coisa interessante porque... a ufologia hoje, ela está começando a mudar. Porque até então ela era vista como coisa de doidão né. “Ah o que é ufologia?” “Ah é aqueles malucos que ficam vendo ET”. E eu cansei de ouvir piadinha aqui na loja que o pessoal perguntando ‘pra’ mim: “Ah qual o tamanho da luneta que eu tenho que fumar para ver um ET?” Sabe e, assim, é engraçado na hora ali a gente ri tal, mas depois eu fiquei pensando: “Cara... isso é uma ofensa aos ufólogos sérios, né, é uma ofensa a quem trata a coisa com seriedade”. Aí eu comecei a... a perceber que essa... essas piadinhas vinham principalmente da falta de informação, não tem ninguém falando sobre o que é ufologia para elas (as pessoas). Então para elas ufologia é coisa de doidão que fumou um e ‘tá’ vendo coisa. Então comecei a dar palestras de introdução a ufologia e de... de casos expressivos brasileiros, porquê que são tão expressivos... né, o caso de Colares, o caso de Varginha né, principalmente Varginha, maior caso da ufologia mundial, eu falo aqui também de alguns casos locais... daqui né... de Alto Paraíso. Então eu quero trazer os conhecimentos da ufologia, tirar dessas coisas de ocultismo e esoterismo. E trazer para a ciência a parte científica da ufologia, que é a parte mais interessante na minha opinião (Felipe, entrevista 16/07/2022).

Felipe afirma utilizar instrumentos da metodologia científica para realizar suas análises ufológicas. Além de proprietário da ETstore, ele também é professor de física na rede pública, tendo se formado após ir para Alto Paraíso de Goiás. De acordo com o posicionamento de Felipe, podemos perceber que ele se alinha com a Ufologia Científica, que busca compreender o fenômeno UFO de acordo com aspectos mensuráveis e parâmetros das Ciências Formais. Ainda assim, Felipe discute sobre outras chaves de pensamento, como a Cosmofilosofia.

A Cosmofilosofia é uma espécie de código moral proposto por Craig Campobasso, em *The extraterrestrial species almanac* (2021). Neste livro o autor aborda raças alienígenas, divididas de maneira categórica por espécies humanoides e animais. A ideia da Cosmofilosofia é incluir padrões éticos, de maneira que a

incluir na Ufologia Científica práticas comuns ao neo-esô e à Ufologia Mística, como se “abster de excessos” e “ser gentil”. Felipe acredita que os próximos passos da Ufologia serão voltados para o estudo das tecnologias alienígenas.

Eu acredito que a... a ufologia quando chegar nessa parte de: “Olá humanos, nós estamos aqui...” Né, de comprovação... Eu acredito que a ufologia... Ela vai passar a investigar mais a parte de tecnologia alienígena. Entendeu? Porque... Vai ser a... Os ufólogos serão os embaixadores, digamos assim, a galera que está mais preparada, por estudar há mais tempo, vai estar mais preparada para um contato, né... para... trocar informação e tudo mais. Então eu acredito que a ufologia vai evoluir para isso, entendeu? Não... não vai ser um ponto final na ufologia. Hoje a gente ‘tá’ escavando né, no momento que a gente encontrar as paredes é capaz da gente achar uma porta com uma sala cheia de riquezas aí (Felipe, entrevista 16/07/2022).

De acordo com a perspectiva de Felipe, a Ufologia Científica não “acaba” quando o objeto de estudo dela for comprovado. Mesmo que ocorra uma fusão entre Ufologia e as Ciências Formais, os ufólogos seguirão sendo os mais preparados para analisar as espécies extraterrestres e suas tecnologias. Assim como a Ciência Formal, a Ufologia não se esgotará quando obtiver uma resposta para a questão da vida extraterrena, pois novas perguntas surgirão conforme a pesquisa ocorre.

Durante nossas conversas, perguntei a Felipe o motivo de Alto Paraíso de Goiás ser uma região de interesse ufológico. Diferentemente de Varginha, Campo Grande e Colares, a cidade não possui tantos avistamentos marcantes perante o cenário nacional. Ainda assim, há uma extensa presença de ufólogos na região.

L: Outra coisa que eu queria saber... é que assim, eu ouvi muito por cima, mas ainda não tenho muita ideia. Por que Alto Paraíso é um polo de ufologia nacional?

F: Excelente pergunta, gosto muito dela. E gosto de responder ela também [risos]. Nós estamos aqui em cima da maior placa de cristais do mundo, ela é uma placa... não é um cristal gigante, é uma placa de quartzo. Essa placa, ela atravessa todo o nosso continente, não é só aqui que ela vem, só que ela é super profunda. E aqui nessa região ela vem até a superfície e depois ela afunda de novo. Existem algumas fotos de satélite, inclusive teve um astronauta da ISS que twittou que ele viu o coração do Brasil brilhar e algumas fotos que mostram esse brilho... Por quê? A luz do sol reflete nessa placa de cristais e dá para ver o brilho lá de fora, claro que a gente daqui não percebe né, mas lá de cima dá para ver. É... Aí eu penso o seguinte, se a gente tivesse visto um ponto brilhante em Marte a gente já teria colocado um hover lá naquele ponto para ver o que é, eu tenho certeza que eles com a tecnologia muito mais avançada que a nossa coloca

os hoverzinhos deles aqui né, para ver o que que é esse pontinho brilhante naquele planetinha azul (Felipe, entrevista 16/07/2022).

Essa placa de quartzo, presente na região, também influencia no comércio de produtos em Alto Paraíso de Goiás. Existem lojas especializadas na venda de “cristais energéticos”, com efeitos variados. Felipe não menciona o potencial místico dos cristais, mas considera que essa formação geológica é de interesse para os extraterrestres pelo brilho que emana fora do nosso planeta.



Figura 8 - Incensário Alien com pedra de Quartzo Rosa. Fonte: arquivo pessoal.

Em Alto Paraíso de Goiás há uma conjunção dos elementos da Ufologia Mística e Científica. Os eixos mágico-místico-religioso e Técnico-Científico-Racional se mesclam, por conta de uma confluência específica da formação geográfica, histórica e social da cidade. Durante minha estadia na cidade, conversei sobre o avistamento do óvni do Moreirão e tentei compreender quais são as características que levam à Ufologia a considerar uma experiência legítima ou não em termos de incidentes ufológicos. Por meio da análise mitológica podemos compreender as relações sociais, culturais e de poder, como visto por Evans-Pritchard ao analisar a bruxaria entre os Azande.

Vimos que o zande não acredita no poder terapêutico dos adivinhos simplesmente porque teria uma propensão especial a crer em coisas sobrenaturais; pelo contrário ele sempre remete qualquer ceticismo ao

teste da experiência (...) O zande replica os juízos céticos de uma forma experimental e racional, fornecendo uma lista de casos que conhece em que as curas tiveram sucesso (Evans-Pritchard, 2005, p. 126).

Evans-Pritchard percebeu que apesar de acreditarem na bruxaria e em curas vindas dos adivinhos, os azande possuem um forte ceticismo com relação à veracidade do fato. O mesmo ocorre no campo da ufologia. O mito do disco voador brasileiro passa por processos de verificação dentro da Ufologia, que o dão legitimidade. Um dos casos mais famosos do país, o aparecimento do *ET de Varginha*, já foi “excepcionalmente bem pesquisado e documentado”, de acordo com Ademar José Gevaerd³⁷. Existem diversos casos de supostas aparições que são desmentidos pela própria comunidade ufológica, seja por falta de provas, seja por inconsistência de informações. Assim como as “Ciências Duras”, a Ufologia se baseia em uma categoria nativa própria, que é a existência dos óvnis.

Ora, nesse ponto, duas semelhanças já poderiam ser traçadas entre as Hard Sciences inauguradas por Boyle e a ciência que se coloca como mote do presente estudo, a Ufologia. Isso porque, de um lado, teríamos que, tanto num caso como em outro, preenche-se uma espécie de "significante zero" com uma "categoria nativa", ou em uma palavra, torna-se explicado algo a princípio inexplicável. De outro lado, é a partir da validade da palavra daqueles que testemunham esse processo de explicação que se busca a legitimidade para o que foi "descoberto". [...] Dessa maneira, se ativermos nosso foco na Ufologia, teremos que, da mesma forma que as Ciências formais, também aqui o desconhecido, sintetizado na máxima Objeto Voador Não Identificado, passa a ser conhecido e explicado por meio de um "tratamento metódico" dado às evidências do fenômeno, ao mesmo tempo em que se preza pela idoneidade e pela "boa fé" dos cientistas que se propõem a estudar o aparecimento dos Discos-voadores, elementos sem os quais qualquer verdade estaria inexoravelmente relegada a situação de ficção (Carlos, 2007, p. 80).

Da mesma forma que as ciências formais, a Ufologia realiza processos de verificação e legitimação em seu próprio campo. Uma consequência dessas ações é a denúncia de avistamentos falsos e charlatanismo, como o caso do "ET Bilu", também ocorrido em Mato Grosso do Sul e que ganhou notoriedade pela veiculação na rede

³⁷ FIUZA, Regiane. Como Será: O tema é OVNI: ufólogo tira dúvidas sobre objetos voadores misteriosos. Disponível em <https://g1.globo.com/como-sera/noticia/2016/09/o-tema-e-ovni.html>, acesso em 23 jun. 2022

Record. A divergência entre o "pai do ET Bilú" e outros segmentos da comunidade ufológica, como o editorial da Revista *UFO*, chegou a resultar em um processo judicial.

Na comunidade, também conhecida como Projeto Portal, moram várias pessoas seguidoras de Urandir e de seus ensinamentos, o que gera grande polêmica, principalmente quando o pesquisador é confrontado por outros ufólogos, como Ademir Gevaerd, que morou por vários anos em Campo Grande e edita a Revista *UFO*. (Bilú era o nome do gato de estimação de Gevaerd que Urandir usava como símbolo de chacota à comunidade ufológica). Urandir perdeu recentemente mais duas ações para o editor da Revista *UFO* A. J. Gevaerd. A Segunda Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Paraná negou provimento ao recurso do inventor do ET Bilú por unanimidade de votos. Urandir se sentiu ofendido com as duras críticas às teorias de Terra convexa, não existência de gravidade e outras como a não existência do Sistema Solar, e entrou uma ação civil e outra criminal contra o editor da Revista *UFO* no ano passado. (*UFO*, 2019b)

Identificar as “fraudes” e “charlatanismos” é parte do ofício do ufólogo. Portanto, a busca por evidências não é um processo passivo, sendo necessários processos de investigação minuciosa, que abrangem desde a análise de conteúdo e discurso até o exame de fotografias e vídeos. Essa busca por incongruências é vista como uma parte integral e intrínseca do campo da ufologia.

10.1 – Por que existem fraudes no meio ufológico?

As fraudes existem pelos mais variados motivos. De brincadeiras, passando a tentativas de desacreditar a Ufologia e os ufólogos, a interesse em ficar famoso e ganhar dinheiro com a fraude, estas fazem parte do estudo ufológico, e o pesquisador precisa estar preparado para lidar com elas. [...]

10.4 – Como distinguir enganos e fraudes?

Nas modernas fotos digitais, frequentemente o OVNI “fortuito” visto na imagem, e que não foi percebido no momento em que a foto foi feita, geralmente é uma figura desfocada e indistinta. Se os demais objetos, incluindo a paisagem de fundo, estiverem em foco, muito provavelmente isso indica que se tratava de um inseto passando bem próximo a câmera no momento da foto. Se mais distante, pode se tratar de uma ave.

Na fotografia convencional, é praxe examinar tanto a foto quanto o filme, buscando qualquer sinal de incongruência, manipulação, mancha química ou outro problema. Analisar o próprio equipamento, e contar com o auxílio de um especialista em fotografia são essenciais, além de sempre tomar o depoimento das testemunhas (*UFO*, 2019a).

O "Caso Morenã" é considerado um avistamento legítimo perante a Ufologia, ao contrário do "ET Bilu". Isso se deve a dois fatores principais: a quantidade de pessoas que avistaram o óvni simultaneamente e suas características distintas, como luzes intensas, ausência de sons de motor e alta velocidade. Ainda assim, apesar dos inúmeros presentes, não há registro fotográfico do Disco Voador.

Durante minhas conversas em Campo Grande, questionei a respeito da ausência de "provas físicas" e, segundo meus interlocutores, não há fotos do avistamento devido às limitações tecnológicas da época. O acesso a câmeras fotográficas era escasso, e, exceto pelos jornalistas, era raro levar uma câmera para assistir a uma partida de futebol. O *Correio do Estado* chegou a noticiar o evento, porém sem apresentar fotografias.

Cabe salientar que, apesar de ser visto como um evento ufológico legítimo, o "Caso Morenã" ainda é pouco estudado pelos ufólogos. Mário Nogueira Rangel, que pesquisou sobre o avistamento³⁸, considera o "jogo do disco voador" como um acontecimento que deveria ser mais valorizado e questiona os céticos: "como estes vão dizer que mais de 24.500 pessoas imaginaram ver um disco voador que não existia?"

³⁸ As declarações de Mário Nogueira Rangel constam na reportagem da jornalista Matilde Freitas, intitulada Discos voadores em estádios: casos de aparições durante jogos de futebol, para o portal NSC. Disponível em: <https://www.nscototal.com.br/noticias/discos-voadores-em-estadios-casos-de-aparicoes-durante-jogos-de-futebol>, acesso em 23 jun. 2022.

CAPÍTULO II

MORENÃO, FUTEBOL E CRIAÇÃO DO ESTADO

No presente capítulo, exploraremos alguns elementos relacionados à identidade sul-mato-grossense, na qual o Estádio Morenã emerge como um símbolo icônico, entrelaçado com a história do futebol local e os desafios enfrentados durante a criação do estado de Mato Grosso do Sul. Ao explorar esses temas, mergulharemos nas profundezas da memória histórica e do desenvolvimento social, analisando como esses elementos se entrelaçam para moldar a narrativa única do estado.

2.1 O estádio Morenã

Na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, no Centro-Oeste brasileiro, ergue-se o Estádio Pedro Pedrossian. Esta arena não é apenas um local para o jogo do futebol, mas sim um monumento enraizado na história e na identidade do povo sul-mato-grossense, especialmente dos campo-grandenses. Por trás das façanhas esportivas, a história do Morenã se entrelaça com a jornada tumultuosa que culminou na criação do estado de Mato Grosso do Sul. Neste capítulo, adentraremos os bastidores desse estádio, investigando as relações entre o futebol, a construção da identidade campo-grandense, a criação do estado e o avistamento de disco voador.

A construção do Morenã demonstra como a política mato-grossense estava alinhada à do referido presidente (Emílio Garrastazu Médici). Em discurso sobre a obra, o então governador Pedro Pedrossian afirmava que “o estádio era prova concreta do clima de progresso que o país vivia”. Já Médici (1971) referiu-se ao estádio como um “novo gigante que se levanta no Mato Grosso demonstrando o clima progressista que vivia a pátria”. Tal construção deve ser considerada como produto desta “época de ouro” do futebol no país. (Pelho, 2011, p. 5)

A época de ouro do futebol em 1970 foi marcada por um clima de entusiasmo e otimismo no Brasil, impulsionado pelas conquistas esportivas e também pelo contexto

político. A seleção brasileira, liderada por Pelé, encantou o mundo com seu estilo de jogo envolvente e conquistou o tricampeonato mundial no México, consolidando o Brasil como uma potência do futebol. Nesse clima progressista, o futebol se tornou mais do que um esporte, refletindo os anseios e a identidade de um povo que buscava se afirmar no cenário internacional.³⁹ A construção de estádios pelo país é característica marcante desse período, sendo o Moreirão uma das várias estruturas que surgiram nessa época.

A construção de identidade é um processo complexo e multifacetado que usualmente está ligado a símbolos. Estes desempenham um papel fundamental na forma como os indivíduos se percebem e são percebidos pela sociedade. Elementos como a culinária, patrimônios materiais e imateriais, maneirismos e sotaques servem como pontos de referência, que ajudam as pessoas a se conectar com seus grupos e comunidades, que ressoam com sua própria identidade.

Essa construção envolve a seleção e incorporação de símbolos que representam quem se é e o que se valoriza, contribuindo para a compreensão de nós mesmos e da posição que se ocupa no mundo. Geertz chama de símbolo “a qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção - a concepção é o “significado” do símbolo” (2008, p. 67-68). Portanto, o estudo da cultura passaria pela análise e descrição dos diversos símbolos que a constituem. Percebemos também que a identidade é uma concepção que transita entre os âmbitos individual e coletivo, de forma que o processo identitário do campo-grandense se relaciona a diferentes estâncias do ser.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. [...] Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais. (Woodward, 2000, p. 18-19).

As relações simbólicas que permeiam o estádio Moreirão e sua construção estão intrinsecamente ligadas ao processo identitário e ao exercício de poder, conforme

³⁹ Para mais informações sobre a identidade nacional e a influência da seleção, consultar Capraro, Santos e Lise (2012)

argumentado por Woodward. O estádio, como espaço físico de prática esportiva e entretenimento, é um palco onde diferentes identidades se encontram e se manifestam. A cultura do futebol, por exemplo, molda a identidade dos torcedores ao dar sentido à sua experiência, oferecendo-lhes uma identidade coletiva ligada ao time que apoiam. No entanto, o poder para definir quem é incluído e quem é excluído dentro desse contexto também é evidente. As relações sociais dentro e ao redor do estádio, como a segregação de torcidas rivais ou a hierarquia entre diferentes grupos de torcedores, exemplificam como o poder influencia a construção das identidades dentro desse espaço simbólico.

Nesse contexto, o Estádio Pedro Pedrossian desempenha um papel de grande importância na história esportiva e cultural de Campo Grande. Inaugurado em 1971, o estádio foi construído no momento de crescimento acelerado da cidade, refletindo o desejo de consolidar a relação entre a região e o esporte. Estrategicamente localizado ao lado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o Moreirão tornou-se um marco como o maior estádio universitário da América Latina durante sua época de construção. Sua proximidade com a universidade fortaleceu os laços entre a comunidade acadêmica e o esporte. Além disso, a construção do estádio também remete a um período de valorização do futebol, durante o período ditatorial.

De acordo com o Correio do Estado, o Estádio do “Moreirão” colocava-se como uma obra com características monumentais, pretendendo ser um divisor de águas para a cidade de Campo Grande, que buscava, como já dito, se colocar à frente de Cuiabá. Apesar de a obra ser estadual, João Havelange, em seu discurso na cerimônia de inauguração, destacou a importância do estádio, que serviria para o Campeonato Nacional de Clubes, hoje conhecido como Brasileirão, e também para torneios internacionais como a Copa do Sesquicentenário, que seria realizada em 1972. O dirigente destacou a importância de um estádio daquele porte no Centro-Oeste e não mediu elogios ao governador Pedro Pedrossian (Ferreira, 2011, p. 179-180).

O Moreirão se tornou um local emblemático para eventos esportivos, não apenas para o futebol, mas também para outras modalidades e atividades culturais, servindo como palco para celebrações, competições e encontros da comunidade local. Além disso, o estádio se destaca por sua arquitetura modernista, que marcou a paisagem urbana de Campo Grande.

Hoje, o Moreirão não é apenas um símbolo esportivo, mas também um marco histórico e cultural que desempenha um papel vital na promoção do esporte e na coesão da comunidade local. Sabendo da importância desse símbolo para a cidade, busquei conversar com alguém que fizesse parte da história do estádio e acabei por conhecer Armando. Funcionário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Armando foi responsável pela manutenção do estádio Moreirão por mais de 40 anos e se aposentou recentemente.

L: você entrou aqui quando?

A: Eu entrei eu entrei metade de 1979. O Moreirão é um pouco mais velho do que eu...

L: mas 79 foi quando federalizou, não foi?

A: Foi quando o movimento de federalizar né... o estado. Então nós pegamos assim o estádio Moreirão, ele é uma história, ele é um patrimônio, querendo ou não. As pessoas... ele é um patrimônio nacional. O Moreirão, as pessoas que talvez não tem noção... ele divulgou muito nosso estado lá pra fora, porque o Operário foi jogar na Europa, mundo afora. Então o nome do estádio Universitário foi colocado naquelas... os narradores... “o galo do estádio Universitário Pedro Pedrossian” (...) Então o moreirão ele ficou na história, ele ficou na história dos grandes jogos (Armando, entrevista 09/05/2022).

Segundo Armando, o estádio foi palco de diversos eventos ao longo de sua história, e ele esteve presente na maioria deles. O Moreirão foi utilizado para a realização de bingos comunitários, nos quais eram oferecidos prêmios de alto valor, como carros e televisores. Além disso, serviu como local de treinamento para militares e para a faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Armando inclusive mencionou o recorde de público pagante do estádio, 38.122 pessoas que assistiram ao jogo entre Operário-MS e Palmeiras em 1978, um ano antes de ele se tornar funcionário da UFMS. Ele esteve presente no “Caso Moreirão” e descreveu o evento da seguinte maneira:

A: Veio um objeto... Ele veio sentido Auto-Cine, sentido o placar, naquela época que ainda funcionava. Então eu naquele momento eu não... eu fiquei mais preocupado achando que ele ia derrubar o placar do que outra coisa. Porque era um voo... Era uma coisa baixa né muitas luzes assim... Não tinha barulho. Uma coisa que a gente tem certeza é que ele não era avião e nem era um helicóptero. Então era... eu costumo dizer que é um objeto estranho, então ele passou naquele sentido. Os jogadores deram uma parada e o árbitro assim, em torno de uns de 8 a 10 segundos no máximo, nada além disso. E ele ficou nessa história né, de 1982 ao presente momento de ninguém saber

explicar o que seria aquele objeto. Uns mais entendidos acham que era o Disco Voador, que era o sentido. Porque daí passou... passou uns anos né, através da TV Morena, o... aquela... O Esporte Espetacular da Rede Globo, o povo veio fazer uma matéria aqui em Campo Grande e estiveram aqui no estádio do Moreirão que foi... Todas aquelas pessoas que foram identificadas que viu... aquele aparelho, aquele objeto passar cruzando o estádio todos afirmaram a mesma coisa disso que eu estou aqui narrando, né.

L: as luzes eram coloridas?

A: eram umas luzes assim... Não era aquelas luzes vermelhas, ela era bem parecida assim com essas fluorescentes nossas hoje, aquela luz mais clara. Mas elas eram para baixo, ela aparentemente rodeava assim [faz sinal de giro com a mão]... tinha as luzes assim, sabe? Mas ele não tinha barulho de motor. Ele cruzou, passou, mas não dava para gente identificar altura né, mas ele veio daquele sentido [aponta pra região do lago do Amor] e muitos bairros da época o pessoal também viu, muita gente viu e aí acabou se identificando muita gente né, que participaram daquela reportagem do Esporte Espetacular. E o famoso disco voador, ele ficou na história do Estádio Moreirão (Armando, entrevista 09/05/2022).

Por meio da entrevista de Armando, conseguimos traçar uma trajetória do Disco Voador, bem como identificar alguns elementos que demonstram a “veracidade” do avistamento perante as bases da Ufologia Científica. Questões como a trajetória errática, a falta de barulho e as luzes brancas costumam estar presentes nas narrativas de Disco Voador aceitas pela comunidade ufológica. Essa conversa com Armando vem ao encontro de um documento que me foi cedido pelo arquivo da UFMS. Trata-se de uma ata escrita à mão e assinada pelo Major José Maravieski, responsável pelo núcleo de Desportos da UFMS durante o período da ditadura militar. A existência desse registro, juntamente com o testemunho de Armando, sugere uma correlação significativa entre avistamentos de OVNIIs e as instituições da época. Desse modo, as investigações aprofundadas nesse campo, buscam compreender não apenas os eventos em si, mas também os contextos históricos e sociais que os cercam.

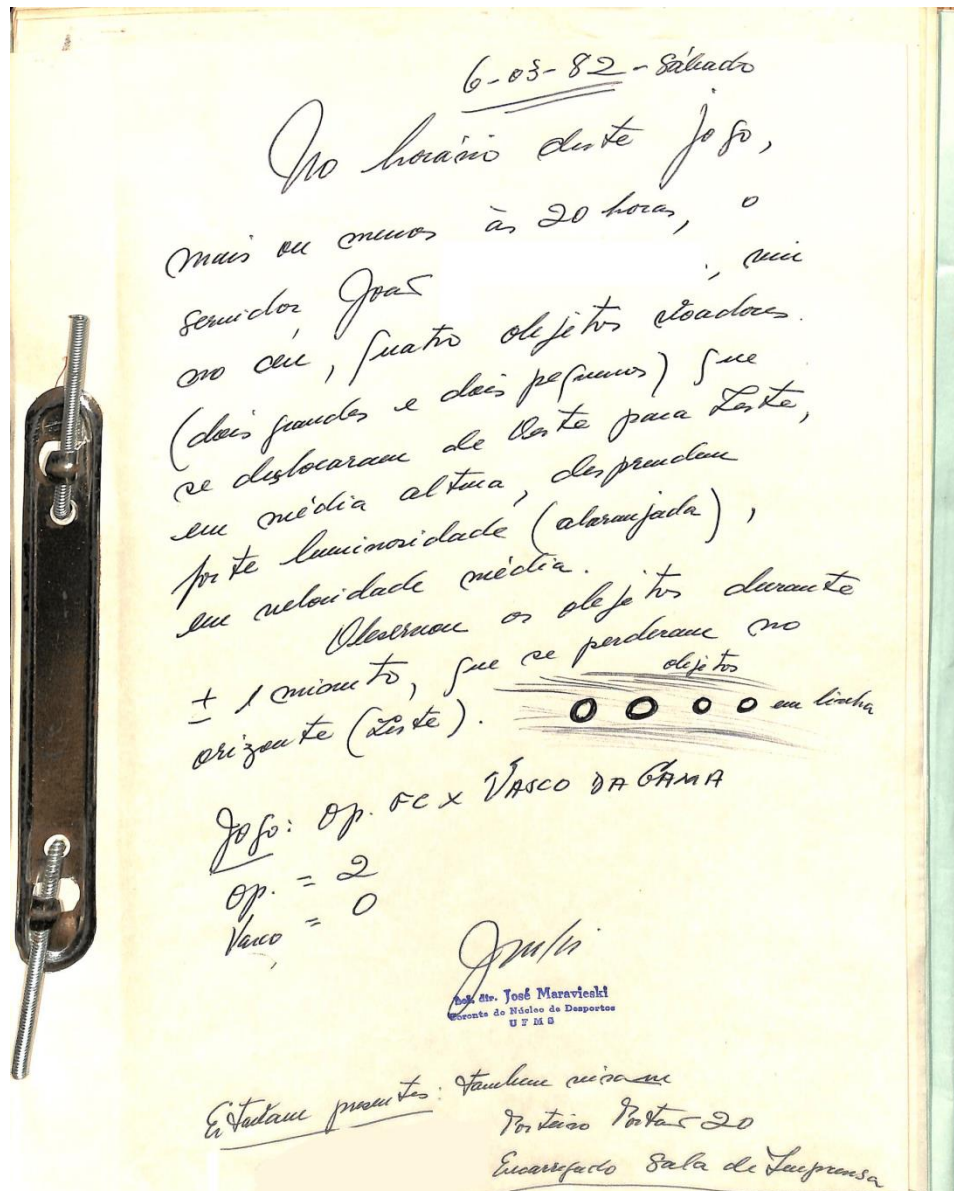


Figura 9 – Ata descrevendo o avistamento, assinada por José Maravieski⁴⁰

⁴⁰ 6-03-82 - sábado

No horário deste jogo, mais ou menos às 20 horas, o servidor João, viu no céu quatro objetos voadores (dois grandes e dois pequenos) que se deslocaram de oeste para leste, em média altura, desprendendo forte luminosidade (alaranjada), em velocidade média. Observou os objetos durante mais ou menos um minuto, que se perderam no horizonte (leste).

Jogo: op. fc x Vasco da Gama

Op. = 2

Vasco = 0

Estavam presentes: também viram

Porteiro portão 2.0

Encarregado sala de imprensa

A ata redigida pelo Major José Maraviéski, descrevendo o avistamento de um disco voador por três pessoas filiadas à UFMS, é uma documentação oficial significativa. A presença de testemunhas afiliadas a uma instituição acadêmica confere credibilidade ao relato, enquanto a autoridade do Major, enquanto responsável pela divisão de esportes da universidade, adiciona um aspecto de oficialidade ao documento. A inclusão de detalhes específicos sobre o avistamento, como a hora e localização precisa, pode oferecer informações valiosas para investigações adicionais sobre o avistamento.

O documento foi encontrado em meio aos documentos do jogo entre Operário e Vasco, aparentemente "escondido" entre outros papéis oficiais. Este fato intrigante pode sugerir uma tentativa de preservar o arquivo, especialmente considerando que o estádio Moreirão está localizado dentro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, um local de ciência e ambiente predominantemente acadêmico. O contraste entre este ambiente acadêmico e o inusitado relato de um avistamento extraterrestre poderia ter gerado estranhamento e até mesmo o descarte do documento, por não se adequar ao espaço universitário. No entanto, a existência da ata também destaca a necessidade de uma abordagem mais crítica e abrangente na pesquisa. No caso do documento de Maraviéski, a análise das informações através de entrevistas, como a realizada com Armando, permitiu identificar concordâncias e contextualizar os eventos descritos.

É preciso ressaltar que embora documentos oficiais sejam importantes fontes primárias de informações, eles não estão imunes a distorções. Um pesquisador deve entender que os documentos podem conter lacunas, imprecisões, ambiguidades ou até mesmo deturpações da verdade. É por isso que se faz necessário buscar fontes complementares e, sempre que possível, consultar diretamente as pessoas envolvidas. Entrevistar indivíduos relacionados ao documento em questão pode fornecer informações valiosas e esclarecer pontos obscuros visto que as entrevistas ajudam a entender o evento no seu contexto histórico e cultural. Além disso, é importante manter uma postura crítica em relação às fontes oficiais, pois nem sempre garantem a veracidade dos eventos ou fatos registrados, podendo refletir interesses políticos, ideológicos ou outras formas de viés. Nesse caso específico, o documento de Maravieski chegou às minhas mãos após a entrevista de Armando e pude verificar

concordâncias entre as informações, bem como correlacionar os dados entre o depoimento de Maravieski com as falas de outros interlocutores.

A colaboração entre militares e entusiastas da ufologia não é um fenômeno isolado, especialmente no Brasil. Ao longo das décadas, houve vários incidentes em que membros das forças armadas se depararam com avistamentos inexplicáveis e colaboraram com pesquisadores para documentar esses eventos, das quais destaco a “Operação Prato”. Embora a postura oficial das instituições militares seja frequentemente de cautela e sigilo em relação a esses assuntos, há evidências de uma relação complexa e muitas vezes discreta entre militares e ufólogos. Essa colaboração pode indicar um reconhecimento tácito por parte dos militares de que há algo digno de investigação nos fenômenos ufológicos, ou que os membros das forças armadas veem essas interações como parte do seu dever de investigar qualquer incidente que possa representar uma ameaça à segurança nacional.

2.2 O Futebol em Mato Grosso do Sul

Um dado importante mencionado por Armando foi o público do jogo em que ocorreu o Caso Morenã, cujos dados costumam variar de acordo com a fonte. De acordo com o funcionário, foram 24.750 pagantes. Esse público expressivo era comum nos jogos dos times da capital na época, visto que Operário-MS e Comercial eram equipes que disputavam grandes competições e rivalizavam entre si, protagonizando o “Comerário” no campeonato estadual.

Ainda na década de 70, o Comerário ganhou outra dimensão e atravessou as divisas do próprio estado, passando a ser um clássico de nível nacional. Representando o estado de Mato Grosso, os arquirrivals duelaram duas vezes na elite do Campeonato Brasileiro, a primeira, foi na fase inicial da competição, em 22 de maio de 1978 que terminou em 1 a 1. Já o segundo encontro foi no ano seguinte em partida válida pela segunda fase do campeonato nacional em que o Operário venceu por 2 a 0 na data de 8 de novembro de 1979. Com a criação do estado do Mato Grosso do Sul, o Operário continuou a sua hegemonia estadual sendo Tricampeão Sul-Mato-Grossense (1979, 1980 e 1981). Em 1981, na conquista do Tricampeonato, a grande decisão foi justamente contra o Comercial. (Mendonça, 2023)

O futebol desempenhou um papel fundamental na formação identitária sul-mato-grossense no período pós-criação do estado. Como uma paixão compartilhada por muitos habitantes da região, o esporte não apenas proporcionou entretenimento e lazer, mas também serviu como um importante elemento unificador da comunidade. Os clubes da capital, Operário Futebol Clube e Esporte Clube Comercial, tornaram-se símbolos de orgulho regional e catalisadores para a construção de uma identidade cultural distintamente sul-mato-grossense, diferenciando-se e rivalizando com os times do Mato Grosso. Além disso, o futebol serviu como uma plataforma para expressar a diversidade, propor uma coesão social e coexistência pacífica entre os diversos grupos dentro do estado.

O “Comerário” se tornou o jogo mais importante do novo estado na década de 1980, reforçando o sentimento de identificação sul-mato-grossense por meio do futebol. Para compreender as relações entre “ser operariano” e “ser comercialino”, utilizaremos o conceito de pertencimento clubístico. Damo (1998) estabelece que o pertencimento clubístico está relacionado à um sentimento de pertença, que remete à identidades regionais circunscritas ao universo futebolístico. Para Damo, essa relação de pertença passa por rituais de rivalidade, expressos nas partidas de futebol.

Embora o pertencimento clubístico seja “eterno” e os torcedores se reconheçam enquanto comunidade mesmo que dispersos no tempo e no espaço, este sentimento precisa ser atualizado de tempos em tempos. Para isto existem os jogos ou, se se preferir, os rituais disjuntivos, momentos de intensa sociabilidade através dos quais se reforça a coesão e o sentimento de pertença a nação, já não mais virtual ou imaginada, mas real e concreta. (Damo, 1998, p. 155)

Damo ressalta a dinâmica complexa do pertencimento clubístico, destacando que esse vínculo “eterno” com o clube necessita de renovação e atualização. Para tal, os jogos desempenham um papel crucial nesse processo, servindo como momentos de intensa sociabilidade onde os torcedores se reúnem para compartilhar emoções, experiências e memórias. No caso do Mato Grosso do Sul, a rivalidade de Operário e Comercial traz uma série de significados que vão desde situações concretas, como a origem dos times e sua formação, um vinculado aos trabalhadores e classes inferiores e outro aos comerciantes, até questões abstratas, como a cor do uniforme ou escudo.

Nos momentos de encontro entre torcedores no estádio, ou para assistir uma partida pela televisão, a coesão e o sentimento de pertencimento clubístico são reforçados de maneira tangível, transformando a noção de pertencimento em algo concreto e real. São eventos como esse que permitem aos torcedores se reconectarem com sua identidade clubística e afirmarem sua posição dentro da "nação" do clube. Damo utiliza a ideia de "nação" justamente porque os torcedores de um time, dentro do universo futebolístico, compartilham dos mesmos costumes, trejeitos, dialetos, símbolos de poder e se sentem pertencentes a uma comunidade.

A ideia de pertencimento a uma comunidade foi o fio condutor das conversas que tive com outro dos meus interlocutores, Lázaro. Professor de direito e nascido em Aquidauana, Lázaro comenta que assistia aos jogos dos times de Mato Grosso do Sul justamente "por ser de Mato Grosso do Sul", apesar de torcer pelo Palmeiras. A paixão futebolística levava as pessoas a torcerem pelos times do estado, mesmo que não fossem as equipes "do coração." Sobre o papel do avistamento nesse processo que coloca o "do Sul" nas falas dos campo-grandenses quando os estrangeiros confundem a cidade como capital do Mato Grosso, Lázaro comenta:

L: considerando um avistamento tão grande assim, tantas pessoas terem visto. Você acredita que ele teve algum tipo de influência na questão cultural daqui? Que tipo de influência pode ter trazido?

La: o aspecto cultural que foi uma das situações que... o estado era muito novo, o estado é muito novo. Tinha quatro anos, então aquele acontecimento eu acho que foi uma das coisas que começou a Mato Grosso do Sul se identificar como Mato Grosso do Sul, que loucura isso que eu estou falando né, mas isso me dá a impressão que aí a conversa passou a ser Mato grosso do Sul. Um acontecimento que faz com que o estado entre no mapa, talvez. Cria uma identidade por incrível que pareça, para o sul mato-grossense que viu aquilo (Lázaro, entrevista 10/10/2022).

Sendo assim, Lázaro menciona o avistamento como um dos eventos que marcou o estado no período de sua criação e foi um dos primeiros momentos que Campo Grande se torna relevante para o cenário nacional, mesmo que para um seleto nicho, da ufologia nacional. A relação com o Disco Voador é, ainda hoje, parte integrante da vida social dos mais velhos, que estavam na cidade na década de 1980 e viram as diversas transformações que a capital passou. Acerca desse assunto, Lázaro chega

a comentar sobre um evento ocorrido posteriormente, em uma partida entre Comercial-MS e Internacional-RS pela copa do Brasil em 2002.

Então, Comercial e Inter do Rio Grande do Sul e eu fiquei, é... nesse jogo numa posição parecida com a que eu estava naquele dia de 1982, isso já adulto né, foi agora. E eu estava com um amigo meu de São Paulo e ele não sabia da história. Então, sentado lá, conversando, não sei se foi o intervalo do jogo, uma coisa assim, enfim... batendo um papo e aí eu comentei com ele falei: "rapaz você sabia que passou uma luz aqui, um disco voador e tal... e eu estava aqui e eu vi o disco voador"... E ele começou a tirar sarro de mim: "Que isso, um disco voador? Isso nem existe, você viu um disco voador?" Falei: "Não rapaz, passou aqui, passou aqui o negócio grande passou aqui, parou todo mundo viu..." (...) e nisso como a gente estava no meio de uma arquibancada de futebol algumas pessoas que eu nunca vi na vida começaram a falar para ele, acho que eles se sentiram meio ofendidos, não que tenha se sentido ofendido, mas ele ficou tirando sarro de mim o pessoal virou assim e falou: "Ó cara eu estava aqui também hein". Aí outro do outro lado "Eu estava aqui também, eu vi!" Aí o outro: "Ó rapaz eu estava aqui também!" Cara, eu achei aquilo sensacional porque as pessoas se identificaram comigo, porque eu estava sendo ironizado por um cara que não era daqui, que não viu aquilo e aquelas pessoas que de repente estava todo mundo: "Eu estava aqui também". Então assim, aquilo para mim foi emblemático nunca mais esqueci porque foi um momento em que pessoas totalmente desconhecidas se identificaram a partir de um acontecimento. E aí é exatamente o que você falou, de repente nós estávamos lá como uma comunidade que nem sabia que existia né algo quase líquido como Bauman diria. Pessoas se identificaram então eu acho que o tamanho do acontecimento, a quantidade de pessoas que viram.... Que presenciaram aquilo e o momento que aquilo aconteceu eu acho que sim, serviu para dar uma liga assim "Ah, sou Mato Grosso do Sul". (Lázaro, entrevista 10/10/2022)

Como indicado por Lázaro, o avistamento não só alimentou o imaginário coletivo, como também destacou a importância do estádio Pedro Pedrossian como um espaço de encontro e experiências compartilhadas. Ao analisar tais questões, podemos utilizar o conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, que nos leva a compreender como eventos singulares podem se tornar âncoras para a construção da identidade de uma comunidade. A narrativa do avistamento, perpetuada e amplificada pelo contexto do estádio universitário, torna-se parte integrante do tecido social, fornecendo um ponto de referência compartilhado que contribui para a coesão e a continuidade da memória coletiva da região. O avistamento do disco voador no Moreirão exemplifica essa complexidade das conexões sociais em um contexto

marcado pela busca por referências identitárias. Referências essas que a capital do Mato Grosso do Sul carecia.

Ao longo das últimas décadas, Mato Grosso do Sul testemunhou uma série de transformações sociais que impactaram profundamente o cenário do futebol local. O esporte, que antes ocupava um lugar central na cultura e na identidade da região, enfrentou desafios significativos que levaram à sua queda em termos de popularidade e relevância. Mudanças econômicas, sociais e culturais contribuíram para essa transformação, afetando tanto a infraestrutura esportiva quanto o envolvimento da comunidade. Na década de 1980, época áurea do futebol sul-mato-grossense, as equipes locais desfrutavam de grande competitividade no cenário nacional, proporcionando um sentimento de orgulho e união entre os habitantes da região. No entanto, Alan menciona que as particularidades desse período revelam aspectos fundamentais das relações entre a cidade e o esporte, destacando elementos-chave que contribuíram para a ascensão e posterior declínio do futebol em Mato Grosso do Sul.

Al: eu vou falar uma coisa, assim... na época que esses dois times, Operário e Comercial, começaram a surgir a cidade se dividiu. Se dividiu assim, o Operário sempre teve torcida maior. Eu sou operariano e posso falar, a torcida do Operário sempre foi maior e existia uma rivalidade. Eu morava na época no bairro Guanandi então a gente ficava na expectativa porque domingo era o dia que o pessoal gastava um pouco mais, podia comer frango, olha como é que eram as coisas. Então minha mãe ia comprar frango matava aqueles frangos... era hora de comer o frango, esperar um pouquinho e ir a pé para o Moreirão aí você pegava aquela avenida Manoel da Costa Lima, ela sempre teve aquele canteirão então de um lado andava a torcida do comercial e do outro a torcida do operário. Não existia aquela guerra de um querendo matar o outro, mas tinha lá um [imita sons de gritaria] bandeira e tudo...eu lembro de um senhor que tinha um caminhão ele enchia de comercialino então a gente ficava: "Porque vocês estão torcendo para o comercial? Vocês são trabalhadores, eram pedreiros, você é pedreiro... Então, você tem que torcer para Operário." (Alan, entrevista 07/03/2023)

A relação de classe dos torcedores do Operário e do Comercial, era historicamente marcada por distinções sócio-econômicas. O Operário, muitas vezes considerado o clube da classe trabalhadora, atraiu uma base de fãs mais diversificada, composta por operários, comerciantes e trabalhadores em geral. Por outro lado, o

Comercial, visto como o clube da elite local, tinha uma torcida formada majoritariamente por pessoas de classe média alta e alta. A popularidade maior do Operário, especialmente evidenciada durante o jogo contra o Vasco da Gama em 1982, pode ser atribuída não apenas à qualidade do time, mas também à identificação das camadas mais populares da sociedade com o clube. Esse jogo atraiu uma multidão de torcedores operarianos, que viram na partida uma oportunidade de prestigiar seu time em um confronto contra uma equipe de renome nacional. O jogo contra o Vasco da Gama, portanto, não apenas destacou a popularidade do Operário, mas também evidenciou as dinâmicas sociais e as relações de classe presentes no contexto do futebol em Campo Grande.

A popularidade do Operário chegou inclusive a ofuscar o Disco Voador. No dia seguinte à partida, os jornais nacionais não mencionavam a aparição, focando somente na vitória por dois a zero e a atuação brilhante de Jones. No jornal *Correio do Estado* do dia 08/03/1982 a matéria de capa era sobre a vitória do Galo, enquanto uma pequena seção ao lado tratava do avistamento. Esse episódio evidencia como o futebol, especialmente quando associado a triunfos esportivos, muitas vezes domina o espaço midiático e a atenção da população, relegando a segundo plano eventos que, em outras circunstâncias, poderiam receber maior destaque.

CORREIO DO ESTADO

ANO XXVIII - CAMPO GRANDE - MATO GROSSO DO SUL - SEGUNDA-FEIRA, 08 DE MARÇO DE 1982 - N.º 8.673

LOTERIA FEDERAL
Foi o seguinte o resultado da extração da Loteria Federal neste último final de semana para todo o território nacional: 1.º prêmio, bilhete n.º 17.545; 2.º prêmio, bilhete n.º 71.398; 3.º prêmio, bilhete n.º 14.871; 4.º prêmio, bilhete n.º 08.644; 5.º prêmio, bilhete n.º 46.878; 6.º prêmio, bilhete n.º 02.584; 7.º prêmio, bilhete n.º 03.180; 8.º prêmio, bilhete n.º 73.496; e 10.º prêmio, bilhete n.º 40.362.

Pinguela substitui a ponte
A Prefeitura de Campo Grande ainda não construiu uma passarela decente sobre o Córrego Segredo, na passagem com a Rua Euler de Azevedo, e o que foi feito até agora por uma empreiteira da Secretaria de Obras do Município, foi a colocação de dois enormes troncos de eucalipto, que, quando chove, ficam escorregadios e não permitem a passagem de ninguém. Quando está seco, exige do transeunte, enorme equilíbrio e muita coragem, pois um passo em falso significa cair de cerca de três metros de altura nas águas poluídas daquele córrego. O secretário Hestor do Patrocínio Lopes informou ontem que havia determinado a construção de uma passarela que oferecesse segurança para a população e não de uma "pinguela", como a feita ali, que não se faz nem em fazendas. Ele esteve sábado no local e ficou surpreso quando viu os troncos e as senhoras passando sobre eles. Nesta semana começa a construção de uma passarela segura. *Página 5*

Municípios terão mais

Galo aumenta chances; a luta ainda é difícil
Jones cabeceou forte e o goleiro Mazaropi não conseguiu segurar o segundo gol do Galo. O Operário aumentou bem suas chances de classificação para a terceira fase da Taça de Ouro, a partir da brilhante vitória de sábado último frente ao Vasco da Gama por dois tentos a zero. Porém, a luta continua sendo muito difícil uma vez que todos os participantes do Grupo "J", conseguiram vencer uma partida, e somam agora dois pontos positivos. Para garantir uma das vagas na próxima etapa do Campeonato Brasileiro, o alvi-negro campograndense precisará vencer, no mínimo, mais dois jogos, não podendo perder nenhum dos dois outros que terá fora de casa. O próximo compromisso do time operário é contra o América, do Rio de Janeiro, marcado para quinta-feira. Um resultado negativo nessa partida no Morianá complicaria totalmente os planos do Operário. Por essa razão, Carlos Castillo não deve mudar o esquema tático do Galo que, no sábado, funcionou maravilhosamente, surpreendendo a todos no Morianá, se vendo uma das melhores partidas dos últimos anos. *Última página*

Um OVNI, espetáculo na Capital
Boa parte da população de Campo Grande assistiu pasmada, na noite de sábado, o aparecimento de um "disco voador" nos céus da Capital. Ainda não se pode afirmar categoricamente que se tratava de uma espaçonave extra-terrestre, mas a verdade é que era um "objeto voador não identificado". Ninguém sabe explicar o que era, mas para quem viu a reação foi de espanto, pois o OVNI apresentava uma luminosidade intensa, com luzes oscilando em diversas cores puras, parecendo mais um espetáculo pirotécnico, hipótese que foi afastada, pois fogos de artifício são muito diferentes do que se viu. Pelo menos 15.000 das 24 mil pessoas que estavam à espera do jogo entre Vasco da Gama e Operário, no Morianá, assistiram ao aparecimento do estranho objeto. Ontem não se falava em outra coisa na cidade. O Infrater e a Base Aérea de Campo Grande não tinham até a tarde de domingo, nenhuma informação sobre o estranho objeto, mas garantiram que naquele horário não havia a previsão de nenhum voo oficial. Mesmo porque, os aviões brasileiros não teriam tamanha velocidade e luzes com igual intensidade à verificada. *Página 5*

Incêndio criminoso na polícia
Um elemento até agora não identificado pela Polícia alterou flocos nas residências de

Mãe quis matar as 2 filhas
Clarisse Rodrigues Esteves, de 27 anos, tentou matar suas duas filhas, Ju-

Figura 10 – Capa do Correio do Estado do dia 08/03/1982

Em entrevista para o documentário "O que era aquilo" (2013) o jogador do Operário Cocada menciona a relação ambígua no dia do avistamento. Por mais que o evento tivesse sido surpreendente, o foco dos jogadores era o futebol, visto que a vitória na partida contra o Vasco da Gama seria crucial para manter o time na competição. Cocada relata como, durante o intervalo do jogo, os jogadores comentavam sobre o estranho objeto avistado nos céus, mas logo voltaram sua atenção para a estratégia de jogo e para o desempenho em campo. Essa dualidade de sentimentos - entre o espanto diante do incomum e a determinação em alcançar o sucesso esportivo - ilustra a intensidade do momento para os jogadores do Operário.

No vestiário nós comentamos ainda e falávamos como se fosse um avião. Nossa concentração tava no jogo, não dava pra para pra falar daquilo, nós estávamos concentrados no jogo, vimos o que aconteceu, mas estava todo mundo concentrado no jogo, depois comentamos no vestiário. Foi isso que aconteceu. Eu fui escolhido melhor jogador em campo, atuação fantástica, muito acima do que eu esperava. Eu fui pra uma estreia num campo que só tinha fera. Vasco era um timaço, Roberto Dinamite, Cláudio Adão, Pedrinho, Rondinelli, Mazzaropi. Nosso time também era um timaço, Arthurzinho, Paulo Marcos, Jones que fez os dois gols, Cléber. Eu era o único garoto, só tinha jogador experiente e eu estreando. Tive uma participação brilhante, fui eleito o melhor jogador da partida, ganhei um troféu até hoje. E aquela partida

foi transmitida ao vivo para o Rio de Janeiro e no ano seguinte eu fui contratado para o Flamengo por causa da partida. (Cocada, O que era Aquilo, 2013, Kneipp e Heiderich)

Quanto às menções ao disco voador nos jornais Correio do Estado, nos dias 08 e 09 de março de 1982, as notícias sobre o avistamento ganharam um destaque maior com o surgimento de outros depoimentos de avistamentos fora do estádio e em cidades do interior. Esses relatos adicionais alimentaram especulações e debates sobre a natureza do fenômeno e sua possível origem, ampliando o interesse público e a cobertura midiática em torno do assunto, especialmente com a cobertura de Ademar Gervær. O avistamento do disco voador tornou-se então parte de uma série de narrativas que fascinaram a população de Campo Grande e região.



Figura 11 – Reportagem do Correio do Estado do dia 09/03/1982

Após o jogo de 1982, o Operário ainda conseguiu manter certa relevância, participando de competições como a *President Cup*, um campeonato mundialito disputado no mesmo ano, vencido pela equipe, e alcançando a vitória no módulo branco do campeonato brasileiro em 1987. No entanto, nas décadas seguintes, o clube enfrentou um declínio gradual em sua performance e popularidade. Fatores como dificuldades financeiras e má gestão contribuíram para o enfraquecimento do Operário. O estádio Moreirão, que outrora testemunhava grandes públicos em jogos do clube, viu suas arquibancadas cada vez mais vazias. O declínio do Operário reflete não apenas as oscilações naturais do futebol, mas também as mudanças estruturais que afetaram o cenário esportivo de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul como um todo.

2.3 A criação do Mato Grosso do Sul

A própria história da fundação de Campo Grande é permeada por uma dicotomia entre a narrativa oficial, da fundação de José Antônio Pereira, e a narrativa quilombola, representada pela figura de Tia Eva. Segundo a versão oficial, a cidade foi fundada por José Antônio Pereira em 21 de junho de 1872, quando ele se alojou entre os córregos Prosa e Segredo. Pereira, um coronel ligado ao poder central, é celebrado como o fundador de Campo Grande e sua história é amplamente difundida na memória coletiva da cidade. No entanto, a narrativa quilombola desafia essa versão ao afirmar que Campo Grande foi na verdade fundada por Tia Eva, uma líder quilombola que estabeleceu uma comunidade afro-indígena no local. De acordo com essa perspectiva, Tia Eva e seu povo foram os verdadeiros fundadores da cidade, contribuindo para sua formação e desenvolvimento.

Como podemos perceber nas narrativas dos descendentes desses ex-escravos, tia Eva foi idealizada como uma liderança religiosa. Os sacrifícios vividos por ela no cativeiro, as promessas que fez para São Benedito e o seu “dom” de benzer e curar doenças formaram a sua imagem ligada diretamente ao campo do sagrado. Como que revivendo o mito judaico-cristão da terra prometida, tia Eva pediu a São Benedito uma terra onde os negros pudessem viver em liberdade, sem apanhar. Mais tarde, iniciou-se um movimento similar ao messiânico: tia Eva, com a imagem de São Benedito, guiou seu povo

oprimido em direção a essa terra. Por fim, tia Eva e Adão (“Adão e Eva”), juntamente com seu povo, após os sofrimentos impostos pelo trajeto, chegaram ao paraíso, a terra sem sofrimento, um espaço destinado por Deus para a construção do “projeto camponês”. Num sentido bíblico, as dificuldades da migração foram imposições de Deus a seus eleitos, pois somente após o sofrimento e a privação, como se fosse um rito de passagem, os eleitos chegariam à “terra prometida”. (Santos, 2012, p. 164-165)

A disputa entre essas narrativas reflete não apenas uma divergência de interpretações históricas, mas também questões de poder, identidade e representação que permeiam a história de Campo Grande e de suas comunidades. Outra relação importante para compreender o desenvolvimento do sul de Mato Grosso é a presença das linhas telégrafas de Rondon. As linhas telegráficas e a figura de Marechal Rondon desempenharam um papel fundamental na constituição da porção sul do estado de Mato Grosso. Diante da necessidade de estabelecer comunicações eficientes e garantir a segurança da região frente a possíveis invasões, no período após a invasão paraguaia, o investimento no estado foi direcionado para a criação de meios de comunicação militar com o Rio de Janeiro e o estabelecimento de novas rotas comerciais. Com apenas 90 mil habitantes na época, o território carecia de infraestrutura e de povoamento.

As linhas telegráficas, lideradas por Cândido Mariano da Silva Rondon, desempenharam papel determinante nesse processo, onde o marechal atuou como “descobridor” das áreas inexploradas e habitadas por diversas comunidades indígenas. A implantação das linhas telegráficas exigiu mão de obra militar e indígena, com os nativos desempenhando um papel crucial devido ao ambiente hostil e desconhecido. Além de sua função econômica e militar, Marechal Rondon também tinha uma visão positivista e evolucionista, acreditando que o desenvolvimento associado à educação e à introdução de novos meios de produção poderia civilizar os povos indígenas, alinhando-os aos ideais republicanos de contribuição para o desenvolvimento do país.

Desconsiderando totalmente questões de identidade e cultura, Rondon queria fazer dos nativos cidadãos ativos e defensores das fronteiras do estado, vendo-os apenas como instrumento de legitimação do governo central⁴¹. Essa ideia fica ainda

⁴¹ “Naquele momento, Rondon acreditava que índios ainda não contatados poderiam se tornar bons brasileiros, mão-de-obra empregada tanto na defesa das fronteiras como no desenvolvimento econômico de Mato Grosso” (Oliveira, 2006, p. 107).

mais visível na quando se vê os objetivos do órgão responsável pela defesa dos trabalhadores e dos índios, o SPILTN (Serviço de Proteção ao Índio e trabalhadores Nacionais) que se tornou mais tarde apenas SPI (Serviço de proteção ao Índio) tendo como figura principal em ambas as fases o militar Rondon. O SPI tinha intenções “civilizatórias” das populações indígenas e almejavam “integrar” os povos indígenas ao “resto do Brasil.”⁴²

A escolha de Campo Grande como a capital do recém-criado estado de Mato Grosso do Sul marcou o início de uma nova era para a região e para a própria cidade. Apelidada de “cidade morena”, Campo Grande rapidamente se tornou o epicentro político e econômico do estado. No entanto, sua ascensão não foi meramente um reflexo da divisão administrativa; em vez disso, refletiu uma transformação mais profunda impulsionada por uma série de fatores, incluindo sua proximidade com São Paulo. Enquanto Cuiabá, capital do antigo Mato Grosso, mantinha vínculos mais estreitos com sua região de origem, Campo Grande se via influenciada pela dinâmica econômica e cultural paulista. Conversei sobre esse tema com um dos meus interlocutores, Alan. Ele é escritor, cronista e reflete sobre algumas das particularidades da cidade.

L: O que você acha que marca essa diferença de quem é sul-mato-grossense para quem é mato-grossense?

Al: Ah, muitas coisas, nós somos muito diferentes. Até o sotaque cuiabano fala diferente da gente. Porque lá tem marinha, a maioria dos marinheiros são cariocas, então a relação de Cuiabá, de Mato Grosso, com o Rio de Janeiro é muito grande. Nós não, a nossa relação é muito maior com o São Paulo, a gente fala porta a gente fala pastel a gente fala... a gente tem aquele sotaque. Essa novela Pantanal que passou recentemente e o pessoal estava reclamando o sotaque do sertanejo no caso, como é retratado aqui em Mato Grosso do Sul até que OK, a gente fala assim puxando o “R” a gente tem uma coisa de piracicabano, tem. Por quê? Porque há uma relação muito forte como São Paulo, como o Rio Grande do Sul. Diferente de lá. (Alan, entrevista, 07/03/2023)

Essa relação com o estado de São Paulo data do início do século, com as obras da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB). A Ferrovia Noroeste do Brasil foi um marco da

⁴² “O convite a Rondon para dirigir o SPILTN derivou de sua competência no trato com povos indígenas demonstrada nos trabalhos das Comissões de Linhas Telegráficas e das ideias positivistas sobre os índios, convergentes com os projetos de colonização e povoamento definidos na criação do MAIC (Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio). Seria instaurado, assim, um novo poder estatizado a ser exercido sobre populações indígenas e territórios, voltado para assegurar o controle legal e as ações incidentes sobre esses povos” (Oliveira, 2006, p. 114).

engenharia e desenvolvimento do país e foi concluída em 1914. Este projeto monumental visava conectar o estado de São Paulo ao sul do então estado de Mato Grosso, estabelecendo uma importante ligação ferroviária entre o Sudeste e o Centro-Oeste brasileiro, além de realizar o escoamento de produtos de exportação para os países vizinhos, como Paraguai, Argentina, Bolívia e Chile.

O fato é que a NOB reorganizou o território, abriu “espaços vazios”, desmatou e dizimou tribos indígenas, o que possibilitou o aparecimento de novos núcleos urbanos e promoveu o aprimoramento dos já existentes, possibilitando o estabelecimento de uma rede de cidades na fronteira Oeste. No braço paulista, a Companhia de Terras, Madeiras e Colonização São Paulo exerceu papel importante na expansão agrícola do oeste do Estado, dando origem a cidades como Birigui, Bilac e Coroados. No sul de Mato Grosso, à beira dos trilhos, surgiram municípios como Três Lagoas, Água Clara, Ribas do Rio Pardo e Terenos; a ferrovia também permitiu o desenvolvimento de cidades, como é o caso de Campo Grande.

A despeito das relações comerciais, há que se destacar que a NOB também teria contribuído para transferência do foco comercial no sul de Mato Grosso de Corumbá para Campo Grande (Trubiliano, 2015, p. 6-7).

A Noroeste do Brasil foi um componente vital para a expansão da fronteira agrícola e para a ocupação do território, contribuindo significativamente para o crescimento e a consolidação de cidades ao longo de seu trajeto, como Campo Grande, que se tornou um importante entroncamento ferroviário e centro urbano regional.

Dessa forma, com o crescimento da importância econômica e política da região, parte da elite sul-mato-grossense, principalmente universitários campo-grandenses que estudavam na capital federal, fundaram a Liga Sul-Mato-Grossense, entidade essa que possuía como objetivo a divisão de Mato Grosso. Sobre essa questão, Queiroz (2005, p. 8) nos diz que as “[...] elites sulistas, ou pelo menos parte delas [...] parecem haver decidido radicalizar suas posições passando a defender por escrito e abertamente, pela primeira vez, a separação entre o sul e o ‘norte’ do estado”. nos manifestos lançados pela Liga Sul-Mato-Grossense era reivindicada a criação de um novo estado na porção sul do Mato Grosso, indicando a cidade de Campo Grande para ser a capital. (Attianesi e Passamani, 2018, p. 60)

A relação entre a elite intelectual e agropecuária de Campo Grande vai balizar o movimento divisionista, que desde o início já previa a cidade como capital do novo estado. Além disso, a proximidade geográfica e cultural com São Paulo moldou a

urbanização de Campo Grande de maneira distinta, estimulando um rápido crescimento populacional e transformando-a em um importante polo regional. De acordo com Attianesi e Passamani (2018), a população urbana de Campo Grande aumentou mais de dez vezes entre as décadas de 1940 e 1980, enquanto a população rural diminuiu para menos de um terço. Esse fenômeno se deve às migrações, originárias em sua maioria do Sudeste e Sul do país.

Essas migrações foram impulsionadas tanto por incentivos governamentais quanto por oportunidades econômicas no cenário industrial e agropecuário emergente da região. A convergência desses fatores fez com que a cidade experimentasse uma metamorfose significativa, com uma rápida expansão urbana e uma mudança marcante em sua composição demográfica. A migração maciça para Campo Grande não apenas alterou sua paisagem física, mas também enriqueceu sua diversidade cultural, contribuindo para a formação de uma identidade cosmopolita que reflete a interseção de diversas influências regionais, nacionais e internacionais.

Campo Grande, ao longo de sua história, testemunhou uma série de movimentos migratórios que contribuíram para a diversidade étnica e cultural da cidade. Originários principalmente das regiões Sudeste e Sul do Brasil, os migrantes foram atraídos pela promessa de oportunidades econômicas e melhores condições de vida na próspera capital de Mato Grosso do Sul. Além dos migrantes brasileiros, Campo Grande também recebeu imigrantes de diversas partes do mundo, incluindo japoneses, paraguaios e bolivianos, que trouxeram consigo suas tradições, línguas e costumes, enriquecendo o tecido social da cidade. Esses movimentos migratórios são parte integrante do desenvolvimento e da formação da identidade cultural de Campo Grande, transformando-a em um centro cosmopolita onde diferentes culturas se encontram e interagem.

No contexto de inúmeras mudanças e movimentos migratórios, emerge uma busca pelo desenvolvimento de uma identidade campo-grandense, uma tendência que se intensificou significativamente após a criação de Mato Grosso do Sul. A necessidade da nova capital de se distanciar de Cuiabá tornou-se ainda mais evidente nesse período. Campo Grande, apesar de sua localização estratégica na região centro-oeste do Brasil e de seu histórico agrícola, aspira a uma identidade distinta da agropecuária que define a cultura mato-grossense. Enquanto a agropecuária desempenha um papel significativo na economia e na identidade de Cuiabá, Campo Grande busca se posicionar como um polo urbano moderno e diversificado,

valorizando seus aspectos culturais, educacionais e econômicos além do setor agrícola. Embora reconheça a importância do agronegócio para sua economia, Campo Grande busca se destacar como uma cidade dinâmica, que busca constantemente novas oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Com a divisão do estado Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul, realizada em 1977, o novo estado ficou “órfão” de história e de identidade. A criação de Mato Grosso do Sul trouxe vários desafios ao Estado, bem como às instituições, às elites regionais, aos diferentes grupos sociais e aos indivíduos engajados. Era necessário criar uma nova região, com recortes geográficos, políticos e culturais, e, sobretudo, criar uma identidade regional e sentimentos de pertença coletiva. O Estado mobilizou instituições, grupos e intelectuais, de diferentes campos, a fim de forjarem a identidade sul-mato-grossense. (Arraes, 2020, p. 2)

A criação de Mato Grosso do Sul em 1977 desencadeou uma necessidade imediata de construção de identidade e pertencimento coletivo em uma região que se via desprovida de uma história consolidada e de referências identitárias claras. Esse contexto desafiador impulsionou a mobilização de instituições, grupos sociais e intelectuais, com o objetivo de forjar uma identidade sul-mato-grossense distintiva. A trajetória histórica do estado demonstra a complexidade e a vitalidade desse processo de construção identitária, evidenciando como narrativas compartilhadas podem se tornar âncoras essenciais para a coesão e continuidade da memória coletiva de uma comunidade. Assim, o legado desses esforços transcende o mero estabelecimento de fronteiras geográficas, representando uma busca contínua pela afirmação e pela preservação da identidade sul-mato-grossense em constante evolução.

Ao investigar a história e a identidade de Campo Grande, sob os parâmetros da antropologia, percebo vividamente a riqueza e a complexidade das narrativas que moldaram essa cidade ao longo do tempo. A transição para o estado de Mato Grosso do Sul em 1977 representou um ponto de inflexão crucial, desafiando tanto os habitantes quanto os estudiosos a redefinirem e reconstruírem os fundamentos de sua identidade coletiva. Ao examinar um evento marcante como o avistamento de um disco voador no Estádio Moreirão, é possível compreender a importância dessas histórias compartilhadas na formação da memória coletiva e na criação de um senso de pertencimento regional.

Pensar sobre a identidade campo-grandense passa pela visão que eu tenho sobre Campo Grande, cidade que morei durante a maior parte da minha vida adulta. Para compreender essa relação de carência identitária, resolvi repensar sobre as minhas próprias experiências na cidade, considerando o “ser afetado”, presente no trabalho antropológico de Favre-Saada (2005). Assim como a autora explora a complexidade das relações sociais e os afetos que as permeiam, minha experiência na cidade é caracterizada por uma teia de conexões emocionais, onde os encontros e desencontros moldaram minha percepção do lugar e das pessoas que o habitam. Desde as interações cotidianas até os eventos marcantes, cada experiência contribui para a construção de uma narrativa pessoal entrelaçada com a cidade. Como Favre-Saada sugere, ser afetado não se limita ao âmbito individual, mas também implica em ser parte de uma rede de influências, onde as emoções fluem e se entrelaçam, criando laços que transcendem o espaço físico e temporal. Em Campo Grande, esses laços emocionais se entrelaçam com as ruas, as conversas, as esperas nos pontos de ônibus e passeios no Parque das Nações Indígenas, formando uma tapeçaria afetiva que molda minha identidade e pertencimento à cidade. Assim, minha jornada como pesquisador não se limita apenas a desvendar fatos históricos, mas também a dar voz às experiências e percepções que constituem a essência de Campo Grande e sua identidade em constante evolução.

No âmbito da pesquisa sobre o avistamento do Disco Voador fora do estádio Moreirão, procurei estabelecer contato com interlocutores que não estivessem presentes no local naquele dia. Foi assim que me aproximei de João. Nascido e criado em Campo Grande, ele testemunhou de perto as transformações significativas que moldaram a cidade ao longo das décadas. Desde seu nascimento, acompanhou o crescimento urbano, a expansão das instituições e a diversificação cultural que marcaram a transformação de sua terra natal. Meu encontro com João ocorreu por conta de uma conversa em um dos blocos da UFMS, em que eu discutia minha pesquisa com uma amiga e um grupo de pessoas. Enquanto explicava sobre meu tema, um dos meus ouvintes mencionou que seu pai tinha avistado o Disco Voador no dia do jogo, embora não estivesse no estádio e sim no centro da cidade. Essa pessoa era João. O relato de João diverge dos demais, pois sua perspectiva é outra, estando em um local distinto durante o evento. Esse avistamento, que também se

alinha com os padrões reconhecidos pela ufologia, acrescenta uma camada a mais ao fenômeno.

J: então eu estava subindo Afonso Pena um sábado à noite e teve um jogo lá no Morenã como eu não torço para o Operário não era jogo do meu interesse né, então eu estou subindo Afonso Pena era o *point* lá no *Ki Dog* né, que era ali abaixo da rua Bahia. Então eu estava subindo mais ou menos antes da... acho que por ali da prefeitura, antes da prefeitura, então olhei assim vi aquela bola branca passando assim, de repente ela dividiu em dois e aí quando ela passou mais uma vez ela dividiu de novo e aí eu já não vi mais nada porque o prédio entrou na minha frente. Então foi o que eu presenciei, sabe? Aí eu vi isso daí uma coisa assim tão rápida que não dá para eu falar para você, falar assim um detalhe, a velocidade, altura...

L: tinha algum barulho?

J: barulho não tinha. Uma coisa assim que parecia como se fosse uma lua, sabe? Só que clara como se fosse uma luz de led mesmo né? E ela veio aquela coisa de repente ela dividiu em dois, aí mais um pouco assim quando ela dividiu em dois, aí dividiu em quatro e eu não sei se dividiu mais porque aí eu perdi a trajetória né. E a trajetória foi: eu estava subindo a Afonso Pena, centro-shopping ela passou na mesma trajetória, centro-shopping.

A história de João traz mais informações sobre o fenômeno ufológico, uma vez que sua localização durante o evento, em uma região distante do estádio Morenã, oferece uma perspectiva que complementa e enriquece a compreensão geral do ocorrido. Por meio das conversas com João, busquei também entender como era o centro da cidade e algumas mudanças que essa região passou. Suas descrições detalhadas proporcionaram uma melhor compreensão sobre a evolução do ambiente urbano e sua relação com eventos extraordinários como o Caso Morenã.

J: isso que eu falo o que acontece em Campo Grande, aqui onde eu moro eu saía daqui em 1967 e descia duas quadras para estudar aqui no José Rodrigues Bonfim, então essas duas quadras que eu descia era mato, catava guavira, araticum... tudo... aí quando meu pai mudou para cá, porque acho que ele casou nos anos de anos 40, aí o pessoal falava assim: "O João é louco vai morar lá no meio do mato". Porque aqui era considerado mato. Então lá por exemplo quando João Pereira da Rosa doou a área para fazer a universidade... então quando ele doou lá aquilo ali era mato, era o matagal só você chegava... vamos supor, não sei se você viu ali onde era o trilho, mas antes do

atacadão...ali o... Atacadão era um brejo. Então você chegava ali acabava a cidade ali, do trilho para lá não tinha mais cidade.

Era a mesma coisa Afonso Pena, Afonso Pena você subia até a Bahia depois da Bahia mais ou menos umas três quadras já... era bem dizer acabava aí quando fez o mini anel que subia até a Ceará morria na Ceará, você chegava no Ceará e tinha uma rotatória você fazia a rotatória e voltava, dali para cima era só chácara, bastante japonês ali porque aquela área onde é o parque, ali a maioria era tudo japoneses que moravam e o Pedrossian desapropriou tudinho e fez o parque né.

As transformações urbanas em Campo Grande ao longo dos anos são evidentes, especialmente nas áreas que testemunharam o rápido crescimento e desenvolvimento da cidade. Ruas como a Bahia e a Ceará eram pontos de referência, delimitando os limites urbanos. Com o tempo, iniciativas de planejamento urbano, como a ocupação de bairros mais distantes do centro e o anel viário mencionado por João, foram implementadas. O Parque dos Poderes e a própria Universidade Federal que hoje são importantes pontos da cidade, surgiram a partir dessas mudanças, representando marcos na história do desenvolvimento urbano de Campo Grande. Michel Agier (2011, p. 97) indica que:

O planeta-cidade, com seus espaços anômicos e suas tecnologias em rede, é mais ou menos extenso conforme as cidades, mais ou menos acessível segundo as classes sociais e mais ou menos funcional segundo os percursos cotidianos individuais (trabalho, lazer etc.).

A cidade está constantemente relacionada a interconexão global, a diversidade espacial e social, além da influência crescente das tecnologias digitais. Agier destaca a complexidade dessa realidade urbana, ressaltando que o acesso aos espaços e recursos da cidade é diferenciado de acordo com as classes sociais e os percursos individuais. Esse entendimento enfatiza que a cidade não é homogênea e é marcada por disparidades econômicas e sociais que moldam a experiência urbana de forma desigual. O autor salienta a importância dos percursos cotidianos, como trabalho e lazer, na configuração da vivência urbana, sugerindo que a funcionalidade da cidade é moldada pelas rotinas e práticas dos seus habitantes. Pensando em Campo Grande, é possível perceber como os espaços físicos da cidade se constroem de maneiras distintas e questões como localização e acessibilidade vão alterar a percepção dos

cidadãos em relação a eles. A relação que um estudante universitário da UFMS em Campo Grande tem com o estádio Moreirão difere de outras pessoas pelo simples fato dele estar próximo do estádio, tendo inclusive a possibilidade de vê-lo todos os dias.

Além disso, é importante perceber a capacidade dos habitantes urbanos de se apropriarem e transformarem ativamente o espaço urbano em que vivem. Agier argumenta que os cidadãos não são meros espectadores passivos, mas agentes ativos na construção e na vivência da cidade. "Fazer cidade" implica não apenas ocupar e utilizar os espaços urbanos, mas também reivindicar direitos, criar redes de solidariedade, e buscar formas alternativas de convivência e de organização social. Nessa perspectiva, a cidade é entendida como um campo de possibilidades e de resistências, onde os habitantes exercem sua criatividade e agência para reconfigurar e reinventar o espaço urbano de acordo com suas necessidades e aspirações.

Ao refletir sobre as relações que envolvem a criação de Campo Grande até as transformações urbanas a partir da década de 1940, torna-se evidente a trajetória fascinante dessa cidade. Desde sua fundação, Campo Grande experimentou um crescimento acelerado, passando de uma pequena vila a uma metrópole em constante expansão. As mudanças urbanas, especialmente a partir da segunda metade do século XX, redefiniram a paisagem e a identidade da cidade, marcando-a como um importante centro regional. A criação do estado de Mato Grosso do Sul foi um marco histórico que influenciou diretamente o desenvolvimento de Campo Grande e sua relação com o restante do país, tendo em vista a transformação da cidade em capital.

O futebol tem sido uma parte integral da identidade de Campo Grande. Os times locais, especialmente o Comercial e o Operário, desfrutam de uma longa história e uma base de fãs apaixonada, mesmo com o declínio do futebol sul-mato-grossense perante o cenário nacional. As rivalidades entre esses clubes animam os torcedores e servem como um ponto de união para a comunidade, proporcionando um apelo culturalmente significativo para os habitantes da cidade. Além disso, o futebol reflete a paixão dos campo-grandenses pelo esporte, servindo como uma plataforma para promover a coesão social e fortalecer os laços comunitários, mesmo que seja para atestar o avistamento de um Disco Voador.

O Caso Morenã é um evento que capturou a imaginação não apenas da comunidade ufológica nacional, mas também dos campo-grandenses da década de 1980. Esse incidente despertou um intenso interesse e debate sobre a presença de vida extraterrestre. Testemunhas oculares descreveram avistamentos intrigantes e inexplicáveis, desafiando as explicações convencionais e estimulando a especulação sobre a natureza do fenômeno. Embora permaneça como um mistério, o avistamento do Disco Voador do Morenã serve como uma parte da história de Campo Grande e do estádio Pedro Pedrossian nos domínios mais inesperados e extraordinários.

CAPÍTULO III

O ESQUECIMENTO COMO UM PROJETO

O Disco Voador sumiu. Esse evento intrigante, que foi considerado o maior avistamento coletivo do país, desapareceu das mídias, das conversas cotidianas e da vida dos campo-grandenses. Sendo assim, neste capítulo discutiremos algumas questões relacionadas à memória e ao esquecimento, investigando quais fatores levam ao desvanecimento de uma narrativa e explorando a possibilidade de um projeto urbano de "sumiço" do Disco Voador.

Durante a minha pesquisa, realizei algumas conversas com interlocutores e buscas em acervos digitais, com o objetivo de entender por que esse evento não se tornou basilar para a cidade de Campo Grande, como ocorreu em outros casos do Brasil, como Alto Paraíso de Goiás (GO) e Varginha (MG). Meu incômodo surgiu quando descobri que Corguinho, no interior do Mato Grosso do Sul, é a principal cidade no quesito “Ufologia do MS”, em detrimento da capital. Mesmo nas conversas que tive sobre o avistamento no campo, a importância deste para a identidade não é consenso, como é possível ver nesse trecho da fala de Gerson.

L: Você acha que esse... esse evento... assim como o futebol local e tal... e outras coisas que aconteceram, qual você acha que é a importância dessas coisas para criar uma identidade de Mato Grosso do Sul? Porque na época tinha acabado de separar, tinha muito “a gente é de mato grosso, a gente não é”... você acha que essas coisas contribuíram de alguma maneira?

G: Eu acredito que esse acontecimento em si não porque isso é muito **coisa que passa e não... não fica registrado na memória de muitas pessoas**, entendeu? Como se fosse um fenômeno que passou. Agora o futebol sim, nós tínhamos um futebol forte que sempre predominava em relação ao futebol de Mato Grosso que era uma federação só né e aí depois que dividiu o nosso futebol começou a... ir ladeira abaixo. O futebol durou algum tempo. Aí depois se transformando nessa politicagem que virou futebol” (Gerson, entrevista 14/02/2023, grifo nosso).

Vale ressaltar que, durante nossa conversa, Gerson, assim como outras pessoas que estavam presentes no dia do jogo, detalhou o avistamento de maneira extensa, mencionando as cores das luzes, a ausência de sons e relatando que essa mesma ocorrência foi percebida em outras cidades do estado. Podemos afirmar, então, que o

"registro na memória" das pessoas permanece e que a questão central para compreender esse tema é o esforço para apagar o caso do Disco Voador e quais seriam os possíveis motivos para tal apagamento.

Para essas discussões, aprofundaremos no campo da memória coletiva e sua conexão com o esquecimento. Para Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva é um conceito fundamental para compreender como os indivíduos constroem e compartilham memórias dentro de um grupo social ou comunidade específica. A memória coletiva é, portanto, mais do que a soma das memórias individuais, visto que a construção de uma memória individual passa por conceitos de valoração de determinados acontecimentos que são de ordem coletiva. Essa memória reflete as experiências compartilhadas, valores e tradições de um determinado grupo e está sujeita a mudanças no decorrer do tempo, sendo constantemente reconstruída e reinterpretada pelos membros do grupo social à qual ela faz parte.

Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias. Elas não seriam, todavia, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (Halbwachs, 1990, p. 27)

O desenvolvimento da memória coletiva ocorre de tal maneira que é possível nos lembrarmos de eventos e situações em que nem estivemos presentes. De igual forma, associamos eventos distintos uns aos outros, de modo que a narrativa faça algum sentido em nossa lembrança. Tudo isso é construído socialmente, dentro dos conceitos valorativos de determinado grupo ou sociedade. Sendo assim, cabe aqui questionar, portanto, quais conceitos valorativos estavam presentes na sociedade campo-grandense da década de 1980, de modo a compreender qual lugar do avistamento do Morenã nessa sociedade.

3.1 O projeto de Campo Grande: capital do Mato Grosso do Sul

No início do século XX, Campo Grande era uma pequena e promissora cidade localizada no coração do Brasil. A paisagem urbana ainda refletia sua herança

colonial, com ruas de paralelepípedos e casas térreas dispersas ao redor da praça central. Sua economia, baseada principalmente na pecuária e na agricultura, estava em ascensão, impulsionada pelo ciclo do gado e pela expansão das lavouras de café e algodão na região. A cidade começava a se estabelecer como um importante centro comercial e administrativo, atraindo migrantes em busca de oportunidades e contribuindo para a diversificação étnica e cultural de sua população. Essa transformação urbana teve início com a conexão entre Campo Grande e Bauru (SP), graças à ferrovia Noroeste do Brasil.

Campo Grande passou a ter alguma característica urbana somente no início do século XX, quando o território mato-grossense já estava efetivamente inserido ao mercado capitalista internacional e o emergente centro monopolista paulista buscava hegemonizar o mercado nacional, impondo uma nova função para Mato Grosso na divisão regional do trabalho. Portanto, foi sob o domínio da lógica de produção e consumo de mercadorias que Campo Grande começou a assimilar papéis urbanos e a tomar forma de cidade. (Oliveira Neto, 2003, p. 143)

A relação comercial com São Paulo desempenhou um papel crucial nesse cenário, visto que a capital paulista representava não apenas um grande mercado consumidor, mas também um centro de distribuição para produtos vindos do interior do país. Os laços comerciais entre Campo Grande e São Paulo facilitaram o escoamento da produção local, incentivando investimentos e contribuindo para o crescimento econômico da cidade.

No entanto, a ascensão de Campo Grande como centro comercial e de distribuição não se restringiu apenas ao comércio interno com São Paulo. A cidade também se tornou um ponto estratégico para o fluxo de mercadorias provenientes de Corumbá, um importante polo de produção mineral e agrícola, e de outras regiões do estado, assim como para produtos importados. Esse papel crucial como entreposto comercial não apenas fortaleceu a economia local, mas também trouxe um fluxo de pessoas e mercadorias nunca antes visto na região, impulsionando ainda mais o crescimento e a diversificação da cidade. A presença de um variado leque de produtos, tanto nacionais quanto internacionais, enriqueceu a oferta comercial da cidade e contribuiu para a sua integração com outros centros econômicos do país e do exterior. Esse fluxo constante de mercadorias e pessoas influenciou a dinâmica social e cultural da capital, tornando-a um centro vibrante e multifacetado.

O projeto urbano de Campo Grande desempenhou um papel crucial no crescimento e na evolução da cidade, especialmente em meio às mudanças significativas que ocorreram após a criação do estado do Mato Grosso do Sul e a subsequente elevação de Campo Grande à condição de capital. Ao longo das décadas, a cidade testemunhou um notável desenvolvimento, marcado por um projeto urbano cuidadoso que visava absorver o crescimento populacional de forma planejada. Esse projeto abrangente dotou a cidade de infraestrutura moderna e espaços urbanos funcionais, mas também contribuiu para a formação de uma identidade regional mista e profundamente marcada pelos processos migratórios. Assim, o legado do projeto urbano de Campo Grande é evidente em sua paisagem em constante evolução e na qualidade de vida de seus habitantes.

Com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977, e a sua transformação em capital, fato que trouxe como consequência um novo fluxo migratório, Campo Grande conheceu forte impulso de desenvolvimento e modernização, materializado em grandes obras produtoras de uma nova configuração de seu espaço urbano. Além disso, a atenção e o interesse que o estado recém criado despertou, em todas as regiões do país, fez com que, “em sete anos de existência como capital, Campo Grande visse sua população praticamente triplicar”, conforme artigo publicado na Revista MS Cultura, em 1986. (Calado, 2013, p.43)

Esse aumento populacional na capital de um estado recém-formado no Brasil provocou um sentimento de perda de identidade e uma busca por afirmação. Nas décadas seguintes à criação do estado, uma série de eventos “típicos da gênese sul-mato-grossense” surgiram, alguns dos quais já mencionados neste trabalho, como as dinâmicas de fronteira e a novela Pantanal. No entanto, Campo Grande não está incluída nesses processos, uma vez que não está diretamente ligada ao Pantanal ou aos países vizinhos, embora receba influência deles. Essas questões reforçam ainda mais o sentimento de proximidade com o Sudeste, local de cidades planejadas e desenvolvimento urbano.

Esse contexto de busca por identidade e afirmação em meio ao rápido crescimento populacional de Campo Grande também se refletiu na sua relação com as cidades vizinhas e suas respectivas identidades regionais. Enquanto a cidade se via cada vez mais conectada com o Sudeste do Brasil, influenciada por seus padrões de desenvolvimento urbano e pela imagem de progresso associada a metrópoles como São Paulo, surgiam contrastes evidentes com as vizinhas Cuiabá e Corumbá.

Enquanto Cuiabá era percebida como uma cidade com fortes raízes rurais, remetendo a uma essência mais tradicional e pacata, Corumbá destacava-se como um importante centro de atividades comerciais e culturais, enraizadas nas dinâmicas da fronteira e na diversidade étnica e cultural característica da região.

Essas diferenças contribuíram para delineamentos claros de identidade entre as cidades, ressaltando os desafios enfrentados por Campo Grande na definição de sua própria identidade em meio a um cenário de influências diversas e em constante transformação. A influência sudestina se apresenta como contrastante com a capital do Mato Grosso, em um processo de demarcação de fronteiras em relação à identidade urbana. Por um lado, temos a idealização de "São Paulo", uma cidade urbana, séria, desenvolvida, agitada e cosmopolita; e, por outro lado, "Cuiabá", vista como rural, mística, subdesenvolvida, tranquila, de mentalidade simples e lar de pessoas calorosas.

Al: Então, também dá problema pra lá, porque falam "Campo Grande capital do Mato Grosso"... o cuiabano fica possesso. Eu moro aqui e escuto o pessoal falando: "Você não gosta do Mato Grosso". Eu falo: "Cara, minha vó é cuiabana", tem uma cidade lá, chama Santo Antônio que meu pai fala: "Metade da cidade é seu primo". Eu vou em Cuiabá sou muito bem recebido eu acho cuiabano muito mais **legal** que campo-grandense. Acho o cuiabano um cara mais **caloroso**, que te recebe. Ultimamente por causa da política virou um pessoal doido da cabeça, mas isso passa. É um pessoal mais **acolhedor**. Eu gosto de Cuiabá, de MT, não tenho nada contra. Nada, nada. Eu só queria que minha terra tivesse uma identidade. Até o sotaque cuiabano fala diferente da gente. Porque lá tem marinha, a maioria dos marinheiros são cariocas, então a relação de Cuiabá de Mato Grosso com o Rio de Janeiro é muito grande. Nós não, a **nossa relação é muito maior com o São Paulo**, a gente fala *porta* (puxando o r) a gente fala *paster* a gente fala... a gente tem aquele sotaque. Tem aquela novela Pantanal que passou recentemente e o pessoal estava reclamando o sotaque do pantaneiro no caso, mas como é retratado aqui no Mato Grosso do Sul, até que OK. A gente fala assim puxando o r a gente tem uma coisa de piracicabano porquê... porque há uma relação muito forte com São Paulo, com o Rio Grande do Sul. Diferente de lá, aliás, tem a questão da história. (Alan, entrevista 07/03/2023)

Considerando esses dois eixos temáticos de "fazer-cidade", podemos traçar um paralelo com relação aos ideais valorativos que a capital Campo Grande buscava se pautar. No contexto urbano, a cidade almejava adotar características associadas ao desenvolvimento, à modernidade e à eficiência, buscando se equiparar às grandes metrópoles como São Paulo. Esse desejo por progresso e dinamismo refletia-se em

iniciativas ambiciosas de planejamento urbano, com a criação de avenidas largas, praças arborizadas e edifícios modernos, projetados para atender às necessidades de uma população em constante crescimento. Além disso, a busca por uma infraestrutura urbana de qualidade e por serviços públicos eficientes tornou-se uma prioridade, impulsionando investimentos em áreas como transporte, saúde e educação. Nesse sentido, a visão de Campo Grande como uma cidade cosmopolita e desenvolvida era alimentada não apenas por aspirações internas, mas também pelo desejo de se destacar como um centro urbano vibrante e atrativo em nível nacional e internacional.

Neste sentido, o que me parece possível descrever, ao estudar o "fazer-cidade" dos cidadãos, é de que, de qual sentido e de que matéria é preenchido este significante vazio denominado "direito à cidade". E a resposta que eu proponho é a seguinte: a cidade é feita essencialmente de movimento. (Agier, 2015, p. 1)

Ao mesmo tempo que o fazer-cidade dos campo-grandenses se refletia em iniciativas de planejamento urbano, investimentos em infraestrutura e promoção de um ambiente propício aos negócios e à vida urbana. Em contrapartida, o eixo rural, embora historicamente relevante para a região, gradualmente se tornou menos proeminente na identidade da cidade, à medida que esta se desenvolveu e se afastou de suas raízes agrícolas e pecuárias. Esse distanciamento do contexto rural reflete uma transição em direção a uma identidade mais urbana e cosmopolita, evidenciando as transformações sociais e econômicas pelas quais Campo Grande passou ao longo do tempo. Um dos elementos que reforçam essa relação de distanciamento de tudo que era considerado "atrasado" foi o planejamento urbano de 1977.

Desde 1977, com o lançamento do projeto de Jaime Lerner, Campo Grande enfrentava desafios, no sentido de modificações em sua estrutura urbana, evidenciando o desejo de se tornar uma metrópole. Alguns projetos desencadearam questões sobre problemas que não estavam evidentes. Esse foi o caso da Feira, que foi agente de transformações por conta de planos que alteravam sua instalação. Segundo Fausto Matto Grosso, vereador em Campo Grande no período de 1983 a 1988, o projeto do escritório de Jaime Lerner, lançado em 1977, determinou, com a Lei de Uso do Solo, que algumas áreas estivessem, mesmo que propriedades particulares, reservadas para uso institucional e público. Essas áreas foram estrategicamente escolhidas por suas localizações e seus tamanhos. Eram quadras inteiras em lugares que estavam próximos ao centro da cidade ou em

bairros desenvolvidos em termos de ocupação e de melhorias. (Calado, 2013, p. 46-47)

O exemplo da Feira de Campo Grande é um dos tantos projetos de desapropriação de regiões em prol de uma cidade mais “desenvolvida”. A expansão urbana e os projetos de modernização muitas vezes resultaram na remoção de comunidades tradicionais e na perda de espaços culturais emblemáticos, como é o caso da feira. Essas mudanças não apenas moldaram a paisagem física da cidade, mas também tiveram um impacto profundo na identidade e na memória coletiva dos seus habitantes. A feira, antes um ponto de encontro vital para a comunidade local, tornou-se um símbolo para aqueles que testemunharam as mudanças rápidas e por vezes controversas que moldaram o tecido urbano de Campo Grande. Durante a década de 1980, várias transformações ocorreram na cidade e a cultura popular campo-grandense foi por elas influenciada, o que nos traz de volta ao jogo de março de 1982 e o seu “apagamento” nas décadas subsequentes.

3.2 O apagamento do Disco Voador

A investigação sobre o "apagamento da memória coletiva" nos conduz a dois questionamentos fundamentais: O que define a importância de um evento para a formação identitária de uma determinada sociedade? E por que as sociedades frequentemente se esquecem de eventos ou narrativas significativas?

Ao analisar o apagamento da memória coletiva em relação ao “Caso Morenã”, é fundamental considerar as dinâmicas sociais e políticas subjacentes que podem estar influenciando esse esquecimento. Essas dinâmicas se constituem no nível macro e micro, que incluem a divisão do estado, a ditadura civil-militar brasileira, o declínio do futebol sul-mato-grossense, o crescimento populacional e urbano de Campo Grande e a ridicularização da Ufologia perante as mídias a partir da década de 1990.

La: Eu acho que por conta de ser o tipo de evento que foi não é uma coisa que é muito falado, eu acho que inclusive você mesmo pode sofrer esse preconceito no seu trabalho. Já está sentindo?

L: com certeza já.

La: “Fazer um trabalho histórico sobre um disco voador? Ah tá de sacanagem!” Eu espero que você seja bem sucedido e encare isso, esse desafio é muito bom. Que você faça isso... é muito bom que você

faz para resgatar, para tirar essa sensação sabe? (Lázaro, entrevista 10/10/2022)

Durante os anos do meu mestrado, enfrentei algumas vezes questionamentos sobre a natureza "exótica" do meu trabalho. Houve ocasiões em que as pessoas riam quando eu mencionava o meu tema e algumas até me sugeriram que eu considerasse outras áreas que, na opinião delas, eram mais relevantes. Essa reação demonstra a tendência comum de desvalorizar áreas de estudo que possam parecer menos convencionais. No entanto, é importante reconhecer que a diversidade de perspectivas e abordagens é fundamental para o avanço do conhecimento em qualquer campo.

Para compreender o motivo dessa reação, é relevante pensar na relação entre consagração e distanciamento social, proposta por Pierre Bourdieu (1983). O autor argumenta que a consagração de certos conhecimentos ou práticas dentro de uma sociedade muitas vezes ocorre em detrimento de outras, criando assim uma hierarquia de valor simbólico que pode excluir ou marginalizar determinadas áreas de estudo ou formas de conhecimento⁴³. No contexto acadêmico, isso pode se manifestar na tendência de valorizar certas disciplinas ou temas enquanto se desvalorizam outros, contribuindo para a perpetuação de desigualdades epistemológicas e sociais. Portanto, compreender e desafiar essas hierarquias de consagração é crucial para promover uma visão mais inclusiva e abrangente do conhecimento.

A importância de um evento remete a questões valorativas, como anteriormente mencionado. Um acontecimento como o avistamento de um Disco Voador é algo que pode ser relevante para a comunidade ufológica, mas não ser sequer reconhecido por pessoas que não fazem parte desse grupo. No caso do "Disco Voador do Morenã", o que se destaca é o fato de que milhares de pessoas viram e reconheceram tal situação como um avistamento de Disco Voador *propriamente dito*.

Tudo nesse caso é superlativo, o número de testemunhas. Só no estádio foram 23.500 pessoas, na cidade outras 30 mil viram, e quantas outras testemunhas em quantas localidades. Podemos estar

⁴³ Os circuitos de consagração são mais potentes quando são mais longos, mais complexos e mais ocultos aos próprios olhos de quem deles participa e se beneficia (...) Um ciclo de consagração eficaz é um ciclo onde A consagra B, que consagra C, que consagra D, que consagra A. Quanto mais complicado é o ciclo de consagração, mais ele é invisível, mais sua estrutura não é reconhecida, maior é o efeito de crença (seria preciso analisar nesta lógica a circulação circular dos artigos elogiosos ou as trocas rituais das referências). Para quem está dentro, seja produtor ou consumidor, é o sistema que serve como pano de fundo (Bourdieu, 1983, p. 161).

falando de um número que passa de cem mil pessoas, certamente. Porque nas cidades as pessoas estavam nas ruas. Não vamos nos esquecer que era um sábado à noite, de calor intenso, era marco. O que as pessoas fazem no sábado à noite? Saem de suas casas e põem as cadeiras na frente de casa, estavam nas ruas em todas as cidades e tiveram sorte de ver esse fenômeno. Todos os números são muito grandes, superlativos e grandiosos. (Gervaeerd, O que era Aquilo, 2013, Kneipp e Heiderich)

Esse número extenso de pessoas que acompanharam um mesmo evento fantástico costuma gerar um sentimento de comunidade e ser assimilado pela população. No entanto, como podemos observar ao percorrer a cidade de Campo Grande, não há menção ao Disco Voador em lojas, espaços urbanos ou mesmo uma comunidade ufológica forte na capital. Tal "esquecimento" sugere a influência de um fator que vai além da importância do evento, que é a tendência à ridicularização.

A ridicularização é uma força poderosa na moldagem das percepções sociais e pode desencorajar indivíduos e comunidades de se identificarem abertamente com eventos ou temas considerados "estranhos" ou fora do convencional. Nesse sentido, o silêncio sobre o incidente do Disco Voador pode refletir o desejo de evitar o estigma social associado a tópicos relacionados à ufologia ou ao sobrenatural, resultando em uma espécie de apagamento coletivo ou repressão cultural. Essa dinâmica ressalta que o esquecimento não ocorre necessariamente de forma consciente, uma vez que a ridicularização exerce influência na perpetuação das normas sociais e na supressão de narrativas que desafiam o *status quo*.

Ao discutir essa ideia de ridicularização e esquecimento de um evento social podemos lembrar a análise das brigas de galos em Bali, descrita por Clifford Geertz (2009). Em sua obra, Geertz explora como eventos como as brigas de galos, que são profundamente enraizados na cultura balinesa, servem para algo além de um simples espetáculo de entretenimento, sendo uma forma de expressar e reforçar a identidade social e as estruturas de poder dentro da comunidade. As brigas de galos, com sua combinação de violência ritualizada e simbolismo social, são um meio pelo qual os balineses lidavam com tensões e afirmações de status. Entretanto, uma mudança da estrutura social levou à proibição das brigas de galos, de modo que esse evento social passou a ser perseguido e ridicularizado, por se tratar de uma tradição "primitiva". Nesse sentido, o avistamento do Morenã pode ter seguido um processo similar ao das brigas de galos, onde a atenção e a seriedade são deslocadas para uma forma de entretenimento ou desdém, permitindo que a sociedade mantenha a ordem e o

status quo sem se deter nos eventos. Dessa forma, percebo que o esquecimento de um evento após sua ridicularização pode servir para preservar a coesão social e evitar que o ocorrido em questão ameace o equilíbrio e as normas estabelecidas socialmente.

A falta de menção ao avistamento do Disco Voador pode ser interpretada como uma estratégia consciente para evitar o estigma de ser associado a algo considerado irracional ou fantasioso, especialmente em foi um momento de construção de uma identidade urbana sólida e respeitável. Essa propensão à ridicularização pode ter contribuído para a supressão da narrativa sobre o avistamento, levando a um "esquecimento" coletivo do evento ao longo do tempo.

La: Então... acaba aqui virando chacota sabe? Aí depois se eu não me engano aquele livro eram os deuses astronautas que acabou virando motivo de chacota... então não faz sentido científico e eu sou muito apegado à ciência. Eu não gosto de dizer que eu vi um Disco, eu vi algo, eu vi o que eu vi, sabe? É possível que exista uma explicação científica, que naquele momento não tinha como ter. Enfim também não sou conspiracionista, criar uma teoria, eu só falo o que eu vi. Então assim talvez perdurasse mais um tempo e ficasse mais na memória e a nova geração conhecesse mais, por exemplo, se fosse um evento religioso, sabe? Como se fosse... ao invés de um Disco Voador, fosse: "Nossa Senhora Aparecida passou aqui no estádio".

L: aí seriam outros 500
(Lázaro, entrevista 10/10/2022)

O medo de "virar chacota" nacional, em meio a um período marcado pela abertura política, criação do estado, auge do futebol estadual e transformação da cidade em capital, oferece uma explicação plausível para compreender o esquecimento do avistamento do Disco Voador. Em pesquisas por artigos ou reportagens na mídia, só foi possível encontrar menções ao evento após os anos 2000, cerca de duas décadas após o ocorrido. Como apontado por Lázaro, talvez se o evento fantástico fosse mais "palpável", como um fenômeno religioso, teria sido melhor assimilado pelos habitantes de Campo Grande no processo de construção da identidade urbana.

Segundo dados do IBGE 2010, cerca de 92% da população brasileira está vinculado à alguma religião⁴⁴. No censo de 2022, foi destacado que o Brasil possui 579.798 templos religiosos, um número maior que o de escolas e instituições de saúde

⁴⁴ Dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 04 jun. 2024.

somados⁴⁵. Esses dados nos ajudam a perceber que, a nível nacional, os fenômenos ligados ao universo religioso, especialmente cristão, tem tendência a serem mais aceitos no Brasil. No entanto, elementos associados ao eixo místico-irracional, que não possuem vínculos com a religião, não são tão valorizados. Pensando no panorama de Campo Grande, especialmente durante esse momento crucial de definição identitária, o fenômeno do Disco Voador poderia gerar uma atenção que não era a desejada. Sendo assim, o evento passou a habitar uma zona de silenciamento⁴⁶.

A diferença entre o silenciamento e o esquecimento consiste, portanto, na questão de ação e inação. Enquanto o primeiro requer um esforço ativo para não ser dito, o segundo ocorre de forma natural, muitas vezes como resultado da passagem do tempo ou da falta de relevância percebida. O silenciamento, por sua vez, implica poder e controle sobre o discurso, seja exercido por estruturas de poder dominantes ou por pressões sociais sutis. A fronteira entre o dizível e o indizível é uma zona permeável, moldada pelas normas sociais, de convivência, cortesia e etiqueta, por exemplo, e pelas complexidades da linguagem. É nesse limiar que as noções de identidade se entrelaçam, pois, aquilo que podemos ou não expressar reflete e molda nossa própria percepção de quem somos. Essa fronteira não é fixa; ela se desloca conforme as mudanças culturais e individuais, desafiando-nos a explorar e questionar constantemente os limites do que podemos comunicar e compreender sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. No entanto, tanto o silenciamento quanto o esquecimento têm consequências profundas, afetando não apenas as narrativas individuais, mas também a compreensão coletiva da história e da identidade.

O silenciamento é um fenômeno complexo que vai além da simples ausência de voz. Ele se manifesta através de processos de censura, tanto autoimposta quanto externamente imposta, que podem moldar as narrativas e as formas de expressão de uma comunidade. De acordo com Eni Orlandi (2008, p. 2), o “silêncio local é (...)

⁴⁵ O número de templos supera o de unidades de saúde e escolas, como discutido na reportagem da Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/ibge-brasil-tem-mais-templos-religiosos-que-unidades-de-saude-e-escolas>. Acesso em: 04 jun. 2024.

⁴⁶ Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (...). A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p. 9).

aquele em que entra a interdição por alguma forma de poder da palavra (interno ou externo) ”. Essa interdição pode ser resultado de políticas governamentais ou de pressões sociais internalizadas pelos integrantes do grupo social. Nesse contexto, o silenciamento não apenas inibe a livre expressão individual, mas também afeta a construção da memória coletiva. Quando determinadas narrativas são suprimidas ou distorcidas, a memória de uma comunidade pode ser comprometida, levando a uma narrativa histórica tendenciosa ou incompleta. Sendo assim, a análise dos “não-ditos” pode revelar informações sobre a identidade de um grupo social, tais quais os valores e virtudes desejadas por estes.

A ridicularização da ufologia, especialmente na televisão a partir da década de 80 foi amplamente evidente, com programas muitas vezes adotando uma abordagem cômica e sensacionalista em relação ao assunto. No Brasil, o Caso Varginha, ocorrido em 1996, foi alvo de especulações e piadas em programas de TV⁴⁷, enquanto no cenário internacional, programas como “Alienígenas do Passado” do canal *History Channel* foram frequentemente tratados com um misto de incredulidade e zombaria⁴⁸. Programas de entretenimento, como *talk shows* e programas de comédia, muitas vezes utilizavam a ufologia como material para piadas e esquetes, contribuindo para a estigmatização e marginalização do campo de estudo. Paralelamente a isso, lideranças da comunidade ufológica, quando chamados a programas de televisão, sofriam de isolamento ou recebiam rótulos pejorativos, o que tornava a ufologia um campo mais seletivo e marginalizado.

Quanto mais marginalizados, mais se identificam mutuamente. Semelhante fenômeno parece operar mesmo fora do grupo. A identificação desse processo se deu a partir de um estranhamento meu em relação ao modo como o grupo se porta diante da mídia. Aparições de seu líder em programas televisivos, inclusive satíricos, eram comuns há poucos anos. Essas ocasiões eram marcadas por sensacionalismo, o que não constitui surpresa. Contudo, em vez de um sensacionalismo ambíguo que oscila entre o endosso a alegações extraordinárias e o questionamento cético, como é comum vermos em atrações sobre paranormais ou médiuns, as aparições do líder possuíam um padrão altamente recorrente a ponto de sugerir universalidade, ao menos nos principais veículos de comunicação: de

⁴⁷ Um dos exemplos da espetacularização de Varginha ocorreu no humorístico *Casseta e Planeta*, que em 1996 realizou uma esquete chamada “ET de Varginha, o mineiro vindo do espaço”, onde um dos integrantes do grupo entrevistava pessoas da cidade, enquanto outro entrevistava vestido de extraterrestre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Nfr7h202Fg. Acesso em: 15/05/2024.

⁴⁸ A série *Alienígenas do Passado* está atualmente na sua vigésima temporada, tendo sido veiculada no canal *History Channel* desde 2009.

um lado, apresentadores, plateia e expectadores ridicularizavam abertamente, sem qualquer sutileza, o contatado líder e o grupo, acusando-os de estarem amparados em fraude evidente e em irrestrita credulidade dos seguidores; de outro lado, o líder se defendia com aparentes calma e humildade, exaltando-se poucas vezes. (Martins, 2015, p. 258)

O isolamento social da ufologia é um fenômeno que se desenvolveu como resultado direto da ridicularização midiática ao longo das décadas. A abordagem sensacionalista e muitas vezes zombeteira adotada pelos meios de comunicação contribuiu para estigmatizar aqueles que se interessam pelo estudo de fenômenos ufológicos. Como resultado, muitos pesquisadores e entusiastas da ufologia enfrentam o escárnio da sociedade e têm dificuldade em serem levados a sério.

Essa marginalização não ocorre sem motivo; ela é uma consequência da maneira como a ufologia é retratada nos programas de televisão e em outros meios de comunicação. Os ufólogos frequentemente são retratados como excêntricos ou crédulos, especialmente em programas de humor, e suas pesquisas usualmente são tratadas com ceticismo ou ridicularização. Esse tipo de representação pública desencoraja novos adeptos a se envolverem com a ufologia, além de impactar aqueles que já estão envolvidos na área. O medo de serem ridicularizados ou marginalizados pode levar essas pessoas a se isolarem dentro de suas próprias comunidades, evitando discutir abertamente suas experiências ou pesquisas com o público em geral.

A crítica realizada em forma de chacota, que permeia os tecidos da vida social, desempenha um papel crucial na eficácia do processo de ridicularização dos ufólogos e de suas pesquisas. Essa forma de crítica, disfarçada de humor ou sátira, é particularmente eficaz na sociedade contemporânea, onde a cultura do entretenimento molda fortemente as percepções públicas e os conteúdos midiáticos possuem uma rápida disseminação.

E a graça, aqui, comparece como um elemento facilitador dessa crítica (...) o observador singular que ocupa o lugar do eu-humorístico dos discursos permite que as verdades transitórias nelas circulantes ridicularizem os objetos criticados e se efetivem em sua potência, reduzindo as grandezas (e, nesse sentido, as agências) desses objetos e tornando a crítica não apenas mais capaz de circular, mas potente de uma forma sutil e ao mesmo tempo intensa: não é que a piada seja mais eficiente para tornar uma crítica potente ou não, mas a crítica feita com uma forma engraçada, pejada com elementos que permitam o reconhecimento da graça, insere a lógica inspirada na

equação, substituindo a avaliação racionalista da crítica “séria” por um salto de comprovação do conteúdo que estabiliza a situação graças a outra comprovação, em termos de graça. (Werneck, 2020, p. 13)

Ao transformar o estudo da ufologia em objeto de piada, os meios de comunicação desacreditam a seriedade dos temas abordados e reforçam estereótipos negativos associados aos ufólogos, tais como a falta de racionalidade ou a busca por atenção. Essa constante exposição a comentários sarcásticos e desdenhosos pode levar à internalização desses estereótipos por parte do público, reforçando ainda mais a marginalização dos ufólogos e criando barreiras adicionais para o reconhecimento de suas pesquisas.

O estigma associado à ufologia perpetua um ciclo de ostracismo, tornando ainda mais desafiador para os interessados no assunto encontrar aceitação e apoio dentro da sociedade. A aversão ao sobrenatural e ao irracional, embora compreensível em um contexto de modernização e afirmação urbana de Campo Grande, levanta questões interessantes sobre a maneira como as cidades constroem suas identidades e decidem quais aspectos de sua história incorporar. Essa seleção de narrativas reflete os valores predominantes em determinado momento histórico e também os esforços para moldar uma imagem coerente e aceitável perante os olhos do país e do mundo, de acordo com seus preceitos e visões.

A perpetuação do estigma em torno da ufologia também revela uma dinâmica mais ampla de poder e controle sobre o conhecimento e a percepção pública. Instituições e autoridades muitas vezes desempenham um papel fundamental na promoção ou supressão de determinadas narrativas, influenciando diretamente a maneira como certos assuntos são vistos pela sociedade. Sendo assim, para que a lembrança continue viva, é comum ocorrer uma vinculação de determinadas memórias à locais e instituições de grande importância para a comunidade, como é o caso do estádio Pedro Pedrossian, que é um marco arquitetônico da cidade de Campo Grande desde antes da sua transformação em capital.

G: E eu, vamos dizer assim um privilégio estar presente em dois momentos que foi bastante assim, a gente não tem explicação, que foi esse no morenã que eu estava na arquibancada, na descoberta né que apareceu as luzes que todo mundo ficou entre "será que é? " Pensou que era avião mas não tinha som aí veio muito rápido aquela luz e se transformou em três e depois desapareceu. Outra vez no Glaucê Rocha meu pai trabalhava também no Glaucê Rocha né, eu estava lá não tinha nem iniciado a sessão e aí começou a aparecer

umas luzes... muito grande e colorido, elas não se movimentavam como essa do que passou, elas ficavam fixas mudando de cor, sabe? E essa essas luzes foram vistas por várias pessoas de outras cidades também a gente tinha os parentes em Dourados que visualizaram também lá coincidentemente no mesmo dia e no mesmo horário

L: isso foi em qual época mais ou menos?

G: Foi digamos dois anos depois se eu não estiver enganado, um ano e meio ou dois depois desse fenômeno do morenã, mas era assim duas coisas bem distintas em termos de aparecimento. (Gerson, entrevista 14/02/2023)

Apesar de negar a importância dos eventos que presenciou para a formação identitária campo-grandense, Gerson vincula sua experiência a dois grandes monumentos arquitetônicos da cidade de Campo Grande: o Estádio Morenã e o Teatro Glauce Rocha. Essa conexão entre o avistamento e esses ícones urbanos ressalta a complexidade das interações entre eventos extraordinários e elementos cotidianos na construção da identidade de uma comunidade. Mesmo que subalternizado, há uma permanência do avistamento na memória coletiva, uma vez que ele se vincula à símbolos culturais, como o futebol e o teatro, que se tornam veículos para a transmissão e incorporação de narrativas compartilhadas. Essa interseção evidencia a predisposição das comunidades a atribuir significados simbólicos a eventos, integrando-os ao tecido social e cultural.

Na página de esportes, não se fala do OVNI e sim apenas do jogo. A grande atuação de Cocada na partida é citada: "Cocada busca sua afirmação no alvinegro". Até declaração de Roberto Dinamite, que estava em campo pelo Vasco da Gama, afirmando que o Operário foi melhor foi matéria: "Roberto diz que o Galo mereceu vencer". (O que era aquilo, 2013, Kneipp e Heiderich)

Com exceção da matéria publicada no próprio Correio do Estado e a ata de Maraviéski, não há publicações oficiais sobre esse caso. A grande mídia, as lideranças políticas e militares não falaram sobre o Disco Voador, o que levanta questões sobre os mecanismos de controle de informação e os interesses por trás do silêncio institucional. A ausência de cobertura da mídia convencional e o silêncio das autoridades destacam a marginalização do fenômeno ufológico e suscitam reflexões sobre o papel da mídia e do governo na gestão da percepção pública de eventos considerados extraordinários. A lacuna na cobertura oficial demonstra que não era do interesse das grandes mídias divulgar fenômenos que desafiam as explicações convencionais naquele momento. Essa dinâmica, aparentemente paradoxal, de

esquecer deliberadamente algo que teve importância, levanta indagações sobre quem se beneficia com o ato do esquecimento. Pollak (1989) nos oferece uma perspectiva valiosa, sugerindo que o silêncio e o esquecimento podem servir como estratégias poderosas de controle social. Ao ocultar ou distorcer determinadas memórias, grupos dominantes podem moldar a narrativa histórica de acordo com seus interesses, reforçando seu poder e legitimidade. Nesse sentido, a amnésia coletiva pode, de fato, ser parte de um projeto consciente para perpetuar uma determinada ordem ou narrativa oficial.⁴⁹

O desaparecimento de um grupo é apenas um dos motivos que contribuem para o apagamento de uma memória coletiva, ou, no mínimo, para a sua diminuição de alcance. No caso específico de Campo Grande, podemos perceber que o rápido crescimento urbano da cidade tem levado a uma diminuição significativa do número de campo-grandenses que testemunharam os eventos ufológicos em questão. Além disso, a subsequente ridicularização desses eventos, especialmente durante a década de 1990, tem desempenhado um papel fundamental na supressão de sua disseminação para um público mais amplo.

Essa ridicularização não só desencorajou as pessoas de compartilharem suas experiências publicamente, mas também contribuiu para a associação do assunto com o entretenimento superficial, relegando-o a discussões informais em ambientes como botecos e churrascos de família. Sendo assim, a marginalização do fenômeno ufológico ilustra os desafios enfrentados na preservação e divulgação de narrativas que desafiam o convencional, especialmente em um contexto cultural e social permeado pela descrença e pelo ceticismo.

I: olha, tanto é... Já se passaram mais de 39 anos e até hoje não tem uma explicação **plausível**. Era uma época que não tinha o que temos hoje. E tudo aquilo foi em frações segundo, praticamente. Que... Basicamente alguns, até hoje, não acreditam, não acreditam. Até

⁴⁹ Entre esses acontecimentos, aqueles que estavam ligados a eles e nós mesmos, há com efeito descontinuidade, não somente porque o grupo no seio do qual os víamos não mais existe materialmente, mas porque nele não pensamos mais e porque não temos nenhum meio de reconstruir sua imagem. Cada um dos membros dessa sociedade era definido, a nossos olhos, por seu lugar ocupado dentro do conjunto dos demais, e não por suas relações, que ignorávamos, com outros ambientes. Todas as lembranças que podiam nascer no interior da classe se apoiavam uma sobre a outra, e não em recordações exteriores. A duração de uma tal memória era então limitada, pela força das coisas, na duração do grupo. Se subsistem, todavia, testemunhas (...) é porque (...) eles formavam pequenas comunidades mais reduzidas e, por isso, mais duráveis; e os acontecimentos da classe interessavam também a estas sociedades menores, ali tinham sua repercussão, ali deixavam traços (Halbwachs, 1990, p. 30).

alguns que estavam presentes... aquela coisa toda. Então foi assim, um momento que foi enigmático... enigmático. Que ficou no pensamento de muitos que estavam lá, porque foi assim... mas como? Se não tem nenhuma amostra, se não tem nenhuma revelação de tudo isso, entendeu? (Ítalo, entrevista 12/09/2022)

A desconfiança em torno do avistamento do Morenã, ocorrido há mais de 39 anos, persiste até hoje devido à falta de explicações plausíveis e à ausência de fontes confiáveis daquela época. O evento, que aconteceu em frações de segundos, deixou muitos céticos, inclusive algumas pessoas que estavam presentes no local. A tecnologia e os recursos disponíveis na época eram limitados, o que contribuiu para a falta de registros e evidências concretas. Essa lacuna documental alimenta dúvidas e descrenças, fazendo com que muitos questionem a veracidade do ocorrido, especialmente quem não estava presente, ou quem não era morador de Campo Grande na década de 1980.

A busca por uma explicação "plausível" evidencia essa tendência de afastamento do misticismo em Campo Grande. Mesmo em situações como o "Caso Morenã", no qual as pessoas testemunharam os eventos com seus próprios olhos, surgem hipóteses alternativas, como histeria coletiva ou testes militares. Essas teorias procuram reconfigurar o imaginário social para um entendimento mais convencional da realidade, opondo-se ao extraordinário. Esses discursos dominantes configuram-se de tal maneira que até mesmo aqueles que estiveram no evento chegam a duvidar de sua própria percepção.

O caráter enigmático do avistamento continua a intrigar aqueles que o presenciaram. A falta de amostras ou revelações tangíveis sobre o que realmente aconteceu no Morenã deixa uma sensação de mistério no ar. Esse vazio de informações concretas fez com que o avistamento se transformasse em um episódio repleto de especulações e interpretações subjetivas, permanecendo como uma lembrança nebulosa na memória coletiva. A quantidade de pessoas presentes, utilizada como argumento de veracidade pela Ufologia, não é suficiente para gerar um sentimento de legitimidade. Sendo assim, durante as décadas de 90 e 2000, o Disco Voador do Morenã não era sequer mencionado. Mas com a popularização da internet e das redes sociais, esse cenário começou a mudar.

3.3 O reaparecimento do Disco Voador

A partir da década de 2010, o óvni do Morenãu voltou a ser notícia. Programas esportivos começaram a noticiar o "curioso caso de um disco voador em um jogo de futebol". A revista UFO retomou o assunto em sua página *online*, e portais de notícias locais, como o "Campo Grande News", publicaram reportagens sobre o tema, que completaria 30 anos em 2012. Com o "boom" das redes sociais, *posts* sobre o tema ficavam repletos de comentários, seja reafirmando ou duvidando do ocorrido.

Esse ressurgimento do caso nas mídias digitais trouxe novas perspectivas e debates sobre o evento. Redes sociais e fóruns online possibilitaram a troca de informações e teorias entre pessoas de diferentes partes do mundo, aumentando a visibilidade do caso. Algumas testemunhas aproveitaram essas plataformas para compartilhar suas experiências, enquanto pesquisadores e entusiastas do fenômeno óvni discutiram possíveis explicações. No entanto, a falta de provas concretas e a divergência de relatos continuaram a alimentar a controvérsia, tornando o avistamento do Morenãu um mistério ainda não resolvido e um tópico de constante especulação.

Um dos exemplos dessa transformação que ocorreu nos últimos anos, que demonstram a popularização da ufologia foi o lançamento do site AARO (All-domain Anomaly Resolution Office, ou Escritório de Resolução de Anomalias em Todos os Domínios, em tradução livre)⁵⁰. Esse escritório, que faz parte do Pentágono estadunidense, é dedicado à divulgação de informações e relatórios sobre avistamentos de ovnis. Lançado em resposta à crescente demanda por transparência e esclarecimento sobre o tema, o site serve como uma plataforma para o público acessar documentos oficiais anteriormente confidenciais, vídeos de avistamentos e análises técnicas. Além de fornecer uma fonte centralizada de informações, o site do Pentágono busca promover uma discussão mais aberta e informada sobre a ufologia, estimulando a colaboração entre pesquisadores, entusiastas e autoridades governamentais. Sua criação reflete um reconhecimento crescente da importância de abordar seriamente o fenômeno dos ovnis e pode sinalizar uma mudança significativa na maneira como a ufologia é percebida e estudada pela sociedade e pela comunidade acadêmica.

A dinâmica da cultura popular reflete a capacidade humana de se reinventar frente às transformações sociais, tecnológicas e culturais em curso. É um processo contínuo de adaptação, em que elementos tradicionais se mesclam e se renovam com

⁵⁰ Disponível em: <https://www.aaro.mil/>, Acesso em 12, jun. 2024

influências contemporâneas, criando uma tapeçaria cultural rica e diversificada. Essa amalgamação entre o tradicional e o novo não apenas preserva as raízes culturais de um grupo social, mas também promove sua evolução e resiliência diante dos desafios do mundo moderno. Assim, a cultura popular se revela não como algo estático, mas sim como uma expressão viva e em constante movimento, que molda e é moldada pelas identidades e experiências compartilhadas de uma comunidade.

A folkcomunicação se refere à comunicação informal da cultura popular em diferentes ambientes. Esta encontra um novo e vasto campo de expressão nas plataformas online, especialmente com o advento das redes sociais, que representa uma transformação significativa na forma como as narrativas são construídas, compartilhadas e perpetuadas na era digital.⁵¹ As redes sociais proporcionam um ambiente propício para a troca de experiências, saberes e tradições entre os usuários, muitas vezes de maneira horizontal e descentralizada. Por meio de grupos, comunidades, fóruns, *blogs* e outras formas de interação digital, os indivíduos podem compartilhar histórias, lendas, crenças e práticas culturais que, de outra forma, poderiam ser marginalizadas ou esquecidas. Essa democratização da comunicação possibilita a preservação e a disseminação de aspectos da cultura popular que antes poderiam ser ignorados pelos meios de comunicação tradicionais, contribuindo para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento das identidades locais e regionais.

Vale lembrar ainda que, mesmo com a possibilidade de disseminação online, as narrativas disputam espaço nos meios digitais, dependendo de engajamento para conseguir mais acessos e atingir um número maior de pessoas⁵². Dentro dessa perspectiva, é interessante ressaltar que, mesmo ressurgindo nas redes sociais, o óvni do Morenã ainda permanece vinculado ao esporte, sendo noticiado nas seções específicas desse tema. O *Globo Esporte*, por exemplo, realizou matérias especiais, com entrevistas de “testemunhas” do caso em 2014 e 2022, ano em que o evento

⁵¹ Esse [território da folkcomunicação na internet] mostrou-se fértil, principalmente para a germinação e o cultivo de relatos sobre as atividades desenvolvidas pelos agentes folkcomunicacionais, ampliando consideravelmente seu raio de ação. Além de garantir a sobrevivência de vários gêneros ou formatos de expressão popular, a web permite multiplicar os seus interlocutores, bem como ensejar o intercâmbio entre grupos e pessoas que possuem identidades comuns, mesmo distanciados pela geografia (Marques de Melo, 2005, p. 9).

⁵² Sobre a questão de engajamento e a presença de algoritmos que geram a disseminação de informações, conferir Santos (2022), disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v44/2178-5201-aseduc-44-e52736.pdf>, acesso em: 11 jun. 2024

completou 40 anos. Outra grande mídia esportiva a noticiar o “Caso Morenã” posteriormente foi o *Lance*, também em celebração dos 40 anos do avistamento.



Figura 12 – Matéria do Jornal Lance, sobre os 40 anos do avistamento

Com o declínio do futebol sul-mato-grossense, o “Caso Morenã” se torna um dos eventos mais icônicos do estádio Morenã, sendo frequentemente lembrado quando se fala desse estádio no cenário nacional. As reportagens que associam o estádio com o Disco Voador não tratam apenas do caso em si, mas também de um período antigo, em que o futebol sul-mato-grossense era competitivo no cenário nacional. Em face da situação atual do esporte, as notícias sobre o Disco Voador acabam por chamar mais a atenção nacional do que as reportagens sobre o campeonato estadual sul-mato-grossense.⁵³

Em 2016 o *Globo Esporte* chegou a realizar uma enquete, na qual os internautas deveriam escolher o momento mais icônico do estádio Pedro Pedrossian⁵⁴. Entre as cinco opções a primeira era do avistamento de Disco Voador, que acabou sendo derrotada pelo evento mais recente, a vitória do Operário no título do campeonato estadual de 2010, que reuniu 13 mil pessoas. Ainda que em uma escala menor, os times de Mato Grosso do Sul movimentam o futebol na região e o Operário tem sido presença frequente nas primeiras fases da *Copa do Brasil* nos últimos anos.

Localmente, dois dos portais mais influentes do estado também realizaram reportagens sobre o avistamento do Morenã. O *Correio do Estado*, mesmo jornal que

⁵³ Certamente, os acontecimentos excepcionais também têm lugar neste quadro espacial, mas porque na ocasião certa o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper. Porém, um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar, seja porque modifique o grupo em sua extensão (...) A partir desse momento, não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva; mas, ao mesmo tempo, o ambiente material não mais será o mesmo. (Halbwachs, 1990, p. 133-134)

⁵⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/ms/noticia/2016/12/vote-e-escolha-o-momento-mais-emblematico-do-estadio-morenao.html>. Acesso em: 15/05/2024

teve o “furo” de notícia em 1982, voltou a falar do caso em 2015, 2018 e 2023, sendo que em uma das publicações, a de 2018, o jornal apenas menciona o interesse dos leitores em que se escreva sobre o “Caso Morenã” mas relata um evento ufológico ainda mais antigo, o avistamento de uma bola de fogo em 1973.⁵⁵

Não se passa uma semana sequer desde que este escriba assumiu espaço que um de vocês, leitores, não nos pedem aquele que talvez seja um dos fatos mais folclóricos da história: o OVNI do Estádio Morenã.

Pois bem, vocês venceram. Mas em partes...

Nesta semana resolvemos atender os pedidos e vamos falar de ufologia. Ou simplesmente extraterrestres para os mais íntimos.

Mas não, nada de nomes famosos (...). Tentamos buscar em nosso extraordinário acervo os primórdios dessa história de ET em Mato Grosso do Sul. E acho que encontramos.

No dia 21 de novembro de 1973 o Correio do Estado estampava em uma pequena chamada na sua capa algo no mínimo inusitado: “Bola de fogo nos céus de Ponta Porã.” (Ribeiro, 2018)

Essa reportagem, apesar da quebra de expectativa gerada pelo autor, traz duas informações muito importantes para compreender o papel que o “Caso Morenã” ocupa na atualidade. A primeira é que ele faz parte do folclore do Mato Grosso do Sul e há interesse em ler informações sobre ele, especialmente do jornal que estava presente no evento e o noticiou em primeira mão. A segunda é que o evento não é o único ocorrido em Mato Grosso do Sul, o que indica que há uma relação do estado com a ufologia, mesmo que esta tenha sido ignorada por décadas.

Outro portal relevante no cenário estadual que costuma falar do “Caso Morenã” é o *Campo Grande News*. O site conta com uma série de notícias acerca do evento, especialmente no ano de 2022. Matérias intituladas “você acredita que OVNI apareceu no Morenã em 1982?”⁵⁶ E “o que vi na noite de 6 de março de 1982 no Estádio Morenã”⁵⁷ são alguns dos exemplos do site.

O *Campo Grande News* costuma também postar *links* de suas reportagens nas redes sociais e lá é possível encontrar centenas de comentários de usuários falando que estiveram no dia do avistamento e opinando sobre o evento. Esse engajamento

⁵⁵ Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/a-bola-de-fogo-que-assustou-e-aterrizou-os-ceus-de-mato-grosso/341497/>. Acesso em: 15/05/2024

⁵⁶ Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/voce-acredita-que-ovni-apareceu-no-morenã-em-1982>. Acesso em: 15/05/2024

⁵⁷ Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/turismo/o-que-vi-na-noite-de-6-de-março-de-1982-no-estadio-morenã>. Acesso em: 15/05/2024

nas redes sociais demonstra que o evento ocupa um lugar de destaque na memória coletiva e que as pessoas ainda estão dispostas a debater sobre esse assunto. Com o advento da internet, é possível entrar em contato com pessoas que compartilham os mesmos interesses, opiniões e vivências, o que torna esse espaço ideal para discutir o "Caso Morenã", mesmo que o número anteriormente expressivo de pessoas que estiveram no estádio não seja mais tão grande em relação à população de Campo Grande como um todo. A discussão nas redes atinge novos públicos, como simpatizantes da ufologia, filhos e netos das pessoas que estiveram presentes no dia do evento, além de fãs do futebol regional. É possível que esses públicos gerem maior engajamento, uma vez que as reportagens sobre o tema continuam surgindo em veículos de transmissão de informações online.

Em 2013 o "Caso Morenã" chegou à discussão acadêmica. O documentário "O que era aquilo" marca um importante ponto de inflexão na abordagem do "Caso Morenã" ao trazer o evento para a esfera acadêmica e, ao mesmo tempo, expandir seu escopo de investigação. Ao buscar entrevistar os presentes no jogo do Disco Voador, os idealizadores do documentário, João Conrado Kneipp e Pedro Nogueira Heiderich, tinham como objetivo inicial compreender as ramificações desse evento específico e suas consequências para a comunidade local. No entanto, ao longo do processo de produção, os autores se deram conta de que as questões levantadas se distanciavam do avistamento ufológico e englobavam aspectos relacionados ao auge e declínio do futebol sul-mato-grossense.

A decisão de se debruçar em uma análise do futebol regional revela a complexidade e interconexão das narrativas que permeiam a identidade de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. O futebol é visto por Kneipp e Heiderich como um elemento central na construção da identidade cultural e social da região, refletindo aspirações, desafios e triunfos da comunidade ao longo do tempo. Durante o documentário, os realizadores conseguiram entrevistar figuras proeminentes do jogo de 1982, como os jogadores Amarildo e Cocada, o fotógrafo Roberto Higa e o locutor esportivo Ramão Cabreira. Os realizadores conseguiram registrar relatos e opiniões pessoais que discutem os rumos que o esporte sul-mato-grossense tomou desde 1982, e contextualizam o "Caso Morenã" dentro de um quadro mais amplo de eventos e acontecimentos que moldaram a história e a cultura de Campo Grande.

O tardio ressurgimento do "Caso Morenã" pode estar relacionado às próprias questões discutidas neste capítulo, onde se destacam a complexidade das narrativas

culturais e a interconexão entre eventos aparentemente isolados e o contexto mais amplo da identidade campo-grandense. O tardio aparecimento do evento para a discussão midiática reflete a relutância em confrontar eventos extraordinários nos meios de comunicação, mas também a necessidade de compreender o significado do avistamento do Disco Voador dentro de um quadro mais amplo de identidade cultural e história local. O "Caso Morenã" pode ser interpretado, portanto, como uma tentativa de mergulhar mais profundamente nas camadas de significado que cercam o evento, buscando compreendê-lo dentro de um contexto mais amplo e multifacetado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento e a popularização do mito do Disco Voador a partir da década de 1950 no Brasil representam um fenômeno intrigante e inegável na contemporaneidade. A disseminação dessas narrativas de encontros com seres extraterrestres e objetos voadores não identificados suscita um profundo interesse na análise das características que compõem esse mito e, igualmente importante, nas influências que ele exerce sobre o cotidiano das sociedades urbanas. Esse fenômeno não apenas estimula a imaginação e a curiosidade das pessoas, mas também desafia as fronteiras do conhecimento, levantando questões sobre a nossa relação com o desconhecido e as possíveis ramificações para a ciência e espiritualidade.

Os processos de memória e construção de narrativas desempenham um papel fundamental na elaboração e na transmissão das histórias acerca do "Caso Morenã". Ao explorar a noção de ser afetado, percebi como a minha experiência individual foi influenciada por fatores sociais, culturais e emocionais, especialmente com relação à cidade de Campo Grande e minha percepção acerca da mesma. Nesse contexto, as narrativas que encontrei sobre o avistamento do Disco Voador também foram moldadas por interpretações subjetivas e pela influência das relações sociais dos meus interlocutores.

Cada indivíduo possui diferentes níveis de realidade e percepção, o que sugere que diferentes pessoas podem interpretar o mesmo evento de maneiras diversas, dependendo de sua perspectiva e contexto pessoal. A presença do Disco Voador estadunidense no imaginário coletivo dos anos 1980 permitiu que muitas pessoas reconhecessem o avistamento como tal e a ridicularização midiática de meios de comunicação fez com que essa narrativa "desaparecesse" dos noticiários durante décadas.

Percebo, portanto, que a memória coletiva serve como um mecanismo essencial para a preservação e a perpetuação de narrativas como a do "Caso Morenã". Através do compartilhamento contínuo de histórias e da criação de espaços de memória, a comunidade reforça sua identidade e sua conexão com eventos significativos de seu passado, contribuindo para a compreensão coletiva do fenômeno e sua integração na história local.

A cultura popular é pode ser comparada à um organismo vivo que está em constante transformação, especialmente em resposta às mudanças sociais e culturais que ocorrem ao longo do tempo. Esse processo dinâmico de adaptação não só reflete, mas também molda a identidade de um grupo social. Quando novos elementos culturais são introduzidos, seja por meio de interações com outras comunidades ou devido ao avanço tecnológico, eles são assimilados e integrados à cultura existente, criando uma mistura única de tradição e inovação.

Essa dinâmica que mescla o tradicional e o novo é essencial para a formação da identidade cultural de uma sociedade. À medida que novos símbolos, ideias e práticas são incorporados, eles se entrelaçam com os elementos já estabelecidos, gerando uma complexa teia de significados. Essa teia cultural está em constante transformação, à medida que novas interpretações e associações são feitas, refletindo as mudanças e os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Além disso, a introdução de novos elementos culturais muitas vezes não se limita apenas à sua aceitação passiva, mas pode levar à criação de novas formas de expressão, práticas e rituais. Por exemplo, a chegada de novas tecnologias pode influenciar a maneira como as pessoas se comunicam, se divertem e interagem umas com as outras. Da mesma forma, a imigração e o intercâmbio cultural podem introduzir novos estilos musicais, culinária e tradições religiosas, enriquecendo ainda mais o tecido cultural de uma sociedade.

Assim, a cultura popular é um espaço dinâmico e multifacetado em que o passado e o presente se encontram, no qual o familiar se mistura com o desconhecido, e onde a tradição e a inovação coexistem em constante diálogo. É através desse processo contínuo de adaptação e reinvenção que a sociedade contemporânea continua a refletir sua complexidade e diversidade. Elementos como o estabelecimento do Escritório de Resolução de Anomalias em Todos os Domínios (AARO) representam uma mudança na abordagem oficial em relação aos Discos Voadores e fenômenos aéreos inexplicados. A criação desse órgão, especialmente dentro do Pentágono, também indica um compromisso com a divulgação de dados e a promoção de uma discussão informada sobre o assunto.

A influência do aparecimento do Disco Voador no Estádio Moreirão sobre a formação identitária campo-grandense mostra-se como um fenômeno intrincado e com diversas facetas. No decorrer do trabalho, analisei as relações entre o evento e a

ufologia e procurei compreender quais seriam os motivos para o apagamento dessa narrativa no imaginário popular, bem como a importância simbólica que ela possui na sociedade campo-grandense. No entanto, o apagamento não é real. Apesar de ter se tornado uma discussão de nicho, o “Caso Morenã” ainda gera discussões e tem sua relevância para os moradores de Campo Grande, especialmente os que lá estiveram.

O avistamento do Disco Voador durante o jogo entre Operário e Vasco no Estádio Morenã em Campo Grande ganha força na ufologia devido à sua alta verificabilidade. Com cerca de 25.000 torcedores presentes no estádio naquele dia de 1982, além das numerosas testemunhas que avistaram o objeto fora do estádio e até mesmo em cidades do interior, o evento se tornou o maior avistamento da história ufológica brasileira. A presença de um grande número de observadores independentes aumenta a credibilidade do relato, diminuindo a possibilidade de enganos individuais ou alucinações, tornando-o mais difícil de ser desacreditado, perante as bases de verificação da ufologia brasileira.

A legitimidade do avistamento também foi reforçada pela revista UFO, renomada publicação especializada em ufologia, que investigou o caso e destacou sua importância. Ademir José Gevaerd, ufólogo e editor da revista UFO, desempenhou um papel crucial ao trazer à tona evidências e testemunhos que apoiavam o avistamento. Suas contribuições ajudaram a consolidar o “Caso Morenã” como um dos casos mais significativos da ufologia brasileira.

Podemos perceber que a história do Disco Voador no Brasil transcende o aspecto meramente local e se conecta a um fenômeno global de interesse e especulação sobre a possibilidade de vida extraterrestre. As narrativas de avistamentos e contatos com seres de outros planetas têm sido recorrentes em diversas culturas ao redor do mundo, alimentando debates sobre a existência de vida além do nosso planeta e suas possíveis interações conosco. Assim, o mito do Disco Voador não se limita apenas a uma comunidade ou região, mas faz parte de um fenômeno cultural mais amplo que envolve questões existenciais e científicas fundamentais.

Por outro lado, a análise do impacto do mito do Disco Voador também nos leva a considerar as dinâmicas de poder e controle que permeiam a disseminação e o acolhimento de certas narrativas na sociedade. O silenciamento ou marginalização de

relatos de avistamentos ou encontros extraterrestres por parte das instituições oficiais indica algo que vai muito além da mera resistência à ideia de vida extraterrestre. Trata-se de um desejo de manter o controle sobre o discurso público e preservar determinadas narrativas hegemônicas. Essa tensão entre o conhecimento oficial e as experiências individuais contribui para a complexidade e a persistência do mito do Disco Voador na cultura contemporânea.

Ao considerarmos a perspectiva da antropologia urbana, buscamos compreender as dinâmicas sociais, culturais e simbólicas presentes nas cidades, que possuem um movimento próprio de fazer-cidade. Em relação a Campo Grande, essa abordagem nos permitiu analisar como a narrativa do avistamento de Disco Voador se insere e interage com a identidade local. A cidade, com sua história marcada por diferentes influências culturais, desde as raízes indígenas até os processos de urbanização e migração mais recentes, construiu uma identidade própria ao longo do tempo. Esta é permeada por elementos como a urbanização, a religiosidade, as tradições regionais e, agora, também pelo mito do Disco Voador.

A forma como essa narrativa é recebida e interpretada pela população local reflete algo que vai além das crenças individuais. São aspectos mais amplos da cultura campo-grandense, como a formação multiétnica da população e os processos de criação do Mato Grosso do Sul. Além disso, as características socioculturais únicas da cidade, como os processos de migração e o rápido aumento da população podem contribuir para o apagamento de uma narrativa coletiva em torno desse fenômeno.

Sendo assim, podemos investigar como o mito do Disco Voador se manifesta em diferentes aspectos da vida cotidiana em Campo Grande, desde conversas informais entre moradores até o aparecimento em jornais esportivos e nas mídias sociais. Essas manifestações também a influenciam, contribuindo para a construção contínua dessa identidade em um contexto urbano em constante transformação.

Portanto, ao considerarmos a perspectiva antropológica, podemos identificar as camadas mais profundas da interação entre a narrativa do avistamento de Disco Voador e a identidade campo-grandense. Através dessa lente analítica, somos capazes de explorar como o mito do "Caso Morenã" se enraíza no tecido social e cultural da cidade, influenciando não apenas as crenças individuais, mas também as práticas coletivas e as estruturas simbólicas que moldam a vida dos habitantes de

Campo Grande, especialmente na questão da memória, esquecimento e silenciamento.

Nesse contexto de ressignificação de um evento marcante, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) emerge como uma instituição fundamental. Além da proximidade com o estádio Pedro Pedrossian e de ser um importante centro de produção e disseminação do conhecimento no estado, a UFMS é capaz de oferecer um espaço acadêmico prolífico para o debate e a reflexão sobre diversos temas como a ufologia e a cultura popular. Através de pesquisas e atividades educacionais, a universidade pode servir como um catalisador para a preservação e revitalização das tradições, costumes e narrativas locais, além da identidade campo-grandense em um contexto contemporâneo de constante transformação.

No âmbito esportivo, o futebol regional de Campo Grande, com destaque para o Operário-MS, é outro elemento que influencia a forma como o mito do Disco Voador é percebido e incorporado pela comunidade. Por décadas o futebol estadual foi um importante fator de coesão social, gerando a noção de pertencimento clubístico para estruturar as dinâmicas da cidade. O estádio Moreirão, palco de eventos esportivos marcantes e do avistamento do Disco Voador, torna-se um espaço simbólico onde diferentes aspectos da identidade campo-grandense se entrelaçam. Mesmo com a queda de rendimento dos clubes sul-mato-grossenses no cenário nacional, ainda há uma vinculação do futebol regional com o avistamento, especialmente para os torcedores mais antigos.

Em última análise, o mito do Disco Voador do Moreirão vai além de uma curiosidade cultural. É uma janela para entendermos as aspirações, medos e especulações da sociedade campo-grandense acerca do desconhecido e do além. Ele nos convida a questionar nossas próprias crenças e limites do conhecimento, ao mesmo tempo em que nos lembra de momentos, espaços e comunidades que fizeram parte do processo de “fazer-cidade” da capital. Assim, mesmo que sua veracidade permaneça incerta, seu impacto na cultura e na imaginação de Campo Grande é inegável e continua a moldar nossa compreensão do quão complexa é a Cidade Morena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

10 – As fraudes e enganos. UFO, 19 jan. 2019a. Disponível em: <https://ufo.com.br/faq-12/>. Acesso em: 7 ago. 2023.

ADORNO, Theodore; HORKHEIMER, Max. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. Os intelectuais e o poder: história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul. 2006. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2006.

ANDRADE, Silvio de. Jones: O homem-demolidor. Placar Magazine, [S. l.], n. 616, p. 12, 12 mar. 1982. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=qKUYbDcW_xEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 1 jun. 2023.

ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura popular. 14. ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.

ARRAES, Glenda. A construção de uma história oficial e da identidade sul-matogrossense nas obras “Isto é Mato Grosso do Sul: nasce um estado” e “Mato grosso do sul: para a 3ª série do 1º grau”, de José Barbosa Rodrigues. Campo Grande, 2020.

ATTIANESI, Daniel; PASSAMANI, Guilherme R. Um urbano pra lá de rural: as particularidades políticas, históricas e culturais que transformaram Campo Grande de arraial a capital. In: Cadernos do Lepaarq, v. XV, n.30. Jul-Dez. 2018, p. 56-68.

BATIS sobre estádio em 1982 é tema de documentário. In: GERVAERD, Ademar José (ed.). UFO. [S. l.], 26 mar. 2014. Disponível em: <https://ufo.com.br/avistamento-de-ufo-sobre-estadio-em-1982-e-tema-de-documentario/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BARBOSA, Lúcio Valério. UFOs no pantanal. 3 ed. Maringá, Editora Ideia, 2011.

BATISTA, Ana Rita Sabbag Amaral. Turismo e ufologia: ufo turismo. 2006. 83 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Formação de Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BITTAR, Marisa. Sonho e Realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso. Multitemas. Periódico das Comunidades Departamentais da UCDB. Campo Grande, 1999, p.93-4.

BOURDIEU, Pierre. Alta costura e alta cultura. Questões de sociologia, p. 154-161, 1983.

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. Era uma feira aonde a gente ia de chinelo: Campo Grande e sua Feira Livre Central. Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

CAMPOBASSO, Craig. The Extraterrestrial Species Almanac: The Ultimate Guide to Greys, Reptilians, Hybrids, and Nordics. Red Wheel/Weiser, 2021.

CARLOS, Daniel Pícaro. Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo moderno.

2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

CARLSON, Gil. *Book of Alien Race: Secret Russian KGB Book of Alien Species*. Hampton: Blue Planet Project, 2017.

CASTAÑEDA, Carlos. *Porta para o infinito*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1974.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difusão, 1988. 244 p.

COMUNIDADE Ufológica Brasileira repudia condecoração ao pai do ET Bilú. *UFO*, 20 ago. 2019b. Disponível em: <https://ufo.com.br/comunidade-ufologica-brasileira-repudia-condecoracao-ao-pai-do-et-bilu/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

DE MELO, José Marques. Folkcomunicação na era digital. A comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. *Razón y Palabra*, n. 49, p. 1-26, 2006.

DOCUMENTÁRIO conta histórias do 'jogo do disco voador' no Morenã em 1982: 'O que era aquilo?'. *Globo Esporte*, 26 mar. 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ms/noticia/2014/03/documentario-counta-historias-do-jogo-do-disco-voador-no-morenao-em-1982.html>. Acesso em: 21 jul. 2020.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser afetado*. Trad. de Paula Siqueira. Introdução de Márcio Goldman. *Cadernos de campo*, 2005, 13.

FERREIRA, João Fernando Pelho. A Copa de 70, o governo Médici e a construção do morenã. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856591_ce3e41fb0ab50915352389578e3a8797.pdf. Acesso em 1 jun. 2023.

FIUZA, Regiane. Como Será: O tema é OVNI: ufólogo tira dúvidas sobre objetos voadores misteriosos. *In: G1*. [S. l.], 17 set. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/como-sera/noticia/2016/09/o-tema-e-ovni.html>. Acesso em: 23 jun. 2023.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREITAS, Matilde. Discos voadores em estádios: casos de aparições durante jogos de futebol. [S. l.] 21 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/discos-voadores-em-estadios-casos-de-aparicoes-durante-jogos-de-futebol>, acesso em 23 jun. 2022.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 213 p.

GERVAERD, Ademar José (ed.). *UFO*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://ufo.com.br/gevaerd/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2011.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. *Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. Revista de Antropologia, 2003, 46: 445-476.

HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. *In*: LÉVI STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. cap. XI, p. 221-248. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4182865/mod_folder/content/0/Ci%C3%A4ncias%20Sociais/L%C3%89VISTRAUSS%2C%20Claude.%20Antropologia%20Estrutural%20%281%29.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 21 out. 2019.

LINO, Anderson Ramos. História do Operário Futebol Clube. *In*: Operário Futebol Clube: Campo Grande - Mato Grosso do Sul. [S.l.], [2010]. Disponível em: <https://operario.com.br/historia>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LÚCIO Barbosa e seus contatos com ETs. UFO, 1 jun. 1998. Disponível em: <https://ufo.com.br/lucio-barbosa-e-seus-contatos-com-ets/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo, Livros Studio Nobel, 1999.

MANICA, Daniela; KOFES, Suely. Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina & Faperj, 2015.

MARTINS, Leonardo Breno. Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências ufológicas e paranormais. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENDONÇA, Lucas. Clássico Comerário meio século de rivalidade profissional. Sem Retranca, 2023. Disponível em: <https://semretranca.com.br/classico-comerario-meio-seculo-de-rivalidade-profissional/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino de. Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade.-. 2003.

ORLANDI, Eni P. Silêncios: presença e ausência. ComCiência, Campinas, n. 101, 2008. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2024.

ÓVNI sobrevoou o Estádio Morenã durante jogo de futebol. Mundo UFO, 22 set. 2021. Disponível em: <https://conexaoufo.com.br/ovni-sobrevoou-estadio-morenao-durante-jogo-de-futebol/>. Acesso em: 23 jun. 2022

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 3 (3): 3-15, 1989

RABOLÚ, V. M. Hercólobus ou planeta vermelho. Porto Alegre, Rígel, 2005.

RAMOS, Hugo Filipe. A Guerra Fria Cultural: Como a Cortina de Celulóide Contribuiu Para Derrubar a Cortina de Ferro, 2013.

RIBEIRO, Rafael. A bola de fogo que assustou e aterrizou os céus de Mato Grosso. *In: Correio do Estado*. [S. l.], 22 nov. 2018. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/memorias/a-bola-de-fogo-que-assustou-e-aterrizou-os-ceus-de-mato-grosso/341497/>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ROJCEWICZ, Peter M. The men in black experience and tradition: analogues with the traditional devil hypothesis. *The Journal of American Folklore*. Columbus, 100(396), 148-160, 1987.

SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática. Zahar, 2003.

SANDERSON, Ivan T. An Introduction to Ufology. *Fantastic Universe*. [s. l.], ed. 2, p. 27-34, Fevereiro 1957

SANTOS, Carlos Alexandre B. Eva Maria de Jesus (tia Eva). Memórias de uma comunidade negra. *Anuário Antropológico*, v. 37, n. 1, p. 155-181, 2012.

SATO, Gabriel. Conheça a história do Estádio Morenã: números e curiosidades. *In: Jornal DCI*. Campo Grande, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://www.dci.com.br/esporte/conheca-a-historia-do-estadio-morenao-numeros-e-curiosidades/110446/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SILVA, Sidney Barbosa da. Campeões do Campeonato Matogrossense da Primeira Divisão. *In: Campeões do Futebol*. [S. l.], 8 abr. 2023. Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/mato_grosso.html. Acesso em: 19 jun. 2023.

SOUZA, Jonas Garcia de. Astrobiologia: obstáculos e possibilidades, a (re)ligação com o Cosmos e o ensino de ciências. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2013.

STYCER, Mauricio. Bilu, o ET de Corguinho, questiona a Record. *In: UOL*. [S. l.], 18 out. 2010. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2010/10/18/bilu-o-et-de-corguinho-questiona-a-record/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SUTHERLY, Curt. UFOs: O último grande segredo. Trad. de Mariana Ribeiro e Marília Pagliaro. São Paulo, Universo dos livros, 2009. 128 p. Tradução de UFO Mysteries: a reporter seeks the truth.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. Algumas considerações sobre a Ferrovia Noroeste do Brasil: migração e ocupação em Campo Grande MT/MS (1905-1940). *MÉTIS: história & cultura*. Caxias do Sul, v. 13, n. 27, p. 233-251, 2015

UM óvni, espetáculo na capital. *Correio do Estado*, Campo Grande, n, 8673, p. 7, 8 mar. 1982.

VEDOVE, Rebeca Dalle. Futebol feminino: Sua história e a busca pela igualdade. Orientador: Adalgiso Coscrato Cardozo. 2021. 35 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

WERNECK, Alexandre. Graça em tempos de desgraça? A jocosidade como operador da crítica nos memes na pandemia. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, p. 1-16, 2020.